

A Relação entre as Comunidades de Macau e a Identidade das Pessoas de Macau

(Elson) Eden Liu de Castro Nº 2020112331

Trabalho de Projeto de Mestrado em Antropologia (Cultural Visual)

Setembro, 2022

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia (Cultural Visual) realizado sob a orientação científica de FCSH.

Para todos que conheço na minha vida:

Os envolvidos na pesquisa contribuíram para a realização deste trabalho,

Todos na minha vida me fizeram quem eu sou.

A Relação entre as Comunidades de Macau e a Identidade das Pessoas de Macau

(Elson) Eden Liu de Castro

O povo de Macau é uma comunidade muito complexa. “A diferença é Macau” é o *slogan* turístico de Macau, mas qual é a diferença?

Macau tem uma relação especial com Portugal, um país do outro extremo da Eurásia, o que tornou Macau um sítio peculiar com a coexistência das culturas ocidental e oriental. Devido à chegada e à instalação dos portugueses no território, surgiram em Macau pessoas de origens diferentes: os portugueses, os macaenses e os chineses de Macau, entre outros. Os macaenses orgulham-se muito de ser “filhos da terra”, mas, na verdade, todos nós somos “filhos” de Macau. Após a transferência da soberania de Macau para a República Popular da China, passou a haver mais pessoas de várias origens, principalmente de países asiáticos, que vieram procurar melhores oportunidades de trabalho, o que diversificou ainda mais a composição da comunidade de Macau. Atualmente, os habitantes de Macau vivem como se pertencessem a universos paralelos – as diferentes comunidades estão separadas, pelo menos a nível da comunicação interpessoal, vivendo numa espécie de “convivência isolada”, embora todos vivam realmente na mesma terra. Desta forma, a identidade do povo de Macau torna-se cada vez mais complexa. Quem é, na verdade, o povo de Macau?

Assim, este trabalho tem por objetivo clarificar a situação atual desta convivência e a relação entre as comunidades de Macau. O trabalho será constituído por três partes: a identidade do povo de Macau, as relações atuais entre as suas comunidades e as potenciais formas de melhorar a comunicação entre elas no futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Macau, macaense, identidade, comunidade, migração

The Relationship between Macau Communities and Identity of the People of Macau

(Elson) Eden Liu de Castro

The people of Macau are a very complex community. “The difference is Macau” is Macau's tourist slogan, but what's the difference?

Macau has a special relationship with Portugal, a country at the other end of Eurasia, which made Macau a peculiar place with the coexistence of western and eastern cultures. Due to the arrival and installation of the Portuguese in the territory, people of different origins emerged in Macau: the Portuguese, the Macanese and the Chinese from Macau, etc. Macanese are very proud of being “*filhos da terra* (sons of the land)”, but, in fact, we are all “sons” of Macau. After the transfer of sovereignty from Macau to the People's Republic of China, there were more people of various origins, mainly from Asian countries, who came to look for better job opportunities, which further diversified the composition of the Macau community. Currently, Macao inhabitants live as if they belong to parallel universes – the different communities are separated, at least in terms of interpersonal communication, living in a kind of “isolated coexistence”, although we all really live in the same land. In this way, the identity of the people of Macau becomes increasingly complex. Who really are the people of Macau?

Thus, this work aims to clarify the current situation of this coexistence and the relationship between communities in Macau. The work will consist of three parts: the identity of the people of Macau, the current relationships between the communities and potential ways to improve the communication between them in the future.

KEYWORDS: Macau, Macaense, identity, community, migration

II. 2. 6	Conclusão.....	67
Capítulo III:	Metodologia.....	69
III. 1.	Seleção de técnicas.....	69
III. 2.	Seleção de temas e as entrevistas.....	72
III. 3.	A Filmagem.....	76
Capítulo IV:	Resultados e discussão.....	80
IV. 1.	A identidade das pessoas de Macau.....	80
IV. 2.	A história, a transferência da soberania de Macau e o repensar da identidade.....	91
IV. 3.	A língua.....	96
IV. 4.	A comunicação entre as comunidades de Macau.....	101
IV. 5.	“Macau é um lugar onde o oriente e o ocidentais se encontram”?.....	107
IV. 6.	O símbolo da cidade.....	109
IV. 7.	O desenvolvimento e Mudança Urbana de Macau.....	111
Conclusão.....		117
Bibliografia		121
Lista de Figura		135
Anexo.....		139
Parte 1: O vídeo.....		139
Parte 2: Informações básicas e antecedentes de cada entrevistado (unisexos).....		139

Introdução

“Como é Macau? Quem é o povo de Macau? Qual é a sua identidade?”

Como faço parte do povo de Macau, penso muito na resposta a estas perguntas que são semelhantes a três famosas perguntas filosóficas amplamente conhecidas na comunidade chinesa: Quem sou eu? Onde estou? O que é que estou a fazer? No entanto, no caso da comunidade de Macau, é mais difícil responder-lhes.

Desde a chegada dos portugueses em 1560s, esta cidade, Macau, foi tratada de um território particular devido a esta cultura ocidental. A comunidade de Macau tornou-se um *melting pot* étnico e cultural, cujos diferentes elementos das diversas culturas convivem em boa harmonia: os chineses que vieram da China Continental para Macau nos períodos diferentes, os macaenses, os portugueses, os trabalhadores estrangeiros que vêm mais recente e muitas mais pessoas de origens diferentes partilham esta terra minúscula há vários anos. Além das comunidades principais que vivem agora em Macau, na sua história, inclui também na cultura de Macau as influências dos países ocidentais (Espanha, Holanda, Reino Unido, Itália, França, Bélgica, Dinamarca, etc.) e dos orientais (Japão, Filipinas, Malásia, Vietname, Camboja, Indonésia, Brunei, Índia, etc.), o que faz Macau ser Macau.

“A chamada ‘cultura de Macau’ não deve ser definida simplesmente como um conceito estático de acumulação histórica. A ‘cultura de Macau’ deve ser entendida como um sistema dinâmico, entrelaçado e integrado pelas diferenças, bastante inclusivo e aberto. Em particular, o impacto e a interseção da segunda onda de significado global que ocorreu nos tempos modernos rompeu o isolamento entre a China e o mundo inteiro. O papel histórico de Macau na comunicação entre as culturas chinesa e ocidental é crucial.” (Gu 2017, 17)

Historicamente, Macau era sempre um lugar onde os chineses e os ocidentais conviviam, desenvolvendo um fenómeno cultural e uma autoidentidade únicos. Como todas as colónias ultramarinas portuguesas, os colonos portugueses, como eram um grupo pequeno, para manter o domínio e gestão da colónia, deviam contar com a cooperação e a convivência com a população local. O casamento misto com a população local (especialmente mulheres locais) tornou-se um fenómeno comum nessas cidades

coloniais portuguesas, incluindo Macau. Daí os chamados povos macaenses que viviam na interface entre colonizadores e colonizados e faziam parte da herança colonial. Os macaenses situam-se entre os dois maiores grupos étnicos da Europa e da Ásia em termos de aparência e modo de vida. As características culturais de ambos tornam muitas vezes as suas identidades confusas e contraditórias. Também são facilmente afetados pelo poder político, ambiente social e cultura dominante. No entanto, esta é precisamente uma das características básicas mais importantes da cultura de Macau.

Talvez, devemos pôr duas aspas de lados da palavra “harmonia”, tornando-se “em boa ‘harmonia’” seja melhor. Isso depende da nossa definição da palavra. O que quer dizer que, se “uma sociedade harmoniosa” é uma sociedade sem conflitos entre os cidadãos, sim, Macau é uma cidade harmoniosa porque, como diz a gente, “o povo de Macau é muito simpático e obediente”. Porém, se “uma sociedade harmoniosa” deve ser coerente e ativa, havendo comunicações em todos os níveis e aspetos entre indivíduos e comunidades, Macau ainda é uma cidade harmoniosa? Haverá, provavelmente, algumas divergências.

“Os cidadãos de Macau vivem em ilhas mono culturais.” (Rocha 2002, 110)

Durante muito tempo, embora tenha havido um considerável intercâmbio e integração de culturas orientais e ocidentais em Macau, devido à situação política de “governança separada para chineses e estrangeiros” (華洋分治) em Macau, existiam diferentes graus de discriminação e xenofobia entre ou dentro nos grupos étnicos, mudando com política, poder, cultura dominante da sociedade, etc. “Apesar desta harmonia, ainda se fizeram sentir algumas marcas de xenofobia e de etnocentrismo da parte dos portugueses em relação aos chineses locais, manifestada pela prática de ideologias colonialistas, na discriminação dos chineses. Estas tendências negativas dificultaram a continuação da assimilação recíproca das duas culturas.” (Ngai 1997b, 163-164)

Embora haja menos comunicações entre as comunidades e a separação entre umas das outras, isso não parece ser uma coisa boa. Porém, na verdade, tudo tem dois lados, bom e mau. A cultura é fluida e é facilmente influenciada por vários fatores ambientais e cultura dominante, resultando em aculturação e outros fenómenos. Nesta situação em que as várias comunidades étnicas da sociedade de Macau estão

relativamente separadas, as várias culturas ganham certa distância e independência. As culturas dos chineses, portugueses e doutras etnias em Macau ainda são mantidas consideravelmente as suas próprias culturas tradicionais únicas.

Afinal, Macau é uma sociedade “multicultural” ou “pluricultural”? Apesar da maior separação entre as comunidades de Macau em comparação com as doutros países e dos sítios, comunicando-se e coexistindo como em tempo e espaço paralelos, os vestígios deixados pelos ancestrais ainda existiam e as áreas indistintas no limite da cultura ainda estavam ativas. Além disso, as culturas centenárias chinesas e ocidentais, quer havia intercâmbio ou era apenas um tipo de convivência, acabaram por dar origem a uma etnia indígena única, macaense, que marcou Macau. Isso é inegável e o seu valor precisa ser preservado com urgência. Esta é a base para dizermos “Num mundo de diferenças, a diferença é Macau”. Assim, neste trabalho, utilizará “multicultural” para descrever as características culturais de Macau, de forma a estar mais próximo da situação real de Macau.

As fronteiras das culturas são equívocas e há muitas possibilidades de comunicação e de tolerar umas com outras. Romper todas as fronteiras, remover as peculiaridades da cultura de cada comunidade étnica como o desencantamento e permitir que todos se integrem completamente como num grupo integrado, isso ajudará na harmonia social? Talvez. Porém, quando eles são integrados como uma só, as culturas são homogeneizadas numa só cultura e o valor de múltiplas culturas perde-se, seja da perspectiva do todo ou da de cada grupo cultural. A teoria centroperiferia também pode ser refletida nela. O centro de uma cultura é sempre mais central e estável, enquanto a sua periferia é vaga e cheia de possibilidades. Parte da vitalidade e fresco da cultura veem da fronteira e, para manter uma certa estabilidade geral, a fronteira também está numa posição crítica.

Nesta sociedade multicultural, embora várias culturas sejam como diferentes variedades de flores num canteiro de flores que compitam pela beleza, há sempre um ou alguns tipos de culturas dominantes na sociedade, sendo influenciadas pelo poder político atual e pela proporção da população das comunidades étnicas destas culturas. A cultura é “vivida por pessoas com características e antecedentes históricos comuns”, existindo nas suas vidas e nos costumes tradicionais. Eles também precisam dos veículos

da cultura para herdar. A cultura não pode existir sem as pessoas, nem pode ser separada do fundo histórico quando a analisamos. Se estiver separada das pessoas e do tempo histórico da cultura, a cultura parará de fluir e perderá a sua vitalidade, tornando-se os fragmentos que flutuam no longo rio da história e derivam, passam com o vento e, afinal, desaparecem.

“A city, like a house, represents a life style, in which men and women are the beginning and the end; and that is translated into the social, cultural and political identity of urban agglomerations. If this simple concept of urban planning is not put into effect, if the civic powers responsible for the urban administration of the city do not become aware, and, moreover, if the architectural profession does not harmonise economic concerns with architectural work, then this city, just like many others, will lose its identity for good, even if the Administration maintains its efforts to rehabilitate the existing buildings that are symbols of a recent past and real examples of an urban identity.” (Massapina 2001, 211)

Em Macau, onde várias culturas têm os seus próprios limites relativamente claros, a cultura dominante é afetada pela mudança de regime e pela proporção da população de cada comunidade étnica. Na véspera da transferência de soberania, Macau encontrava-se num estado de “governança separada para chineses e estrangeiros”, embora houvesse intercâmbios, cada uma delas tinha a sua cultura como a principal: o nível de gestão de topo era controlado pelos portugueses e, naturalmente, a cultura portuguesa foi a dominante, enquanto também foram afetados os da classe média e os macaenses entre a China e Portugal devido à influência do poder e das condições de vida. Eram dominados pela cultura portuguesa, mas há também uma “sombra” da cultura chinesa. E a comunidade chinesa, que representa a grande maioria da população de Macau, era naturalmente dominada pela cultura chinesa; voltando às mãos da etnia chinesa a soberania, a cultura chinesa pode exercer a sua maior influência numa situação em que tanto a governança como a população são intocáveis. Especialmente nesta terra da cultura chinesa, no processo de perplexidade e dor, os macaenses gradualmente identificam-se como chineses, tanto em nível cultural quanto em nível nacional.

O governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tem sido relativamente bem-sucedido no equilíbrio entre a consciência nacional e a consciência

local. Uma das chaves é que o Centro Histórico de Macau já formou um entendimento geral na sociedade durante o processo de candidatura ao Património Cultural Mundial, ou seja, a história do colonialismo, também faz parte da história. Sob a transformação do governo da RAEM, o discurso colonial assumiu também as características de destacar o valor dos intercâmbios culturais e da integração das culturas chinesa e ocidente, sendo gradualmente moldado na marca e rótulo de Macau, mas principalmente evitou falar sobre a colonização. Algumas pessoas podem sentir que precisam enfrentar a sua própria história, mas olhando para a situação em Hong Kong, essa pode não ser a única saída para Macau.

Os limites existem porque as pessoas estão acostumadas a dividir os “Outros” oriundos doutras raças e “eu”. Caso contrário, se o mundo está em harmonia e há apenas uma comunidade étnica no mundo inteiro, como pode haver a necessidade de estabelecer uma fronteira para dividir eu e outros? Olhando para trás na história, a classificação só tende a ser refinada ao longo do tempo, porque a classificação é a base dos padrões de compreensão humana e o cérebro processa as informações de forma classificada. Os modelos de classificação criados por Charles Robert Darwin e Carl von Linné fazem a base do entendimento humano sobre a sua posição no mundo, aplicando também naturalmente esse modelo à sua própria sociedade e vida. Caso contrário, raça é apenas um conceito sociológico e não uma classificação criada pelo isolamento biológico reprodutivo. Somos todos “africanos”, criaturas da Terra, parte da aldeia global, não fazendo distinção entre “Eu” e “Outros” nesta família. A visão estreita da maioria das pessoas estabelece que a sociedade humana só pode se compreender num nível cada vez mais microscópico, “fazendo” inimigos para nos unir.

As fronteiras e “inimigos” estabelecidos pela maioria desempenham um papel crucial na identidade estabelecida pelo grupo étnico ou nação. “A fronteira circunscreve a zona de integridade, de inviolabilidade. Quanto ao ‘inimigo’, permite levantar o problema da identidade nacional (ou étnica) em termos fundamentais da vida e da morte, da existência, da liberdade. Permite ainda todas as fixações agressivas de superioridade-inferioridade.” (Morin 1998) Entre eles, a língua própria formada dentro na etnia desempenha um papel muito crítico no estabelecimento de fronteiras étnicas, o que se reflete tanto na literatura quanto nas narrativas dos entrevistados:

“Generally, you fit in with the people who speak the same language. Even like, I heard, the chinese people going to US, but the certain people will hang out together.” (Entrevistado 1)

O “Outro” é como um espelho, refletindo a diferença entre “Eu” e “Outros”. Quando existem diferenças, existem classificações; quando existem classificações, existem comunidades e grupos étnicos; quando existem grupos étnicos diferentes, existem diferenças entre o “inimigo” e o próprio povo. É como o aumento da entropia que torna o nível molecular cada vez mais caótico na escala de avanço do tempo sem a ação de forças externas. Os grupos étnicos só podem executar o “Movimento Browniano” e colida livremente entre si para encontrar uma relação com outros grupos, uma distância confortável para ambas as partes.

No processo de colisão, no encontro com pessoas que diferem de si mesmas, vão descobrindo gradativamente algumas características próprias e diferenças com os outros. Essa diferença permitirá que os indivíduos estabeleçam um conceito de “quem eu sou”, quer os componentes do “eu” sejam obtidos a partir da própria busca ou reflexão de outros, durante um longo período de tempo, uma identificação com esses elementos se estabelecerá, quer seja boa ou má no discurso público. É também aqui que a sociedade desenvolve papéis e valores que se tornarão o código de conduta e a estrutura da sua identidade. As identidades representadas por esses elementos vão surgindo gradativamente na neblina, formando um ciclo positivo: conviver com pessoas com identidades comuns ou semelhantes, descobrir constantemente traços que foram negligenciados por si mesmo, ou encontrar “Outros” para compreender a si mesmo. Isso aprofundará a identificação do indivíduo com a identidade, para depois a buscar cada vez mais, criando uma maior coesão com pessoas semelhantes e um maior sentido de resistência ao “Outro”. Esta é também a razão para o fenômeno da “câmara de eco ideológica”¹ hoje. As pessoas não estão mais satisfeitas com a distinção sutil dos grupos étnicos.

Duzentos anos após o surgimento do conceito de “estado-nação”, o “estado” tornou-se a unidade básica de governança administrativa. A identidade do indivíduo

¹ Câmara de eco ideológica: é uma descrição metafórica de uma situação em que informações, ideias ou crenças são amplificadas, ou reforçadas pela comunicação e repetição dentro de um sistema definido.

também distingue entre “patriotas” e “reformadores” em torno da identidade nacional. Existem muitas doutrinas e fações subdivididas nisso, cada uma com atributos e características diferentes, mas está além do escopo deste trabalho, então não vou ampliar por enquanto. Contudo, é importante esclarecer que “patriotas” e “reformadores” não são antónimos um do outro. Às vezes os dois têm objetivos semelhantes, mas formas diferentes de conhecê-los e alcançá-los.

O que é posta muitas vezes na mesma situação com a identidade nacional, especialmente em Hong Kong e Macau, é a identidade local. Semelhante à identidade étnica, como significa literalmente, a identidade local está mais intimamente relacionada a um espaço territorial específico do que a identidade étnica. Este espaço é principalmente um espaço físico real, ou um espaço físico no início, com o acúmulo de história e tempos ou a mudança de regime, pode tornar-se um território de consciência, através de uma consciência de pertença para manter a estabilidade do grupo étnico, e a ligação e consistência entre os indivíduos da comunidade. Eles compartilham algumas características, origens e costumes comuns, formando uma cultura única dentro no grupo.

“The question of origins is a central theme to building any ethnic identity, since it involves not only defining the group as such compared to other groups, but also the cultural definitions that each member of the group defines individually. The confrontation between different definitions of identity tends to weaken the strength of evidence and therefore the legitimacy of each alternative, meaning that in a multi-ethnic and a multicultural context like Macao, the issue of origins is more emphatic, and generally, contains a considerable emotional content.”
(Gaspar 2014, 21-22)

A identidade local e a identidade nacional às vezes têm uma visão diferente sobre certas coisas, o que é fácil causar conflitos. Mas em muitos casos, as coisas são, na verdade uma que tem dois lados, que podem ser entendidos e discutidos de diferentes ângulos e níveis, então, de facto, a identidade local e a identidade nacional podem coexistir e não é uma relação que pode sobreviver só um entre “Eu” e “Outros”. Como afirmou um entrevistado:

“A minha resposta é necessária, mas também muito geral, que é ‘construir um discurso pluralista’. Pessoalmente, acho que a identidade nacional e a identidade local poderiam não estar em conflito. Estabelecer esse discurso pluralista é fornecer um discurso para grupos locais e étnicos. Tal como Macau, neste contexto histórico único, faz parte da história chinesa.” (Entrevistado 2)

“The case of Macau is unique in showing that the making of a national identity may not be the prime goal of a new regime, and that the regime may not be antagonistic to the features of ‘the other’ – colonial attributes and local identities – that it has inherited. Rather, the new government has cultivated a hybrid identity, including local, national and international identities, believing that these can advance not only nation building but also the economic goals beneficial to governance. Contrary to common wisdom, the process of identity making is not a clear process of differentiating ‘the other’ from ‘the self’ and repressing ‘the other’ but is instead a process of incorporating the identities of ‘the other.’” (Lam 2010, 659)

Capítulo I: Estudo de caso

Macau era apenas uma pequena terra discreta no lado leste da Eurásia. No século XVI, tornou-se deslumbrante quando os portugueses usaram alfinetes para fixá-la no mapa da China e até no mapa-múndi. Desde então, Macau tornou-se um importante nó nas importantes rotas do mundo, ligando o mundo, especialmente a interseção de religião, cultura, etnia, comércio e outros aspetos entre a China, Japão, Índia e Europa. No entanto, por centenas de anos, civilizações orientais e ocidentais convergiram e colidiram aqui. Nesta pequena terra onde convivem pessoas de todo o mundo, não há muitas disputas entre grupos étnicos, mas uma vez que elas aconteçam, terão um papel no desenvolvimento futuro de Macau, incentivando um tipo de viragem história, uma inversão de marcha. Como o assassinio de Ferreira do Amaral e o “Motim 1-2-3”, encontram-se num momento crítico da história de Macau. Contudo, estes incidentes esporádicos foram resolvidos de acordo com o que Kai C. Fok (霍啟昌) chamou de “Fórmula de Macau” (澳門模式/澳門方程式). Porque antes da entrega, Macau estava numa narrativa de uma situação de “arrendamento” e de “governança em nome dos chineses” e, de facto, a implementação real não era muito diferente do domínio colonial, embora a situação fosse basicamente a “governança separada para chineses e estrangeiros” antes do assassinio de Amaral. No entanto, nesta pequena terra, a maior parte dos recursos vitais depende da importação da China Continental, o que significa que a força vital dos portugueses está nas mãos do governo chinês continental. Portanto, todos os incidentes em Macau são basicamente resolvidos pelas concessões do governo de Macau Português, pelo que parece estar bastante harmonioso passados centenas de anos. Contudo, por trás desse tipo de “harmonia”, os grupos étnicos são realmente tolerantes e felizes uns com os outros, ou é apenas a superfície calma e as ondas são turbulentas por dentro e o mundo está escondido?

I. 1. Formulação do problema

Macau é um espaço complexo, tanto de uma perspetiva histórica como atual. É uma cidade fronteiriça dependente do equilíbrio entre diferentes forças políticas, e tem sofrido grandes transformações nas últimas décadas. Macau vai continuar a sua vida

como um cruzamento de culturas, de sociedades e de sistemas económicos. Macau tem sido também um cadinho de pessoas e tradições socioculturais de Portugal e da China, mas também do Sudeste Asiático, e desempenha um papel central na história deste contacto, atuando como uma porta de entrada entre eles.

Em 2021, Macau é uma sociedade multilingue com uma população de cerca de 682.070 habitantes, dos quais a população local representa 83,3% e os trabalhadores não locais e estudantes não locais representam 16,7%. De acordo com os resultados estatísticos do censo de 2021 em Macau, em termos de local de nascimento, 43,8% nasceram na China Continental, 41,3% nasceram em Macau, 3,3% nasceram em Hong Kong e 0,3% nasceram em Portugal. Entre os trabalhadores não locais de Macau, 5,0% nasceram nas Filipinas, 1,8% nasceram no Vietname, 2,7% nasceram em Portugal, na América, na África, na Oceânia e noutros países e regiões. Em termos de etnia, os chineses representaram 89,4%, macaenses 1,2%, portugueses 0,8%, descendentes de chineses e não portugueses 0,2% e outros 8,5%. Podemos ter uma ideia da complexidade da comunidade e da língua de Macau a partir dos resultados do censo de Macau. (DSEC 2021)

Todas as pessoas de Macau têm sentimentos diferentes em relação a Macau, mesmo entre os entrevistados desta investigação, havendo também muitas reflexões. Quando as pessoas de outros países e regiões respondem à pergunta “de onde são”, a maioria toma o país como base: “Sou do (seu país)”. No entanto, as pessoas de Macau têm uma obsessão misteriosa em “ser o povo de Macau”. A maioria das respostas será “uma das pessoas de Macau” ou “um(a) chinês(a) de Macau”, “um(a) filipino/a de Macau”, etc., enfatizando sempre aos outros que “sou de Macau”. Mesmo quando alguém pergunta “tu és chinês(a)/português(a)?”, gostam de responder “Sim, sou de Macau” ou “Isso mesmo, mas sou de Macau. É um pouco diferente.” Gostam de enfatizar que são diferentes, de apresentar Macau a pessoas de outros lugares e de partilhar as histórias de Macau. Parecem-se ter medo que os outros não saibam que “sou de Macau”. No entanto, para aqueles de nós que falamos do “pessoas de Macau”, já alguma vez pensamos quem é as “pessoas de Macau” ou o que pensam os outros das “pessoas de Macau”?

Se se quer que os outros se lembrem facilmente, seja um indivíduo ou uma cidade, seja “ser uma pessoa de Macau” ou “Macau”, precisa-se erigir algumas marcas e símbolos, formando a primeira impressão dos outros e dizendo uma boa história de Macau. No entanto, quais são as características do povo de Macau? Quais são as características de Macau? Existem símbolos da cidade como a Torre Eiffel ou a gôndola veneziana? Alguém já pensou e discutiu sobre estes assuntos? Como é que é a relação entre o povo e Macau? O que as pessoas de Macau pensam no desenvolvimento de Macau nos últimos 20 anos?

Tomemos como exemplo as Ruínas de São Paulo. Surpreendentemente, poucos inquiridos responderam que o símbolo da cidade de Macau é as Ruínas de São Paulo. Embora este possa ser o meu sentimento pessoal subjetivo, não importa o governo ou empresários, eles costumam usar as Ruínas de São Paulo como símbolo da cidade. Supunha que haja mais pessoas que responderam às Ruínas de São Paulo como símbolo de Macau, mas o facto difere da minha ideia.

O estado das Ruínas de São Paulo é inigualável, seja em Macau de hoje como um símbolo da cidade ou como um importante ponto de encontro das culturas chinesa e ocidental ao longo da história. As Ruínas de São Paulo foi o Catedral de São Paulo mundialmente conhecido, que desempenha um papel insubstituível no intercâmbio de religião, cultura, idioma, tecnologia e outros aspetos. Após três incêndios, resta apenas a parede frontal da Catedral, agora conhecida como as “Ruínas de São Paulo”, que testemunhou as vicissitudes de Macau. Em 2005, teve sucesso na candidatura para ser património no nível mundial em conjunto com outras heranças de Macau. Isto destina-se a desempenhar um papel importante na formação da consciência local, da identidade e do sentimento de pertença da população de Macau a Macau.

Sob a onda da globalização, a identidade tem estado cada vez mais em causa e os governos de vários países cultivavam um sentimento de identidade entre os seus cidadãos com fortes esforços. Macau não é exceção. O contexto histórico e cultural de Macau é relativamente complexo: culturas e identidades diferentes, por vezes, misturam-se harmoniosamente e, por vezes, puxam-se umas às outras, existindo muitas contradições e emaranhados. Macau também desenvolveu-se rapidamente nas últimas duas décadas, com grandes mudanças sempre ocorrendo, mas as mudanças no espaço

urbano e a criação de poder espacial também afetariam subtilmente a identidade das pessoas de Macau que nele vivem. Qual é a relação entre eles? Esta é uma questão que vale a pena pensar.

I. 2. Objetivo do estudo

Na história do mundo, embora Macau seja um caso peculiar e valioso, foi negligenciado por muitos anos e não há muitos estudiosos que prestam atenção e realizam pesquisas. Uma vez que poucas “árvores” foram plantadas por antigos eruditos que estudaram sobre Macau, quando os estudantes escolhem os temas, a maioria deles concentra-se na China Continental, Hong Kong e Taiwan, mesmo os estudantes locais. Este círculo vicioso torna a acumulação académica de Macau lenta. Dado que Macau é uma cidade de imigrantes, poucos são realmente nascidos e vivem há muito tempo em Macau. A maioria dos habitantes de Macau não tem uma relação profunda com esta terra. Macau é mais um lugar para melhorar a vida e não há memórias sobre a sua vida em Macau. Isto afeta também os seus descendentes porque os pais não sabem muito sobre a história de Macau e não sabem muito sobre Macau, pelo que não podem partilhar com os filhos como era Macau, o que também afetará os sentimentos dos seus descendentes por esta terra.

Felizmente, com a globalização e a emergência de sujeitos individuais, os habitantes de Macau têm mais oportunidades de conhecer o “Outro” e pensar mais sobre a sua própria identidade e a sua posição no mundo e na sociedade. Beneficiando-se do desenvolvimento da informação na Internet e dos movimentos sociais nas áreas vizinhas nas últimas décadas, a cognição da população de Macau foi alargada, a consciência local foi desperta e mais pessoas vão pensar em “quem sou eu” e onde é a minha “casa” e assim por diante. Independentemente da conclusão, é sempre bom que haja mais reflexão e discussão na sociedade. Por isso, nos últimos anos, mais e mais pessoas estão prestando atenção às questões de Macau e estão dispostas a gastar tempo e esforço para entender a sua própria terra.

No entanto, no processo de recolha de dados ao pensar sobre o tema de investigação, constatei que a literatura centra-se sobretudo em dois aspetos: a identidade dos macaenses e a identidade nacional dos chineses em Macau. Com efeito, após uma grande mudança como o regresso, o valor único dos macaenses e a identidade

dos chineses, que constituem a grande maioria da população de Macau, são os temas que mais preocupam os estudiosos e os governadores. Porém, estamos de volta há mais de 20 anos. Devemos também aprender sobre a identidade de outros grupos étnicos ou de outros aspetos e níveis? Estamos todos a dizer que somos as “pessoas de Macau”, então quem somos “nós”? Quem são as “pessoas de Macau” se referem? Alguém tem uma perspetiva macro e tem interesse em saber como é as “pessoas de Macau” num nível mais inteiro? Quais são os seus pensamentos e sentimentos sobre Macau? O que as “pessoas de Macau” que vivem em Macau pensam sobre o desenvolvimento acentuado nestas duas décadas? Isto são as questões que me preocupam como parte das “pessoas de Macau” e são também questões em que vou pensar quando pensar em “quem sou eu?”.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é apresentar aos leitores os meus pensamentos e as discussões com outras “pessoas de Macau” que encontrava. Algumas pessoas podem dizer que, se há um problema, não deveríamos encontrar a solução? No entanto, receio que não haja uma resposta definitiva para estas questões. O tempo flui, a história irá desenvolver-se e cada “pessoa de Macau” irá também ter a sua opinião sobre estas questões. “Existem mil Hamlets aos olhos de mil habitantes de Macau.” Nem eu próprio penso que a resposta possa ser encontrada no último momento da vida. Talvez, essas perguntas em si não tenham respostas, mas sejam apenas um gatilho para todos pensarem. Talvez o resultado não seja importante, o que importa é o processo de pensamento.

Espera-se que, através desta investigação, possamos “abrir um buraco” para observar o passado e apresentar-vos em forma de palavras e imagens como o atual povo de Macau pensa no seu ser-aí.

I. 3. Descrições de termos

I. 3. 1 A cultura e a identidade étnica

A paisagem é natural mas também artificial. O processo de o observar é também o processo de seleção e interpretação. Caso contrário, por que olhamos para cá e não para lá? O fator-chave que determina a escolha é a formação da nossa estética pela cultura. (Schama 1996) A nossa experiência e formação cultural criam o “quadro” no

cérebro, sendo o cérebro que silenciosamente faz uma escolha entre todas as informações visuais à nossa frente. A razão pela qual montanhas, rios, campos e mares constituem uma paisagem não é o tipo de elementos constitutivos que ela possui, mas o significado que ela tem nos antecedentes culturais de cada pessoa e quais sentimentos pessoais ela pode evocar. Para tanto, é necessário primeiro explicar a história da formação do meu “quadro” e o dos entrevistados.

O que é cultura? A cultura está em toda parte, desde a nossa pesquisa sobre todos os seres humanos até os pequenos gestos de cada indivíduo, todos expressando e herdando a cultura. Em diferentes períodos da história, diferentes origens sociais, diferentes círculos acadêmicos e até mesmo cada estudioso terá o seu próprio conjunto de entendimentos sobre “o que é cultura”. Portanto, antes de iniciar as outras discussões de pesquisa, é necessário explicar, principalmente no contexto da antropologia e da sociologia, a minha compreensão sobre a cultura, bem como vários aspectos da cultura que este trabalho se preocupa mais.

O tema deste trabalho é a identidade e como os indivíduos no espaço urbano de Macau irão afetar a identidade dos indivíduos de diferentes etnias. Quando se trata de identidade, a cultura está numa posição que não pode ser ignorada. A formação da identidade é estabelecer a identidade de si mesmo e da cultura do grupo étnico no contexto da cultura. Após aceitar a identidade, essa cultura reconhecida refletir-se-á naturalmente na vida do indivíduo, incluindo as ações, a linguagem do indivíduo, preferências, etc., bem como a etiqueta no trato com os outros e as atitudes interindividuais e interétnicas, etc. Todo o sistema e o seu modo de funcionamento são a materialização da cultura num dos aspectos.

“Culture tells us who we are, what positions we hold in our society, with whom and in what language we communicate. In this particular sense, individuals in a society are in fact cultural persons; each was born into a culture and grows up to become a cultural being.” (Wang 2011, 4)

Na antropologia, a cultura refere-se à “experiência acumulada através da aprendizagem”. Ward Hunt Goodenough argumenta que a cultura na antropologia se refere a duas coisas muito diferentes: primeiro, o termo cultura é muitas vezes derivado do padrão de vida dentro de uma comunidade — as atividades regulares recorrentes e

arranjos físicos e sociais. A ordem é específica para um determinado grupo humano. Nesse sentido, a palavra “cultura” refere-se ao reino dos fenómenos observáveis. Segundo, o termo “cultura” é usado apenas para o sistema organizado de conhecimento e crença que um povo usa para construir as suas experiências e percepções, regular o seu comportamento e determinar as suas escolhas. A “cultura” neste sentido refere-se ao reino das ideias.

Após o passar do tempo neste sistema cultural, alguns hábitos e padrões de vida torna-se progressivamente o padrão único deste grupo. Através da prática contínua de cada indivíduo do grupo, essas vivências vão ser lentamente transformadas num sistema simbólico: “a negotiated set of shared symbolic systems that guide individuals’ behaviors and incline them to function as a group” (Chen & Starosta 1998, 26).

Bradford Hall também elevou esse sistema simbólico à escala da história: “historically shared system of symbolic resources through which we make our world meaningful” (Hall 2005, 4). Essas características culturais, como entendem Triandis e Albert (1987), pode ser distinguido entre cultura “objetiva” e cultura “subjativa”: A primeira é a associada a aspetos materiais (construções, jardins, etc.), é a cultura tangível. Pela sua vez, a cultura subjativa é intangível, está associada a normas, crenças, valores.

Portanto, cada indivíduo do grupo pratica esses padrões dia após dia conforme o padrão de vida desse sistema na sociedade e compartilha tal sistema com outros indivíduos do grupo, acumulando continuamente essas experiências ao longo do tempo, o que constitua um sistema de classificação que distingue ‘nós’ de ‘Outro’. Como afirma Jacques Derrida (1995, 96):

“O próprio de uma cultura é não ser idêntica a si mesma. Não o não ter identidade, mas o não poder identificar-se, dizer “eu” ou “nós”, de não poder assumir a forma do sujeito senão na não identidade a si ou, se preferirem, na diferença consigo. Não há cultura ou identidade cultural sem esta diferença consigo.”

Wu Zhiliang (吳志良) (2009, 139), um famoso estudioso de Macau, também apontou no prefácio do livro «Interação Social e Identidade - Uma Exploração da Estrutura Social de Macau» (《社會交往與認同——澳門社會結構探析》) que o autor

do livro, Nie Anxiang (聶安祥), refinou e desconstruiu o estado misto de Macau. Entre eles, a tradição tradicional chinesa de equilíbrio, contenção e tolerância tem mais pensamento democrático moderno na mistura com o pensamento jurídico ocidental, e os portugueses também aprenderam crenças religiosas orientais e diversos costumes culturais. Conforme discutido no livro, a comunicação tornou-se uma ação subconsciente entre os sujeitos das associações de Macau, que já não entram clara e conscientemente numa cultura heterogénea e não sentem a diferença entre o id e os Outros na comunicação. O sujeito tornou-se a mesma expectativa do ator para o Outro. Pode-se até dizer que se tornou uma nova forma cultural das culturas heterogéneas mistas.

Viver nesta sociedade multicultural será naturalmente influenciado pelo multiculturalismo e cultivará uma competência plural. Verifica-se João Maria André, “se a identidade de um indivíduo é plural, também as suas competências culturais são plurais” (André 2005, 136). É uma competência plural vivida de forma também individual. Assim, os habitantes de Macau estão habituados a viver num ambiente cultural diverso ou diferente, pelo contrário, sentem menos choque cultural após viajar, trabalhar ou viver em Macau. No entanto, tal ambiente também trouxe dúvidas e confusão para muitas pessoas de Macau sobre a sua própria identidade, especialmente para o grupo macaense exclusivo de Macau, o que não é propício para o estabelecimento da identidade cultural.

A maioria dos estudiosos concorda que a identidade é um autoconceito (Yep, 2002), a personificação da autoimaginação e autoidentificação (Mathews, 2000). Ting-Toomey (2005) tem uma ideia mais concreta de identidade:

É o reflexo de autoconceitos ou autoimagens que surgem dos processos da socialização de família, de género, étnica e individual. A identidade refere-se ao espelho dos indivíduos e outras perceções de si mesmos e da sua autoimagem. (Ting-Toomey 2005, 212)

Uma identidade cultural coletiva, por outro lado, refere-se aos “sentimentos e aos padrões de valor sobre a continuidade, a memória comum e o destino de um grupo de pessoas que compartilham experiências e símbolos culturais comuns.” (Smith 1990, 179) A identidade cultural concentra-se no nível cultural. As pesquisas relacionadas

começaram no final dos anos 80, o que é um problema inevitável na comunicação intercultural. Mary Fong, um estudioso da comunicação intercultural, enfatiza que a identidade cultural é uma construção, um sentimento de pertença a um grupo que compartilha uma cultura comum e define a identidade cultural de uma forma mais específica:

“A identidade cultural é uma construção social, uma identidade comunicativa que compartilha um sistema comum de signos linguísticos e comportamentos não verbais significativos para os membros de um grupo que compartilham um sentimento de pertença e uma tradição, história, linguagem e código de conduta adequado” (Fong 2004, 6)

Em relação à identidade cultural, pode haver pelo menos duas explicações diferentes: a primeira é definir identidade cultural como o acúmulo de uma cultura compartilhada, na qual pessoas de um mesmo grupo cultural formam o “eu” sob a mesma formação cultural e histórica; O segundo é explicar o “eu” a partir das diferenças entre os indivíduos, argumentando que as características do indivíduo que diferem dos outros constituem o verdadeiro “eu”. (Sun 2014a, 2014b)

Porque os macaenses sentem que não pertencem a nenhuma das culturas, a sua identidade é algo “marginal”. Na verdade, as coisas ditas marginais são as suas características culturais e é um sentimento completamente diferente no aspeto psicológico. (Sun 2003, 108) Ao enfatizar ou insistir na língua macaense, os macaenses também enfatizam ou insistem na diferença entre si e os Outros — é através desta diferença que, por um lado, mostra a herança dos antepassados, da história e da origem, e, por outro, demonstra a suto-identificação. A cultura reforça a identidade e a identidade étnica é baseada na identidade cultural.

A identidade cultural é do ‘eu’, que pode ser obtido da interação com as pessoas ou através dos media. A identidade cultural de todos é a parte mais importante da identidade pessoal, porque a cultura afetará profundamente o comportamento e a psicologia e as manifestações externas da psicologia comportamental constituem o próprio indivíduo. A identidade cultural é multifacetada. Kim (1988) acredita que existem diferentes grupos culturais e subculturais na nossa sociedade. As pessoas podem estar em vários grupos culturais diferentes em simultâneo, então as suas

identidades culturais são múltiplas. Na sociedade atual, é um fenômeno comum que as pessoas tenham múltiplas identidades culturais, o que também é um ponto que devemos prestar atenção quando examinamos as identidades culturais. O corpo cultural também possui características dinâmicas. A identidade cultural de todos não é fixa. A identidade cultural de um indivíduo mudará com as mudanças do seu ambiente e do grupo cultural, mostrando as características das mudanças dinâmicas (An 2011).

A identidade cultural é tão importante é que as tradições culturais estão relacionadas com as emoções culturais, memórias culturais e hábitos culturais das pessoas. Se houver uma falta de governança profunda do poder pré-fabricado das tradições culturais, então a prática de construção cultural contemporânea não apenas cairá num estado de deriva de “sem raízes e sem medo”(「無根無懼」), mas também será alienada dos conceitos culturais e da psicologia cultural de público, dificultando a obtenção de resultados reais. (Li & Tong 2011) O contrário do anonimato, que essa identificação busca, não é a fama, mas a distinção. Não é o reconhecimento de mim pelos outros, mas a minha confirmação e pertença a mim mesmo. A diferenciação é um trabalho muito árduo e delicado. (Zheng 2001, 54)

Numa sociedade multicultural, várias culturas comunicam-se e influenciam-se. Sob o domínio da cultura dominante e a ambiguidade das fronteiras culturais de grupos étnicos, é fácil promover o surgimento da assimilação. Entre as teorias das relações étnicas, a teoria da assimilação é uma das mais importantes. Robert Park define assimilação como “o processo de interpenetração e fusão de grupos e indivíduos, ou seja, indivíduos e grupos adquirem memórias, emoções, atitudes dos outros grupos e compartilham as suas experiências e histórias, convergindo gradativamente para uma vida cultural comum”. (Park, 1967) Park divide a assimilação em diferentes estágios, sendo o primeiro o período de contacto entre os diferentes grupos étnicos. O contacto neste período é competitivo, com competição entre grupos étnicos por recursos, emprego, espaço de vida, agência política, etc.; a segunda fase é um período de cooperação instável, em que os imigrantes são forçados a mudar e adaptar-se a novos ambientes. Durante este período, os imigrantes já tinham um certo grau de relacionamento estável entre os imigrantes e a sociedade principal, mesmo que essa cooperação os forçasse a inserir-se nas classes mais baixas. No entanto, uma vez que a

estratificação étnica existe, mesmo estratos mais baixos e grupos étnicos subordinados podem ser assimilados, mas a velocidade de assimilação é drasticamente reduzida. A etapa final, segundo a teoria de Park, é a assimilação de grupos de imigrantes com outros grupos. (Ho 2003)

A teoria da assimilação pode ser dolorosa e cruel para começar em termos de relações étnicas, mas aponta um caminho para um grupo étnico levar a diferentes aspetos da cultura principal. Isso inclui as assimilações cultural, estrutural, de casamentos mistos, de identidade, de atitude, de crença, de comportamento e política. Conforme a teoria da assimilação de Park e Milton M. Gordon, podemos constatar que, após o regresso de Macau, devido à separação da população macaense, à diversificação do emprego, ao enfraquecimento do estatuto político, à sinização da língua e da educação se adaptarem ao emprego, da popularização dos casamentos portugueses com os chineses, etc., o resultado desta série de ajustes é fazer convergir os macaenses para a cultura chinesa e borrar a fronteira com a etnia chinesa. A maioria da população em Macau é chinesa que é e provavelmente sempre será um grupo forte em Macau. Para sobreviver em tal ambiente, os macaenses tiveram que fazer tais ajustes. Porque a sua casa é em Macau, Macau é a sua única cidade natal. Além disso, eles também têm sangue chinês fluído nos seus corpos. Embora esta transição tenha sido dolorosa para muitos macaenses, em geral, quanto mais jovens eram, menos memória histórica tinham sobre a etnia macaense e menos dor sentiam. (Zhou & Li 2007, 136-137)

A identidade de Macau é um quadro em que as culturas diferentes se fundem e se aglutinam num modo de vida particular como o modelo de autoidentidade. Porque não existe uma narrativa única de Macau, uma cola interétnica, uma força centrípeta que une as comunidades, para encontrar o “eu” ou a resposta da questão “quem sou” no sentido de resistir ao “big bang” da identidade pós-moderna (a atomização do indivíduo). O ser-aí do indivíduo só pode ser afirmado continuamente ao enfatizar a diferença entre si e o Outro. Se os membros de um grupo étnico perceberem que têm uma cultura diferente de outros grupos, terão um forte senso de identidade com a cultura e, então, confirmarão e fortalecerão a identidade do seu grupo étnico. Esse fenómeno ainda existe hoje:

Um dia, andando na rua, encontrei uma amiga que conhecia muito bem. Vendo que não tínhamos nada para fazer no momento, encontramos um lugar para sentar e conversar juntos. Naquele momento, eu não tinha plano para a entrevistar e coletar informações, então apenas conversei sobre a situação atual casualmente, mas a minha amiga disse algo que me chamou a atenção: “alguns dias atrás, era fim de semana, então fui fazer compras com o meu namorado num centro comercial hoteleiro na Taipa. Devido à epidemia, se pretender entrar em locais fechados em Macau, é necessário apresentar o seu código de saúde à porta, o que pode reduzir o risco de um surto causado por pessoas. Quando a amiga e o namorado foram até a porta do hotel, o segurança disse-lhes em mandarim: “Por favor, mostre o código de saúde”. A minha amiga ficou muito insatisfeita quando ouviu isso porque o segurança a tratou como uma da China Continental. “Por que eu pareço uma da China Continental?” Ela também disse que deve ser devido ao namorado dela que ela foi confundida com uma da China Continental pelo guarda de segurança.

Fiquei muito interessado neste caso após ouvi-lo. Podemos ver dois pontos sobre este caso: as pessoas de Macau têm um tipo diferente de devoção a “ser pessoas de Macau”, gostando que todos soubessem serem pessoas de Macau e enfatizando as características deles que o povo de Macau tem através da diferença do “Outro”; além disso, pelo menos algumas pessoas de Macau têm um conceito profundamente enraizado de “superioridade” a certos grupos étnicos na sua subconsciência. Então quando são incompreendidos, eles vão naturalmente ter raiva e ressentimento por ser “desprezado”. Este mau hábito das hierarquias foi começado a enraizar-se nos corações dos habitantes de Macau há centenas de anos.

Os contextos sociais são sempre encontros que têm resultados variáveis e instáveis, semelhantes à descrição de Stuart Hall da identidade étnica como sempre incompleta, sempre em processo de se tornar. O objetivo deste estudo é observar como as pessoas de Macau pensam sobre “quem sou eu (nós)” neste longo período.

Baseando-se em abordagens antropológicas da etnicidade por Barth (1969) e Geertz (1973), Jenkins destaca as áreas-chave de uma antropologia consensual da etnicidade: a etnicidade é principalmente “uma identificação coletiva baseada na

percepção da diferenciação cultural”(2003, 7) e significados culturais partilhados, mas a etnicidade é produzida pela comunicação e interação através das fronteiras.

I. 3. 2 Centro e periferia

Num estudo anterior, Proshansky (1978) propôs que a identidade territorial se refere à definição de autoidentidade relacionada com a natureza através de um conjunto complexo de pensamentos conscientes e inconscientes, preferências, crenças, sentimentos, valores, objetivos, tendências comportamentais e habilidades relacionadas ao meio ambiente relacionadas ao ambiente local. (Gui 2010)

Desde o momento em que foi administrado por Portugal até ao seu regresso à China, Macau esteve sob uma espécie de estrutura de “centro duplo” (「雙重中心」) (Portugal e China). Como a interação entre o centro e as áreas de fronteira afeta a identidade das pessoas nas áreas de fronteira é um dos focos deste trabalho.

O chamado nacionalismo periférico refere-se principalmente à identidade política construída por moradores que vivem em territórios específicos, como as áreas de fronteira do país. Nas suas identidades, o grau de identificação política com o país pode variar, com alguns apoiando fortemente o governo central, enquanto outros podem ser alienados e até buscar a independência. (Lin & Chen 2020, 44)

Através do conceito de nacionalismo periférico, o estudioso de Hong Kong Fong, Chi Hang Brian (方志恒) propôs ainda a “estrutura de centro e periferia” (center/periphery framework). Tomando como exemplo a Macau de hoje, Pequim é o “estado central”, e a sua relação com Macau, as “região periférica”, é um processo dinâmico e interativo. Fong acredita que o regime central muitas vezes adota uma política de absorção ou assimilação para as regiões periféricas, na tentativa de influenciar a identidade das regiões periféricas e torná-las leais ao regime central. O centro e a fronteira estão numa relação de tensão. A interação entre os dois lados depende da influência das forças e fraquezas de cada um e apresenta uma interação estratégica de longo prazo de luta e cooperação. (Fong 2017)

Nas relações étnicas, as pessoas dentro de um grupo étnico não precisam enfatizar constantemente as suas conotações culturais. As características étnicas são frequentemente enfatizadas nas margens dos grupos étnicos, sendo subjetivamente

definidas, múltiplas e variáveis, de modo que “as margens torna-se o melhor lugar para a observação e a compreensão dos fenómenos dos grupos étnicos.” (Wang 1997, 77) A borda que entra no núcleo e o núcleo que absorve a borda são, na verdade, um processo mútuo, influenciando reciprocamente.

Variação cultural em larga escala num ou em ambos os lados causada pelo contacto e influência contínuos entre dois ou mais sistemas culturais diferentes, sendo a definição da aculturação do antropólogo americano Luke Lassiter. Antes do retorno de Macau, os portugueses eram politicamente fortes, mas culturalmente fracos, e a cultura chinesa cercava-os fortemente. Os portugueses não podem fazer concessões face a esta forte cultura chinesa porque são politicamente dominantes e sabem que um dia voltarão a Portugal. Eles poderiam continuar a manter o seu modo de vida português dentro no círculo da classe dominante superior. No entanto, o caso dos macaenses é diferente. Para eles, Macau é a sua casa e o seu estatuto pertence à classe média e têm mais oportunidades de contacto com os chineses. A aculturação cultural é provável.

“Macau's hybrid cultural identity should be continued as neither China nor Portugal would derive any benefits from its disposal. (Morbey 1987; Santa Maria, 1987) Obviously, as observed, Portugal aimed to maintain its presence in post-handover Macau by endorsing the narrative that Macau's identity was a hybridity constituted by both Portuguese and Chinese culture. It was part of both Portugal and China. After 1999, the new government of Macau continued this narrative but slightly twisted it. (...) The promotion of the new identity can be more effective if people recognize that Macau had an identity and a part to play in the world, and that what it gained from its colonial past will continue to help it flourish in the future. But significantly, this understanding has to be rooted in a nationalistic recognition that Macau has never been separated from its motherland.” (Lam 2020, 659)

No entanto, no processo de estabelecimento da identidade local, o atual governo de Macau adotou uma abordagem rara às questões coloniais que ficaram após a entrega. O que torna o caso de Macau particularmente interessante é que o sentido da identificação nacional não foi a tarefa principal na reconstrução de uma nova identidade de Macau. Pelo contrário, houve um processo de incorporação das identidades do “Outro” através do qual múltiplas componentes identitárias que empurram o hibridismo,

a colonialidade e a historicidade de Macau para a linha da frente são deliberadamente promovidas. (Lam 2020, 657)

“[T]he new Macau government consciously strengthens the coloniality inherent in the original identity, and encourages people to take pride in their colonial past. The colonial legacy in the old identity has not been repressed as in other postcolonial regimes and Hong Kong but rather is boosted in the name of the internationalization of Macau. In addition, the new government not only endorses the existing local identity, but has also actively remoulded an originally weak local identity to make it a strong one.” (Lam 2020, 657)

I. 3. 3 O campo de identidade nacional

Alguns estudiosos usam o termo “hibridismo” para descrever essa complexidade. (Lam 2010) Na identidade “híbrido” de Macau antes da entrega, o elemento chinês tornou-se o principal eixo da identidade política. Além disso, o governo da RAEM está cada vez mais enfatizando o “sangue é mais espesso que a água” (血濃於水) do país e o cuidado especial com a política do “nacionalismo económico”, tornaram-se uma força motriz para a reformulação da identidade dos macaenses, e até uma nova saída para os macaenses, estratégica ou emocionalmente, quando sentem impotência política ou enfrentam o fracasso da governação governamental. (Chan & Sio 2019, 126)

Após a entrada na década de 1990, com a revolução da tecnologia da informação da Internet, as conexões globais foram continuamente fortalecidas e foram altamente comprimidos o tempo e o espaço. O mundo tornou-se uma “aldeia global”. A emergência de uma comunidade supranacional representada pela União Europeia tem gradualmente borrado as fronteiras nacionais e as fronteiras no nível da mensagem são quebradas. Jürgen Habermas afirmou no seu livro «Die Postnationale Konstellation» que “os estados-nação se concentram num determinado território, ao contrário, o termo ‘globalização’ expressa um quadro dinâmico que desafia constantemente as fronteiras, até destruir o ‘Edifício da Nação’.” (Habermas 2002, 79)

Com o movimento frequente de pessoas, as diferenças foram suavizadas até certo ponto e a cidadania global começou a aumentar. As pessoas também refletem sobre a sua própria existência e identidade após entrar em contacto com mais “Outros”. Antes, a cidadania que era limitada ao escopo da estado-nação, precisa ser mais

universal e inclusiva. A identificação dos cidadãos com a nação ou a etnia tende a se tornar cada vez mais vaga e difícil de determinar. “Assim como a identidade do estado-nação como unidade económica está a ser diminuída, diminui também o seu poder como ponto de partida para a identidade humana.” (Brook 2008, 2) A migração populacional é acompanhada pela migração cultural. A migração populacional trará mudanças em novas ideias, novas religiões, etc. para imigrantes, países de acolhimento e até mesmo o local de residência original. Devido ao estabelecimento de comunidades onde as perguntas podem ser feitas, muitas relações sociais novas serão estabelecidas entre o grupo imigrante, a sociedade do país de origem e a sociedade do país de acolhimento. Grupos de imigrantes e culturas nativas inevitavelmente ocorrerão comparação e contraste, enquanto os grupos de imigrantes irão gerar e mudar padrões de direitos culturais e identidade social. (Held 2001, 392-396)

I. 3. 4 Imagens e o espaço urbano

“A cidade não revela o seu passado, apenas o esconde como uma marca de mão, estando escrito nas esquinas da rua, nos guarda-corpos das vidraças, nos corrimões das escadas, sob os para-raios e nos mastros. Cada impressão é marcas de arranhar, serrar, cinzelar, bater.”—Italo Calvino «Le città invisibili»

A forma como as pessoas entendem o mundo, as suas culturas e sociedades pode refletir-se na forma como constroem e organizam os espaços em que vivem:

“[T]he built environment does not just exist as an inert set of objects that passively reflects a set of cultural norms or rules that govern a society. Instead, the built environment, much like a literary text, is a changing ensemble of material objects that can actively signify—and all the more so in a city, where residents' lives and daily movements involve and are structured by buildings, streets, and the spaces between them.” (Clayton 2002a, 63)

Este ambiente e cidades feitos pelo homem são a criação da civilização humana. A partir do momento em que a obra é concluída, ela tem vida própria e independente, transformando-se num significante, sendo interpretado por diferentes indivíduos e forma diferentes impressões. O espaço é um texto que pode ser analisado e interpretado. Devido ao papel dos processos sociais, culturais e políticos na formação e reconstrução da paisagem espacial, o espaço tornou-se um portador de relações sociais,

bem como um sistema de significado, simbolismo e significação. (Zhu, et al. 2010) Os edifícios que compõem esta obra são como capítulos e parágrafos de uma obra literária, retratando um mundo colorido sob a civilização.

“[T]he architecture and physical spaces of the city mean different things to different people, and this meaning is constantly shifting, being alternatively reinforced or challenged every time someone enters a building. Architecture is more than a set of objects with which we come into occasional contact. It constitutes the very processes, practices and spaces that make up the physicality of life. It forms the spaces in which all aspects of our lives reside and flow.”

(Borden & Dunster 1995, 3-4)

A arquitetura constitui o espaço e o espaço não é apenas um objeto no sentido puramente geográfico, mas também social, simbólico e cultural. Os edifícios são os elementos básicos da paisagem urbana e a paisagem urbana é uma “corte” do espaço. Contudo, essas paisagens não são apenas os pontos turísticos à sua frente, são também um reflexo da cultura da região, as paisagens na memória, as paisagens que formam a impressão do “Outro”. Nos estudos do espaço urbano de Macau, o simbolismo é a construção do significado social e cultural de Macau a partir da perspectiva do espaço e os experimentadores do símbolo são as pessoas e os turistas. O significado simbólico do próprio Largo do Senado, bem como a entidade espacial simbolizada do conjunto edificado, constitui um “campo de sentido”. A construção simbólica do espaço urbano e da paisagem de Macau é o resultado da interação entre o quotidiano dos residentes e dos turistas de Macau e o espaço urbano. O simbolismo do espaço urbano de Macau abrange níveis culturais, políticos, históricos e sociais, que reflete o processo de mudança social em Macau, a relação entre os direitos políticos e a luta pelo poder com diferentes grupos étnicos. (Yan 2015, 4-5)

De uma perspectiva mais ampla, o caráter e a memória de cada nação ou país estão intimamente relacionados à paisagem local. Quando muitos estados-nação precisam de coesão, sempre vemos a paisagem em ação, porque o conceito de estado é abstrato, mas os grandes rios e montanhas são concretos. A paisagem é a primeira memória de cada estado-nação, parte do inconsciente coletivo. (Schama 1996) Seja os rios ou montanhas, ou um canto imperceptível da cidade, há fragmentos de memórias de

peças e vestígios de vida em todos os lugares. A identidade, que está intimamente relacionada com a memória, é estabelecer lentamente limites na troca de energia e informação entre cada indivíduo e o mundo exterior, definindo “quem eu sou”:

“Both our personal memories (where we have come from and where we have dwelt) and the collective or social memories interconnected with the histories of our families, neighbours, fellow workers and ethnic communities. Urban landscapes are storehouses for these social memories, because natural features such as hills or harbours, as well as streets, buildings, and patterns of settlement, frame the lives of many people and often outlast many lifetimes.” (Hayden 1995, 9)

As pessoas constroem arranha-céus para formar paisagens urbanas. A identidade da cidade é formada a partir disso, o que pela sua vez afeta a identidade das pessoas e a percepção de “quem eu sou”. “[T]he identity of the city is a combination of cultural and natural history, the variety of its ethnic and interest groups, its cultural and economic history, and its development patterns” (Hough 1990, 121).

No período da transferência, Macau foi muitas vezes negligenciado ou escondido atrás dos termos “Hong Kong, Macau” (「港澳」) ou “Hong Kong, Macau e Taiwan” (「港澳臺」) na sociedade chinesa através do Estreito de Taiwan. Este tipo de negligência é compreensível: há muito poucos lugares em Macau, o seu estatuto económico não é proeminente e a sua imagem é desfocada porque há muito pouca produção cultural, de modo que Macau é muitas vezes invisível nestes termos.

“Não é apenas que outras pessoas não podem ver as pessoas de Macau. As pessoas de Macau às vezes não podem se ver.” (Lei 2018, 24)

Assim como o autor do livro e a própria experiência minha, as pessoas de Macau identificam-se com Hong Kong a ponto de se chamarem de “Hongkonger” (pessoas de Hong Kong) por um tempo. No passado, por causa da sua identidade vaga (a construção da identidade local em Macau é muito mais fraco que o de Hong Kong), algumas pessoas de Macau que estudavam no exterior declaravam aos estrangeiros que eram de Hong Kong para evitar o trabalho de explicar Macau (a popularidade é muito baixa). (Lei 2018, 92) Em Macau, no entanto, um conjunto semelhante de discursos locais quase nunca

apareceu e nunca sabemos como nos ver e descrever. O nosso autoconhecimento às vezes até tem de ser explicado pelos media de Hong Kong. (Lei 2018, 158 - 159)

Em Macau colonial, Portugal alcançou o mesmo objetivo ao difundir a narrativa identitária de Macau composta pelas culturas portuguesa e chinesa. Especialmente nas vésperas da transferência, foram realizados vários trabalhos de incorporação da cultura portuguesa, como a construção de um ou mais monumentos com a cultura sino-portuguesa todos os anos desde 1993, e a recolocação da calçada muito português na Praça do Senado e a fonte em frente ao Senado, etc.

“[T]he political value of this endeavour lies in offering the people an identity which ties the historicity of Macau to a newly constructed Macau identity. It reminds the people that they are part of a legacy which does not only help define who they are, but is also something that they should take pride in and work towards preserving and further advancing. And in general, the residents of Macau feel comfortable with the historical dimension of their new identity. [T]he local component of the new Macau identity is composed of an interesting mix of elements including caring, harmonious, historical, colonial and international characters (Ho 2007, 3) which engender a range of future potential for Macau. (Lam 2010, 665-666)

“In fact, the Macau identity after 1999 represents a re-appropriation of the image of colonial Macau propagated by the Portuguese administration since the 1980s. Also, identity making has been a process of incorporating instead of repressing or eliminating the identities of “the other,” and building a stand-alone national identity is not the prime task in the reconstruction of an identity. Rather, multiple identity components are deliberately incorporated and promoted. The success of the process has fabricated Macau's relatively smooth reintegration with China and enhanced the legitimacy of its new government.” (Lam 2010, 656)

Após o retorno, o governo da RAEM beneficiou da liberalização dos direitos do jogo e da política da viagem autoguiada (自由行) com a China Continental. Com o seu estatuto de indústria líder, a indústria do jogo levou a economia de Macau a lançar e enveredou por um modelo de “estabelecimento da sua legitimidade através do desenvolvimento económico” semelhante ao do governo da China Continental.

“If identity is a social construction, then it is revealing that in Macau the predominant emphasis in the process of identity construction is on economic and constitutive strategies. Roger Smith (Smith 2001, 79-80) argues that identity construction is a politicized process embedded with competing narratives of a political, economic and constitutive nature. Political narratives foster trust in the worth of an identity by promising the people enhancement of their political power through institutions and policies as well as protection from all external enemies. Economic stories promote accounts of interests, arguing that a particular identity advances each member's economic well being. Constitutive stories endow members of the community with shared identities, as defined by their common religion, race, ethnicity, language, culture, history and so on.” (Lam 2010, 659)

Mesmo nas políticas futuras, o Plano da Comparticipação Pecuniária no Desenvolvimento Económico, vales de saúde, descontos fiscais, o Plano de benefícios do consumo por meio eletrónico, auxílios antiepidémicos, etc. são todos iguais: usar dinheiro para “resolver” problemas. Até certo ponto, é usar dinheiro para encobrir o verdadeiro núcleo do problema sendo uma forma de governança que “resolve os sintomas, mas não a causa raiz”.

“With regard to the role of constitutive stories, scholars such as Cathryn Clayton (2007), Benedict Anderson (2006, 204), Anthony Smith (2000, 253-258) and Arthur Neal (2005, xi, 3-19) similarly argue that in the process of identity construction, the past is selectively remembered or forgotten, and the hopes and fears of the people are inherited by the newly (re)constructed identity. In Macau, the constitutive stories put forward a re-reading of the city's past as peaceful and devoid of conflicts, its place as an international city, and the people's cultural identity as a hybrid of eastern and western cultures. During the process, we see significant reconstruction of Macau's collective memory and the past.” (Lam 2010, 659)

Desde então, Macau desenvolveu-se gradualmente no sentido da diversificação económica e entrou na próxima fase através da indústria do jogo impulsionando o turismo. No entanto, o desenvolvimento do turismo consiste em criar temporariamente “pontos de check-in” (打卡位, locais criados deliberadamente para os turistas tirarem fotos), a grande parte de que é o que John Urry, um estudioso britânico que estuda o

espaço urbano, chama de “espetáculo”. No seu livro «O Olhar do Turista 3.0», ele discute como as paisagens e as culturas urbanas foram alteradas pelo desejo dos turistas pelo espetáculo que se afastaram os moradores, à medida que as cidades turísticas gradualmente se tornaram “olhar” para os turistas e, assim, decore-se, mude-se, desenvolva-se. (Urry 2007)

O olhar é geralmente construído por meio de símbolos, portanto, viajar envolve o processo de coleta de símbolos. Os turistas veem duas pessoas se beijando nas ruas de Paris e, no seu olhar, capturam a “eterna Paris romântica”; na Inglaterra, veem uma pequena vila e o que é contemplada é a “autêntica velha Inglaterra”. Como diz Culler: “O turista está interessado no tudo que pode simbolizar a si mesmo... Turistas de todo o mundo, todos semioticistas desconhecidos, espalhados por toda parte, procurando vários símbolos separadamente, tiveram de experimentar o estilo francês, a típica maneira italiana, o cenário oriental representativo, a rodovia americana padrão, o tradicional pub britânico.” (1981, 127)

Esses espetáculos são a maneira mais fácil e eficaz de atrair pessoas para fazerem “check-in”, tirarem fotos e “olharem”, usando símbolos famosos existentes ou criando surpresas: a Torre Eiffel que têm metade do tamanho da coisa real (Figura 1), o Coliseu de Roma (Figura 2), a “viagem” de gôndola passa sob o teto azul do céu pintado (Figura 3), o Cotai como as avenidas de Las Vegas (Figura 4). Tenta-se ao máximo imitá-lo, como se pudesse reunir a fama de todo o mundo. “[T]he apparent (desta paisagem) shift away from what is distinctive to what is similar in the contemporary world” (Hough 1990, 2). O processo de urbanização moderna resultou na reprodução de inúmeros espaços aparentemente idênticos.

“The spaces of the city have been endlessly reclaimed, reproduced, engineered, and commodified. For example, the same year that the labyrinthine city centre of Macao composed of old Portuguese government buildings, piazzas, and Catholic churches was declared a UNESCO World Heritage site, investors broke ground nearby on a huge \$154 million Fisherman's Wharf featuring themed reproductions of a Roman Coliseum, Tang Dynasty Chinese architecture, buildings from Amsterdam, Lisbon, Cape Town, and Miami, and an exploding volcano.” (Simpson 2008, 1055-1056)

Naquela época, a chegada da arquitetura de estilo ocidental não era tão desconfortável; o atual “modelo arquitetônico ocidental” é chamado de resultado da *Disneyfication* e da casinoização pelos estudiosos. A *Disneyfication* refere-se ao chamado desenvolvimento de recursos turísticos, transformando certas áreas em espaços estilo Disney que estão desligados ao contexto cultural da comunidade. (Lei 2018, 133) Quais são as razões para este fenómeno? Especulo que existem três razões principais: a principal razão é que esses edifícios estão funcionalmente fora de contacto com a vida das pessoas locais, e também porque estamos em processo de adaptação e as pessoas são alienados pelo capital.

Havia uma tendência de ver esses edifícios urbanos modernos como mais ou menos simplesmente a destruição de lugares significativos. A proposição de Marc Augé de “lugar antropológico” e “não-lugar” corrobora essa visão. O lugar antropológico distingue-se do não-lugar da seguinte forma:

“Anthropological place is formed by individual identities, through complicities of language, local references, the unformulated rules of living know-how; nonplace creates the shared identity of passengers, customers or Sunday drivers. No doubt, the relative anonymity that goes with this temporary identity can even be felt as a liberation, by people who, for a time, have only to keep in line, go where they are told, check their appearance.” (Augé 1995, 101)

Nas outras palavras, não-lugares são lugares onde as pessoas vão para realizar certas atividades por algum motivo ou propósito específico e têm uma identidade temporária. Por exemplo, os clientes vão ao supermercado para fazer compras, os passageiros vão ao aeroporto para pegar um avião, etc. No entanto, “lugar” e “não-lugar” não são mutuamente exclusivos, dependendo de qual objeto. Um lugar de alguém pode ser não-lugar de outro.

Após a distinção de Augé entre antropológico e não-lugar, podemos reivindicar uma dicotomia na cultura local de Macau entre “espaço de Macau” e “não-lugar”. O espaço de Macau é singularmente de um momento e lugar histórico, algo culturalmente posicionado. Em não-lugares, tais como o interior de um casino ou de um aeroporto, os sujeitos são aclamados por reificações orientadas para o consumo de suposto valor universal. (Archer & Kelen 2011, 158)

Como meio de comunicação cultural entre a cidade e as pessoas de Macau, o espaço urbano de Macau destina-se a categorias sociais e divisões espaciais específicas, podendo as etnias chinesa, portuguesa e macaense transitar entre o seu quotidiano e a ideologia dominante da oportunidade de conversão. A identidade cultural, a identidade territorial e a identidade nacional do grupo étnico deveriam ter sido consolidadas através disso. Porém, “Macao is perhaps the world's largest open-air museum of kitsch, a phenomenon for which the casinos are largely responsible. Bizarre Vegas-style grandiosity is frequently combined with tacky pseudo-Chinese add-on elements: The Emperor, The Pharaoh's Palace, the Greek Mythology Casino. There is no shortage of orientalizing (and self-orientalizing) in the concoctions arrived at. Perhaps the most serviceable (and durable) example is in the “bird cage” of the old Lisboa Hotel.” (Archer & Kelen 2011, 145)

A injeção de capital mudou e influenciou a cultura original da cidade de Macau. Macau é uma cidade que integra as culturas chinesa e ocidental, não uma “aldeia europeia” que simplesmente imita as cidades europeias. Ele próprio possui um complexo de edifícios do Patrimônio Mundial com características arquitetônicas ocidentais, bem como um complexo arquitetônico típico de Lingnan (嶺南) tradicional chinês, como a Avenida de Almeida Ribeiro, a Casa do Mandarim, etc. são típicas testemunhas poderosas da harmonia e integração dos dois estilos arquitetônicos típicos. Os complexos de casinos recém-construídos nos últimos anos têm diferenças nos estilos espaciais, mas as suas raízes também são típicas do desenvolvimento da arquitetura modernista. No entanto, mesmo que esses espaços não sejam construídos em espetáculos como casinos, mas construídos com edifícios da outra natureza e funções, devido à influência da ideologia dominante, eles inevitavelmente apresentariam outro padrão de espaços modernistas, como a Zona Nova de Aterros do Porto Exterior (NAPA, 皇朝/新口岸新填海區) (Figura 5). Esta é inevitável. Do ponto de vista da diversificação cultural urbana, o complexo de casinos também enriqueceu o contexto cultural urbano de Macau, contribuindo para o desenvolvimento diversificado da cidade de Macau.

Esses símbolos do espetáculo e os espaços que os compõem constituem uma espécie de identidade urbana e também se influenciam mutuamente no processo de interação com as pessoas do território. A identidade da cidade está em constante

processo de mudança e constitui também o elemento e o recipiente da memória e identidade da população local. Kevin Lynch, um teórico urbano humanista, acredita que a imagem de uma cidade é realizada pelos sentimentos das pessoas formados pela observação de vários símbolos de identificação. (Lynch 1960) O espaço arquitetónico urbano é a personificação tangível da experiência das pessoas no fluxo do tempo. (Lynch 1960) Para as pessoas de Macau, a continuidade do tempo pode ser vivida concretamente nos edifícios do património mundial e no espaço habitacional. Os cidadãos podem sentir a atmosfera cultural da cidade e as características culturais únicas do estilo da cidade, dos sinais da cidade e da paisagem ecológica urbana e, em seguida, reter informações importantes sobre a cidade nos seus corações, formando uma impressão intuitiva da cidade. Hoje as pessoas têm consciência da sua própria identidade, ou seja, as pessoas sentem-se conectadas à história (Hull, Lam & Vigo 1994).

“Habiter l’espace du centre-ville signifie ainsi, pour les jeunes de Macao, vivre un espace qui objectifie leur représentation de l’histoire et, donc, leur propres identités, aujourd’hui voulues comme cosmopolites. Mais un espace classé «patrimoine mondial» est aussi, par définition, un espace du monde. Un espace dont la vocation première est celle de montrer la culture de ceux qui l’habitent à ceux qui le visitent. L’option identitaire de Macao est donc clairement conçue à l’intérieur d’un processus de communication avec l’extérieur: la ville se pense elle-même en même temps qu’elle s’expose aux autres. (...) Vu le contexte d’insertion géographique de Macao, la démarche d’objectification (et de marchandisation) de l’histoire coloniale se traduit, finalement, par la construction d’une image «exotique» de la ville. Ce qui est vécu par les habitants comme une composante identitaire se transforme, pour les touristes venus, pour la plupart, du reste de la Chine, en une mise en scène de l’étrangeté européenne.” (Silvano 2015, 95)

Este tipo de espetáculo, este tipo de “não-lugar” para a maioria dos locais, é uma espécie de lugar sem sentido, com impacto na subjetividade e na identidade das pessoas de Macau. Por um lado, o dinamismo da economia e a marca dos patrimónios mundiais deram autoconfiança às pessoas de Macau. Por outro lado, vários problemas sociais obrigaram-nas a refletir sobre a sua cidade: plantada de dois fertilizantes de autoconfiança e autorreflexão, a subjetividade do povo de Macau, sendo soterrada e

reprimida, finalmente brotou e cresceu hoje, podendo tornar-se uma importante força cívica.” (Lei 2018, 16)

“A mudança drástica na paisagem urbana, a ubiquidade dos hotéis e dos casinos, também nos deixa muito ansiosos. Procuramos uma estabilidade em que possamos contar e não queremos todas as características de Macau — da paisagem urbana à forma da vida — desaparecerá rapidamente. Assim, um passado embelezado torna-se uma boia de vida para a alma e um portador para o estabelecimento da consciência local. Esse crescimento está quase relacionado à participação social, mas também ao estabelecimento de uma espécie de subjetividade — preservar algumas memórias, algumas paisagens, porque somos o mestre desta cidade.” (Lei 2018, 177,181)

Assim, em 2005, o Centro Histórico de Macau torna-se um Património Mundial, um nó importante na estruturação da subjetividade e identidade do povo de Macau. A preservação de edifícios e coisas antigas tornou-se um tema de preocupação para a sociedade por um tempo. Os esforços para preservar um pouco deste “encanto do velho mundo” de Macau foram uma parte controversa de uma ampla tentativa durante o período de transição de reorganizar as narrativas da história e cultura de Macau e, assim, redefinir as perspectivas para o futuro da cidade. (Clayton 2002b) Mesmo agora, tem sido discutido pelo público.

“[T]he preservation of old buildings, streets and places cannot simply be discarded as nostalgia. The policy of preserving the architectural heritage reflects a basic desire of people to identify with their ever-changing living environment by certain reference features. Tangible testimonies of the past provide such reference points by allowing people to identify an environment as home.” (Marreiros 1991, 101)

No entanto, a nostalgia é uma lembrança do passado que pode ser modificada, embelezada ou enfeitada ao longo do tempo, dependendo das atitudes subjetivas individuais e dos propósitos de quem a recorda. Além disso, as memórias precisam ser transportadas por portadores como as palavras. Após a disseminação, a informação será alterada e distorcida. Não é o que pensamos subjetivamente, em que as memórias não mudarão. Enquanto a nostalgia é construída sobre a insatisfação com essa mudança urbana, as memórias do passado são muitas vezes distorcidas, imaginando o passado

como simples, bonito e harmonioso em contraste com o presente complexo, feio e discordante. O efeito final da nostalgia é moldar o passado como diferente do presente, enquanto desvaloriza o último. O embelezamento contínuo também fez com que as pessoas de Macau cada vez mais sentissem falta da “cidade natal” (「原鄉」) de Macau, ou seja, Macau antes da abertura do mercado de jogo. Devido ao embelezamento contínuo, a sua aparência original tornou-se borrada. Muito paradoxalmente, embora a nostalgia esteja relacionada à memória, é também uma espécie de amnésia; para destacar o mal do presente, o passado deve ser bom, então devemos esquecer o mal do passado. (Lei 2018, 174-175)

Contudo, como disse um dos entrevistados: “Se visses que Macau não se desenvolveu, ou é como nos anos 90, não ficaria mais triste? É um sacrifício, queres a nostalgia de Macau daquilo período, a sensação de Macau antes, saber todo a gente na rua, mas aí não vai ter o desenvolvimento como agora e não tem tantos milhares de pessoas morando aqui, tem de se sacrificar. Temos de fazer uma escolha. No entanto, o que mau é que já aconteceu, e não podemos mais fazer isso de novo. Quer todos queiram ou não, não podemos voltar. A única coisa que podemos fazer agora é mantê-lo bem o que sobrou.” (Entrevistado 3) De facto, se calhar tivemos sorte que a cidade velha de Macau tenha se tornado Património da Humanidade, então o governo investiu muitos recursos para proteger esses edifícios. A iniciativa patrimónios foi um esforço para redefinir a forma como as pessoas conceberam-se em relação à cidade, para definir uma nova identidade urbana: uma identidade local, baseada no lugar, a “pessoa de Macau” — uma pessoa que, independentemente da raça, língua, classe, sexo ou nacionalidade, tem um forte sentido de pertença à cidade, e um forte sentido da singularidade da cidade. (Clayton 2002a, 72)

Quando mencionamos como é a combinação das culturas chinesa e ocidental em Macau, o nosso exemplo preferido é que existe o Templo de Na Tcha junto ao icónico edifício de Macau, as Ruínas de São Paulo. Estas justaposições de estilos arquitetónicos radicalmente diferentes, tanto chineses como ocidentais, assumiram um novo significado. Foram a prova e a encarnação desta identidade essencial de Macau e do seu povo:

“The importance of affirming an identity lies in the need to alert the population to those characteristics which make them different from others. Architecture, urban design and landscape...are...outstanding evidence of a lasting identity. Through such evidence, any citizen or visitor can discover the history of the place and of its culture, and thus reasons and origins of its difference, which is desirable to retain. For proponents of the heritage initiative, the heritage buildings were important symbols, a kind of insurance against Macao's being engulfed by “the mundane sameness of a modern commercial city” (Duncan 1991, 182).

Um orgulho simultâneo pelo património arquitetónico de Macau, e uma tristeza pela fragilidade da identidade única de Macau: “It's like this: without its architectural patrimony, Macao would not exist. Without the unique plan of its urban design, without its heritage buildings— Macao would be the same as countless other neighbouring cities, as alike as two drops of distilled water”. (Cunha 1998, 3)

Houve duas oportunidades para a emergência da identidade de Macau: a primeira oportunidade foi a transferência em 1999; a segunda foi o Património Mundial das Nações Unidas do Centro Histórico de Macau em 2005, permitindo que os habitantes de Macau tenham finalmente um representante cultural que possa confiar na sua identidade local, o que é algo que os casinos não podem fazer. O rápido desenvolvimento económico também serviu subtilmente de auxílio ao estabelecimento de identidades locais. Contudo, o problema de Macau é que, por um lado, a história local estava incompleta antes da transferência e, por outro, foi encoberta por grandes discursos nacionais após a transferência. Nesta situação como numa lacuna, não há muito espaço para as pessoas de Macau escreverem sobre si mesmas. (Lei 2018, 159-162, 221)

No campo do simbolismo espacial, as relações espaciais de poder sempre atraíram a atenção dos estudiosos, especialmente os tópicos relacionados às relações de poder e competição entre governo e público: a dominação e opressão das classes mais baixas pela classe de poder e a luta do poder. Esta representação pode ser também aplicar-se ao espaço urbano de Macau, especialmente no Largo do Senado no centro da cidade. O Largo do Senado situa-se na zona mais próspera e animada da Península de Macau. Os edifícios envolventes têm geralmente significados simbólicos únicos e são

uma importante existência simbólica e paisagística no espaço urbano de Macau. Representando o simbolismo cultural e a publicidade, este espaço é um espaço simbólico com enorme simbolismo cultural, que é uma manifestação tangível da consciência do tempo. Semelhante à relação de impressão da ideologia, a subjetividade e os múltiplos métodos de apresentação do espaço urbano são construídos, e geralmente têm conotações humanitárias. A subjetividade da relação do espaço urbano e as impressões fornecem funções imaginativas semelhantes, e ambas produzem funções ideológicas semelhantes, sendo um portador material que contém ideologia. Como resultado, o Largo do Senado tornou-se uma espécie de código-símbolo espacial da cidade de Macau, servindo como função centralizadora de desconstrução da paisagem cultural urbana, sendo também o principal local do meu filme.

“O Largo do Senado apresenta um espaço social visual, utilizando o diálogo potencial para completar a experiência interativa entre as pessoas e o espaço, concretizando a comunicação entre a civilização tradicional de Macau e a cidade moderna, tornando o seu espaço e edifícios envolventes um sistema de produção de meios culturais e relações sociais de amplo significado no espaço urbano de Macau. O Largo do Senado, com o seu significado cultural único e espaço público aberto, reproduz uma espécie de símbolo do espaço urbano e símbolo cultural de Macau, uma forma do espaço urbano, realizando a unidade imaginativa da cultura de elite e a de massa, memória individual e a coletiva, peregrinação e pertença na paisagem neste espaço em mudança.” (Yan 2015, 29)

Os monumentos ou bairros históricos são vistos como uma espécie de heterotopia e, no ressurgimento da história, refletem-se numa espécie de espacialidade e temporalidade coexistentes, mas diferentes. Na herança cultural contemporânea dominada por narrativas étnicas, várias memórias não padronizadas são muitas vezes ocultadas ou suprimidas, mas essas memórias invisíveis não desaparecem, indo a aparecer diante dos espectadores nos momentos inesperados. (Edensor 2005) Assim, no local de preservação, a heterotopia da memória é constantemente construída e reconstruída, e o espaço não é mais apenas um recipiente para preservação da memória, mas um meio opaco e incompreensível. (Franklin & Crang 2001)

Capítulo II: Estrutura conceptual

II. 1. Definição da problemática

A chegada do português Jorge Álvares a Cantão, uma cidade no sul da China, em 1513, foi o começo de um contacto cultural entre os mundos oriental e ocidental. O primeiro encontro dos dois povos dos dois extremos da Eurásia tem sido fantasiado. Como se comunicavam uns com os outros? Como foi possível aprender duas línguas tão diferentes? Segundo uma lenda que foi a passar de geração em geração, nos primeiros diálogos entre chineses e portugueses, foi criado o nome estrangeiro desta terra – Macau, sendo uma tradução do nome de um templo chinês perto do porto a que os portugueses chegaram. Além das consequências culturais do encontro luso-chinês, houve também consequências a nível étnico: formou-se uma comunidade mestiça denominada «macaense», o grupo social dos descendentes dos portugueses que casaram com asiáticos. Os macaenses encontram-se numa situação complexa: situam-se entre a comunidade chinesa e a comunidade portuguesa. Um aspeto positivo é o facto de desempenharem o papel fundamental de ponte na comunicação entre as comunidades chinesa e portuguesa em virtude das suas capacidades linguísticas – sabem falar cantonês e português. Por outro lado, há um aspeto negativo em relação à identidade, pois não são acolhidos nem pela comunidade chinesa, nem pela comunidade portuguesa como fazendo parte delas. A identidade é sempre uma autoidentificação. Sem dúvida que os macaenses pensam que são de Macau e chamam-se a si próprios “filhos da terra”. Porém, eles não são considerados chineses pelos chineses nem são considerados portugueses pelos portugueses, embora tenham uma relação de sangue com as duas etnias. Assim, este assunto é muito abordado selecionados em estudos académicos.

As comunidades dos diversos trabalhadores imigrantes também fazem parte oficialmente do povo de Macau. De modo a promover o desenvolvimento económico de Macau, o governo português de Macau concedeu amnistias em 1981 e 1982, convertendo em residentes legais de Macau (Shi 2018, 5) um grande número de imigrantes ilegais que tinham vindo da China Continental no final dos anos 1970. Em 1990, foi concedida a terceira amnistia a mais de 70.000 imigrantes ilegais que já se

encontravam em Macau (Taylor 1992). A comunidade filipina e outras comunidades de menores dimensões são, contudo, grupos sociais que são sempre omitidos, seja no quotidiano, seja a nível académico. As barreiras linguísticas entre eles e as outras comunidades são o obstáculo mais difícil de ultrapassar. Têm as suas próprias línguas e muitos não sabem falar cantonês nem inglês, ou sabem só algumas palavras que têm de ser usadas no trabalho. Se bem que assim seja, constituem uma componente fundamental da sociedade de Macau, fazendo trabalhos que as pessoas de Macau não querem fazer para contribuírem para o sustento da família que deixaram no país de origem. Além disso, os chineses recém-chegados a Macau, que já viveram num contexto de crescimento económico da China Continental, distinguem-se também dos locais. Têm alguns hábitos de vida diferentes e algumas dificuldades linguísticas, sofrendo muito na primeira fase da sua vida em Macau. Com o passar do tempo, embora pareçam ser locais de Macau, estão sempre a lutar com a sua identidade. Na evolução dos seus pensamentos, desenvolvem algumas ideias diferentes das dos outros em termos da sua identidade relativamente a Macau.

Os grupos de trabalhadores imigrantes de diferentes origens culturais, os seus costumes culturais, as crenças religiosas, as redes sociais formadas por pessoas com a mesma origem geográfica, os níveis sociais, as diferenças de género podem ter o papel de práticas culturais para o seu autoconhecimento, reconhecimento e reflexão e produzir o significado da sua autoidentidade. A questão da identidade e a questão “o que é Macau?” são questões com as quais cada habitante de Macau se debate sempre no seu íntimo. Um fator que contribui para esse questionamento é que devido ao desenvolvimento económico a uma velocidade extraordinariamente alta, a memória coletiva e os veículos de transmissão da identidade do povo de Macau em diversos espaços da cidade foram sendo destruídos sem serem substituídos. Esta terra é a nossa raiz, mas já foi de tal forma alterada que não a conseguimos reconhecer.

A sociedade de Macau é um caso peculiar em termos dos estudos culturais. A existência dos macaenses tem um valor insubstituível e a relação entre eles e os outros grupos sociais estimulam o interesse dos peritos desta área. Após a transferência da soberania para a China, a identidade nacional do povo de Macau tornou-se um fator fundamental no processo da constituição da sua nacionalidade. Há, assim, vários

estudos que se concentram nestes dois assuntos, mas não existem muitos sobre a identidade do povo de Macau no aspeto cultural que incluam as diversas comunidades de Macau. Por isso, vale a pena aprofundar mais o tema que escolhi: a identidade do povo de Macau e as relações atuais entre as suas comunidades, no sentido de encontrar meios para melhorar a comunicação entre elas no futuro.

II. 2. Definição do objecto: A historia e a comunidade de Macau

A estratificação social de Macau caracteriza-se por grupos étnicos. Há mais de quatro séculos, os três grandes grupos étnicos, chineses, portugueses e macaenses, cada um tem o seu modo de vida, valores, posição social e espaço cultural próprio. (Zhou 1997) Na verdade, há pouca comunicação, muito menos integração, entre esses três grupos. (Liao 1998). Yuan-Horng Chu, tendo lido o livro de Cathryn H. Clayton «A Soberania no Limite: Macau e a Questão da Chinesa», resume as metáforas do livro vívidas e relevantes:

“Macau society was likened to the Paris Metro: ‘an assemblage of tunnels and train lines traveling in different directions on different levels, sometimes running parallel but never meeting’ (Clayton 2010, 136). The Chinese and Portuguese in Macau were likened to ‘an elderly married couple sleeping on opposite sides of the same bed, who no longer touch and rarely speak, but each of whom has grown comfortable with and dependent on the presence of the other’ (Clayton 2010, 136). Macau was also referred to as a ‘petri dish, a tiny but fertile space into which all kinds of different organisms had been thrown, where each individual organism keeps expanding upward and inward, and all their differences get intensified, magnified’ (Clayton 2010, 136), or as a ‘stepping stone’, rather than a destination, ‘for Chinese people seeking a better life outside China suggested that this mercenary view of the city was not limited to its colonial rulers’ (Clayton 2010, 137). These images of disunities are metaphors with sociological insights. They are potent concepts with theoretical implications beyond mere tropes on Macau.” (Chi 2013, 111)

No entanto, uma comunidade cognitiva especial só podem ser formadas depois que as pessoas compartilham ideias comuns (Wang 1994). A memória coletiva também, que existe num agregado composto por pessoas e ganha força desde a sua fundação

(Xiao 1997), e nesta base vão-se formando gradualmente o valor identitário específico e a identidade coletiva do povo de Macau.

“Consideramos que as memórias históricas desempenham, também, ao nível micro do indivíduo, um papel relevante. A noção de *habitus* de Pierre Bourdieu dá bem conta da importância das memórias partilhadas — um elemento importante nos processos de identidade, pois “põe em comum” —, da história vivida e incorporada no indivíduo, e da relação entre este processo e o processo de construção afetiva da pertença.” (Lima da Costa 2004, 148)

Vivendo num ambiente social onde coexistem múltiplas culturas, o processo de formação da identidade cultural e da memória coletiva do povo de Macau é afetado por razões históricas e políticas de poder colonial. A etnia chinesa em Macau está sob domínio colonial há muito tempo, pelo que a sua identidade cultural tem características de compromisso e orientação situacional. Em várias situações, as pessoas de Macau procuram e constroem a sua própria identidade cultural como compatriotas portugueses, chineses e de Macau.

Segue-se uma breve descrição da origem de cada grupo para dar aos leitores uma compreensão geral. No final, analisará as “pessoas de Macau” de uma perspetiva mais ampla e como um todo, e elaborará os limites e relacionamentos intrincados e difusos entre as comunidades.

Antes disso, deixe-me explicar o significado e a diferença de um grupo de palavras usadas neste trabalho: étnico, nacional, comunidade, grupo. Um grupo étnico refere-se a um grupo de indivíduos com a mesma etnia de sangue como base e a cultura dominante do grupo étnico como a origem cultural comum dos indivíduos dentro no grupo étnico. Com a globalização e a modernização, a importância da cultura tornou-se gradualmente mais proeminente, existindo também exemplos em que apenas a cultura é utilizada como critério; a comunidade é semelhante a grupo étnico, mas mais universal. Neste trabalho, a comunidade inclui vários grupos étnicos, o grupo das pessoas que se identificam com a região e os chineses que se identificam com a nacionalidade. Numa sociedade onde os chineses têm o direito de discurso, os portugueses representam uma pequena proporção da população de Macau, os quais têm características tanto nacionais

como étnicas, dependendo do ponto de vista e perspectiva do intérprete; o grupo é o mais universal, ou seja, um grupo de pessoas.

Após a transferência, a identidade nacional tornou-se um tema de preocupação. No espaço urbano de Macau, a identidade nacional está ausente há 400 anos e a identidade portuguesa também é frágil devido à separação de grupos étnicos e à “governança separada para chineses e estrangeiros”. Portanto, precisamos enfrentar a complexa história de Macau e retornar à nossa própria identidade regional. A utilização do passado colonial e do carácter híbrido de Macau e a internacionalização têm sido justificados como bons meios de servir tanto a China como Macau económica e politicamente. (Lam 2010, 663)

Devido à complexa estrutura étnica em Macau, as fronteiras dos grupos étnicos têm graus variados de ambiguidade. Com a mudança de regimes ao longo do tempo, a identidade das pessoas de Macau tem sido continuamente puxada pela luta pelo poder e pelo poder do discurso na tendência da história. A definição de cada etnia sobre si mesma e a definição aos olhos dos “Outros” mudaram, e até há apropriação de certo grau. Como o uso do macaense, era diferente em épocas diferentes e nos olhos dos cada uma de Macau, verificando-se a ambiguidade da definição da sua própria identidade dos grupos étnicos e a falta de compreensão dos outros grupos étnicos. No entanto, o significado das palavras muda com as mudanças sociais, podendo ser fluidas as definições, sendo necessário esclarecer as definições de cada nome de grupos étnicos neste trabalho para esclarecer o máximo possível a que estou se referindo ao usar a palavra.

A discussão da identidade neste trabalho centra-se em três níveis: ao nível nacional, a identificação da população local como chineses; ao nível regional, a identidade da população local consigo mesma como povo de Macau. Ambos são relativamente claros. A diferença é apenas entre “sim ou não” e se é um reconhecimento ativo ou passivo, ou seja, a diferença no grau da certeza da própria identificação. O último terceiro nível baseia-se principalmente na identidade étnica e cultural. Devido ao grande número de grupos étnicos em Macau, os limites da definição às vezes sobrepõem-se e são difíceis de esclarecer. É preciso explicar um pouco.

A seguir, explicará primeiro a relação entre “macaense”(土生葡人, *t'ou-sáng-p'ou-yân*), as “pessoas de Macau”(澳門人, *ou-mun-ian*) e “土生”(t'ou-sáng, nativo), e depois analisará as “pessoas de Macau” de um nível macro na conclusão deste capítulo. Elaborará e esclarecerá a ambiguidade, a mistura e a incompatibilidade entre as definições dos grupos, tentando tornar o grupo complexo da comunidade de Macau o mais claro possível para os leitores experimentarem.

Dado que este conceito é importante e pode afetar a compreensão posterior de vários grupos étnicos, vou explicar primeiro aos leitores o conceito que torna Macau o mais distinto: macaense. Antes do retorno, todos formavam um círculo, e as trocas dentro no círculo eram próximas e frequentes, mas as entre etnias fora do círculo tinham um certo padrão fixo, comunicando principalmente em determinadas situações e condições específicas. Existem relativamente poucos grupos étnicos do que agora e a divisão entre eles é clara: a etnia macaense é a ponte de comunicação entre os portugueses e os chineses. No entanto, isso também contribuiu para a estratificação óbvia de classe e para a solidificação de classes, que causou realmente uma enorme diferença da vida devido ao desfasamento entre as “linhas de partida” de cada um. A mobilidade de classe é difícil e gradualmente “padronizou” algumas condições e limites rígidos para migração de classe, como língua portuguesa, sangue, origem familiar, etc.

Nesta situação onde a classe e o grupo étnico são relativamente estáveis, ou seja, a fronteira do grupo étnico é relativamente clara e não há muita ambiguidade na definição — o macaense é “土生” (o nativo), ou seja, os descendentes de portugueses e asiáticos. De acordo com os estudiosos Jin Guoping (金國平) e Wu Zhiliang (吳志良), a palavra “土生” (nativo) tem uma relação com “土生番客” e “土生仔”(t'ou-sáng-châi), e eles acreditam que “土生” (nativo) é a abreviação de “土生番客” e “土生仔”. Dado que “土生” (nativo) tem o significado de “local”, também é possível interpretar os asiáticos portugueses de Macau como “portugueses localizados”. A palavra portuguesa “macaense” é compreendida e reconhecida na perspetiva portuguesa. Para as pessoas de Macau, o significado de “macaense” é os portugueses que se estabeleceram ou nasceram em Macau e os seus descendentes. A sua semântica não tem nada a ver com “土生” (nativo) (Tang, Li & Xu 2004, 144) mas a relação consanguínea.

Algumas pessoas identificaram-se como macaenses com apenas a vertente cultural no período posterior: algumas pessoas sem sangue português, entre as quais há muitos exemplos apoiados pela literatura são alguns descendentes de chineses que podem tornar-se católicos e assumir um nome português, ou algumas órfãs chinesas que são adotadas pelas famílias portuguesas como filhas adotivas são reconhecidas como membros macaenses, e as últimas às vezes são tratadas de forma diferente dos filhos biológicos dos adotantes. No entanto, percebe-se que a importância da relação consanguínea diminuiu. A identidade cultural tornou-se mais importante, podendo, por vezes, até se tornar uma composição identitária e componente reconhecida pelos estudiosos como “capital português”, o que fragiliza a importância da relação consanguínea para uma certa medida.

Após a passagem do poder, o regime voltou às mãos dos chineses e o direito de discurso na sociedade de Macau foi transferido dos portugueses — principalmente portugueses e macaenses, ou seja, descendentes de portugueses — para a etnia chinesa. O partido quem detinha o direito de discurso seria, em certa medida, domina a identidade da população local. Contudo, em termos de identidade, como passar de uma perspectiva portuguesa para uma perspectiva chinesa?

A nível nacional, não há muita ambiguidade a discutir. Claro que os portugueses pensam que são portugueses e podem também admitir que são portugueses de Macau, mas é pouco provável que pensem que são chineses; pois os chineses, a maioria dos chineses que possuem cartão de cidadão português ainda se identificam como pessoas da China ou, pelo menos, etnicamente chineses. Porém, por um curto período de tempo, devido à insatisfação com a sociedade de Macau e a influência do movimento de Hong Kong, e por estar em Portugal, sob a pressão de várias forças e o meu próprio sentimento de impotência, uma vez autodenominei-me “português”, brincando e tentando fugir da realidade e dos problemas.

Quanto à palavra macaense, o seu significado antes da entrega significa apenas “土生” (nativo), ou seja, o povo (português) de Macau. Depois da entrega, a foi apropriado pelos chineses de Macau em alguns casos para indicar que são pessoas de Macau. Da estrutura da palavra, “macaense” significa literalmente “pessoas de Macau”. Antes da entrega, a principal perspectiva era do governo de Macau Português, que

detinha o poder de governo. Naquela época, as pessoas que viviam na cidade velha de Macau eram principalmente portugueses e macaenses. Eles têm sangue português, mas os macaenses precisam de se autodenominar “pessoas de Macau” para sublinhar as principais diferenças que são de Macau, nascidos e criados em Macau, e pertencem à terra de Macau. Após o retorno, o direito de discurso voltou aos chineses e a perspectiva principal também mudou para a chinesa. Enquanto Macau está dividido como uma região administrativa especial, tais limites e particularidades são enfatizados, e com a ajuda da globalização e da Internet, os habitantes de Macau encontraram mais “Outros”, e, assim, as diferenças foram enfatizadas. Com a abertura dos direitos de jogo e da viagem autoguiada, a economia de Macau “descolou” e a sua popularidade no mundo aumentou gradualmente. A população de Macau ganhou gradualmente autoconfiança cultural e identitária. A sua consciência local e identidade local despertaram. A expressão “macaense” tem sido também utilizada ultimamente para significar todos os indivíduos nascidos em Macau, independentemente da sua identidade étnica. (Cabral & Lourenço 1991) No entanto, quando Macau está no palco mundial, é preciso uma palavra de língua estrangeira para se apresentar. Como não há palavra de língua estrangeira para se referir a todo o grupo das “pessoas de Macau”, o macaense é desviado e a definição é ampliada devido à alteração do significado de “pessoas de Macau”. No entanto, a maioria das pessoas em Macau não tem uma compreensão profunda da história local e outros conhecimentos, e não sabe que macaense originalmente se refere aos “土生” (nativos) e não a todos os habitantes de Macau. A maioria dos estrangeiros não conhece Macau, e nem os portugueses de Portugal conhecem Macau: Certa vez, uma mulher do Porto que gosta de viajar e parece muito elegante. Ao falar-me dos macaenses em Macau, perguntou-me todo o caminho: “Os homens de lá ainda têm tranças compridas?” A partir disso, eles podem ver como são os macaenses nas suas mentes. (Batalha 1994) De acordo com a estrutura da palavra macaense, acredita-se que a palavra se refere às pessoas de Macau atuais como um todo. Verifica-se que, de acordo com esta tendência, “pessoas de Macau como um todo” poderá vir a ser o significado de macaense num futuro próximo.

Neste trabalho, por não existir palavra na língua não chinesa que signifique as “pessoas de Macau” como um todo, e não haver consenso sobre o significado de

macaense, prevalecerá o significado original: “macaense” continua a significar “土生” (nativos). Toda a gente que se identifica como uma das pessoas de Macau é representada por “pessoas de Macau”, mas quando enfatiza a localidade e um grupo nascido e criado em Macau, é referido por “povo de Macau”. Ao expressar o chinês étnico, é expresso com “chineses”, mas quando é necessário enfatizar a localidade, é expresso com “chineses de Macau”.

Outra palavra — “macaísta” — também apareceu e a sua origem desta palavra e a sua relação com “macaense” são as seguintes:

“Não temos elementos para destrinçar em que época aqui se começou a usar o termo macaense, mas é evidente que é moderno e de influência culta. Quanto a macaísta, encontra-se nos textos em crioulo do século passado, não com o sentido de natural de terra, mas como adjetivo, indicando qualquer coisa própria de Macau, especialmente a língua. Língua macaísta era o dialeto antigo, por oposição ao português culto. De «próprio ou característico de Macau» deve ter a palavra passado ao sentido de «natural de Macau», vindo os dois vocábulos macaísta e macaense a confundir-se inteiramente no vocabulário metropolitano, embora se mantenham distintos no vocabulário macaense, onde o termo macaísta é considerado depreciativo, ou pelo menos desagradável.” (Batalha 1994)

Portanto, o consenso atual ainda é que “macaense” é usado principalmente para significar “土生” (nativos), ou seja, o grupo luso-asiático em Macau.

Nascida em terras de Macau, a etnia macaense tem Macau como lar, mas sempre esteve no meio da etnia portuguesa e da etnia chinesa, ou melhor, está na posição de intermediário, comunicando entre as etnias chinesa e portuguesa; mas quando se trata de lutas de poder ou disputas sociais, eles descobrem que não são provenientes de nenhuns dos grupos, lutando para sobreviver na lacuna entre os dois. Porém, sempre souberam como viver o seu próprio modo de sobrevivência em diferentes períodos e ambientes sociais.

II. 2. 1 Portugueses

Para a etnia portuguesa, os estudiosos dividem-na maioritariamente em dois grupos conforme o local de nascimento: portugueses europeus e portugueses de Macau. Também pode haver alguns portugueses que vivem em Macau há muito tempo ou pretendem viver aqui permanentemente, preferindo identificar-se como este último. Contudo, a relação de sangue e o local de nascimento são apenas a base da identidade de cada indivíduo. À medida que os indivíduos vivenciam na sociedade, entram em contacto com diferentes culturas com diferentes graus de identidade com diferentes culturas, as suas próprias tendências identitárias também variam. A identidade das pessoas modernas é mais influenciada pela identidade cultural.

II. 2. 1. 1 Portugueses-europeus

Como já referido, os portugueses que vieram da Europa foram os pioneiros da passagem que ligava as civilizações orientais e ocidentais. Eles passaram por milhares de dificuldades para a Índia, Japão e Macau, empurrando a era da navegação para o topo. Já no início do século XVI, eles velejaram pela costa da China e alugaram com sucesso um pequeno lugar, Macau, para se estabelecerem, estabelecendo um centro religioso, cultural e comercial que influenciou o mundo.

“Whereas embodying the global, the Portuguese have been part of the city's cultural imaginary for so long that social practice and history have provided the time and space necessary for these foreigners to become also “locals.” Drawing from Tereza Sena's (2001) discussion on the question of foreigners in Macau, the emphasis on the continuous presence of outsiders in the history of the city she termed the metropolis of equilibrium ultimately evokes the implication of distinct global processes in the production of an enduring multicultural attribute. Yet, this has slightly new features today. While bringing on economic prosperity, these processes have further ascribed a complex trait to Macau's identity in the long term.” (Zandonai 2009, 43)

Durante muito tempo, alguns portugueses consideraram Macau uma “vaca-leiteira” ou uma “árvore de dinheiro”, mas há quem goste do ambiente de Macau e opte por ficar aqui para constituir família e iniciar um negócio. É também por tais razões históricas que desde o momento em que os primeiros portugueses pisaram esta terra

até ao presente, mais de 500 anos depois, a China e Portugal sempre tiveram trocas estreitas e mantiveram contacto, embora a maioria dos portugueses tenha viajado entre os dois lugares uma só vez. No entanto, após a entrega, o governo da China Continental também confiou a Macau a tarefa de estabelecer a “Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”. As comunicações entre a China e Portugal tornar-se-ão mais próximos e mais interpessoais com a promoção mútua. Algumas pessoas optarão por regressar às suas cidades de origem, e também haverá portugueses e macaenses que optem por ficar em Macau ou estabelecerem-se em Portugal.

II. 2. 1. 2 Portugueses de Macau

Como não há muita comunicação entre etnias em Macau, a distância entre as etnias é relativamente grande, o que também favorece a preservação da sua própria cultura. Alguns portugueses que vivem em Macau tendem a viver dentro no círculo do seu próprio grupo étnico. Se a Igreja Católica é o núcleo cultural da comunidade portuguesa, então as associações portuguesas estabelecidas pelos residentes portugueses na comunidade é o espaço importante para manter a ligação entre os membros da comunidade portuguesa e para promover a identidade cultural étnica. (Liang 2020, 111) No entanto, sendo Macau uma terra onde a cultura chinesa é dominante, será inevitavelmente influenciada por ela, e creio que alguns portugueses estão dispostos a sair do círculo e abraçar a cultura local e de outras etnias, gostando do multiculturalismo de Macau e formando uma identidade relacionada.

No início, as longas viagens marítimas eram muito difíceis e perigosas, de modo que mulheres e crianças raramente participavam dessas aventuras. Naquela época, as autoridades portuguesas chegaram a proibir as mulheres de embarcar secretamente no navio. De facto, mesmo sem uma proibição oficial, os homens tiveram medo de levar as suas esposas e as filhas a bordo, colocando-as em longas e perigosas viagens ao exterior. Por outro lado, a contínua expansão ultramarina exerce uma enorme pressão sobre a população portuguesa. De modo a resolver o problema dos cônjuges de soldados no exterior, foram introduzidas políticas para incentivar o casamento entre soldados e

peças locais, e até mesmo certas recompensas materiais, como alocação de terras, foram dadas. (Li 2019, 15)

Como os portugueses ficaram muito tempo na Índia antes de virem a Macau para “secar as mercadorias”, o voo da Índia para Macau é muito mais curto e seguro do que o voo de Portugal para a Índia, e os portugueses também trouxeram a sua mulher e crianças da Índia para Macau para reinstalação, e alguns estudiosos acreditam que

“Quando Macau abriu o seu porto, os portugueses que vieram para se estabelecer não eram nascidos na Península Ibérica nem mestiços de sangue português e chinês, mas sobretudo portugueses da ‘segunda geração colonial’ que cresceram em redutos coloniais como a Índia e o Sudeste Asiático.” (Li 2019, 16)

Depois que o primeiro grupo de portugueses estabeleceu famílias e casas em Macau, embora alguns deles inevitavelmente se fundiram com outras etnias e casaram-se, com o contacto próximo entre Macau e portugueses, alguns portugueses virão para Macau, por isso, alguns ainda manterão o seu sangue puro. Embora estes descendentes ainda sejam dominados pela cultura e modo de vida portugueses, uma vez que a sua terra natal e memórias de infância estão em Macau, os seus sentimentos em relação a Macau e Portugal diferirão dos portugueses de Portugal. Essas pessoas orgulham-se de ter uma longa civilização. Eles não são racialmente tendenciosos, mas têm preconceitos culturais profundamente enraizados. Aos olhos dos chineses, todas as pessoas não chinesas são consideradas estrangeiras, de modo que a relação entre os dois ultrapassa o âmbito do comércio apenas em casos extremamente raros. (Amaro 1994) Embora essa comunicação entre etnias não esteja limitada aos negócios, a distância entre os grupos étnicos ainda é relativamente forte e ainda há menos comunicação em geral. A coexistência da arquitetura e da gastronomia só ocorre porque os portugueses vivem na mesma terra que os chineses e outros grupos étnicos. Embora vivam em tempo e espaço paralelos, a terra é, na verdade, a mesma área, então à superfície parece que a China e o Ocidente são misturados, mas na realidade há muito pouca comunicação entre os grupos étnicos ou entre pessoas de diferentes grupos étnicos.

II. 2. 2 Macaenses

A estudiosa portuguesa Ana Maria Amaro acredita que estes macaenses “têm as suas características biológicas e culturais humanas únicas, sendo um novo grupo, produto da mistura de muitas linhagens”. Por isso, deu um nome a esse grupo e usou esse nome como título da sua monografia: “Filhos da Terra”. Na sua opinião, estes macaenses são os “filhos da terra” nascidos da fusão dos continentes oriental e ocidental. (Li 2019, 15)

Os macaenses tinham muitos nomes, mas depois de uma triagem histórica, agora é basicamente unificado como “macaense” e “filho de terra”. “Pondo de parte uma polémica já estéril e por demais estafada, sobre ‘quem é, ou não, macaense, ou macaísta, ou maquista, filho da terra, filho Macau, Macau Filo ou Filhomac.’” (Jorge 1999, 7) Um diretor de Macau macaense afirmou certa vez: “Na verdade, estamos acostumados a ser chamados ‘土生仔’ (*t’ou-sáng-châi*, ‘gajo macaense’), não ‘土生葡人’ (*t’ou-sáng-p’ou-yân*, português(a) de Macau), e é melhor ser ‘澳門仔’ (*ou-mun-châi*, ‘gajo de Macau’)”. Na sua própria narrativa, enfatizou a sua identidade de “pessoas de Macau”, e está disposto a aceitar o vocabulário chinês - “gajo” (*châi*, 仔) para se autodenominar. Portanto, o que chamamos “português(a) de Macau” deve ser apenas um “chamado dos ‘Outros’” (principalmente da perspectiva chinesa) e não um “autochamado”. Esta não é a sua autoidentificação. Veem-se mais como “土生” (nativos), ou seja, pessoas nascidas e criadas em Macau, ou seja, “povo de Macau”. (Sun 2003, 107)

“The product of this long period of contact gave rise to one of the most significant categories of ethnic and cultural identity in Macao—the Macanese [Macaenses]. The very nature of Macanese identity has been marked by a certain degree of ambivalence: the Macanese community is not only the product of processes of inclusion and exclusion that developed in time in relation to the external conditions motivating people's interests; its boundaries have also remained undefined and diffuse, lying between distinct social universes.” (Gaspar 2014, 22)

Devido às fronteiras borradas das etnias macaenses e a própria identidade tem certa fluidez, principalmente depois que a identidade macaense gradualmente tende mais ao aspeto cultural, e o nativo não é como outros países ou regiões, que existe um reconhecimento oficial sobre a sua identidade. Com a globalização, a circulação de

peças é cada vez mais frequente, sendo difícil contar o número de macaenses. Basicamente não é possível saber quantos são os habitantes de Macau que entendem macaenses; em primeiro lugar, porque há uma real escassez de boas informações estatísticas e, em segundo lugar, porque a própria natureza dos macaenses como grupo que ocupa um espaço intermédio entre a maioria chinesa e a minoria administrativa oriunda de Portugal, conduz a uma definição vaga que os próprios agentes sociais exploram. (Cabral 1993, 20)

O quantitativo de 3879 indivíduos (em dezembro de 1988) que, com base nas estatísticas oficiais, Jorge Morbey estima como sendo macaenses, não deve ser encarado como representativo dos atuais efetivos, mas antes como um valor mínimo absoluto (Morbey 1990, 15). Contudo, quando se estima que o número de macaenses instalados noutras partes do mundo é de cerca de 150.000 indivíduos (Watts 1997).

Antes do regresso de Macau, havia cerca de 10.000 macaenses, e depois do regresso, o número era de cerca de 7.000 ou 8.000, incluindo principalmente estas pessoas: mestiços eurasiáticos de ascendência portuguesa, portugueses puros nascidos em Macau e portugueses nascidos fora de Macau, mas que se mudaram para Macau e aceitaram a cultura local; (Sheng & Qu, 1994) os chineses que receberam educação cultural portuguesa desde a infância, falam português e se integram na sociedade portuguesa²; portugueses que originalmente viviam fora de Macau e depois se mudaram para Macau e aceitaram a cultura de Macau; portugueses que nasceram em Macau e mudaram-se para outros lugares. (Sun 2003)

Das origens míticas, temporal espacialmente distante, resultam, em grande medida, os traços culturais identificados por estes dois macaenses, os quais assentam, no essencial, em três vetores: a miscigenação — de um passado português, o portuguesismo — partilha de uma referência cultural portuguesa, e a religiosidade — de uma referência católica, isto é, que os macaenses são o resultado do intercâmbio físico e cultural de longo prazo entre a Ásia e a Europa e particularmente Portugal. (Dias 2014, 198; Cabral 1993) E cada um destes vetores pode constituir a base para identificar um macaense, nem todos têm de corresponder para se considerados ou serem

² Fernandes, Henrique de Senna. *在澳門基本法咨委會召集的土生葡人座談會上的講話 (Discurso num seminário para os macaenses convocado pelo Comité Consultivo da Lei Básica de Macau)*

considerados macaenses. Por vezes nenhum dos elementos está presente. A identidade evolui com o tempo, e a importância de cada elemento aumenta ou diminui. A fé católica foi utilizada pela etnia macaense como fronteira cultural entre a sua etnia e outras. Desde o século XVIII, o papel da identidade religiosa na identidade da etnia macaense foi enfraquecido, enquanto a importância do português, do sangue português e de outros fatores continuou a aumentar (Figura 6), mas a do português enfraquece nos últimos anos. A proximidade com a cultura portuguesa, realçando assim a sua identidade étnica. (Liang 2020, 126-127) A determinação da religião e do português foi diluída e os laços de sangue diminuíram de importância ao longo do tempo. Então, na última análise, ser macaense ou não é mais determinado pela própria identidade cultural.

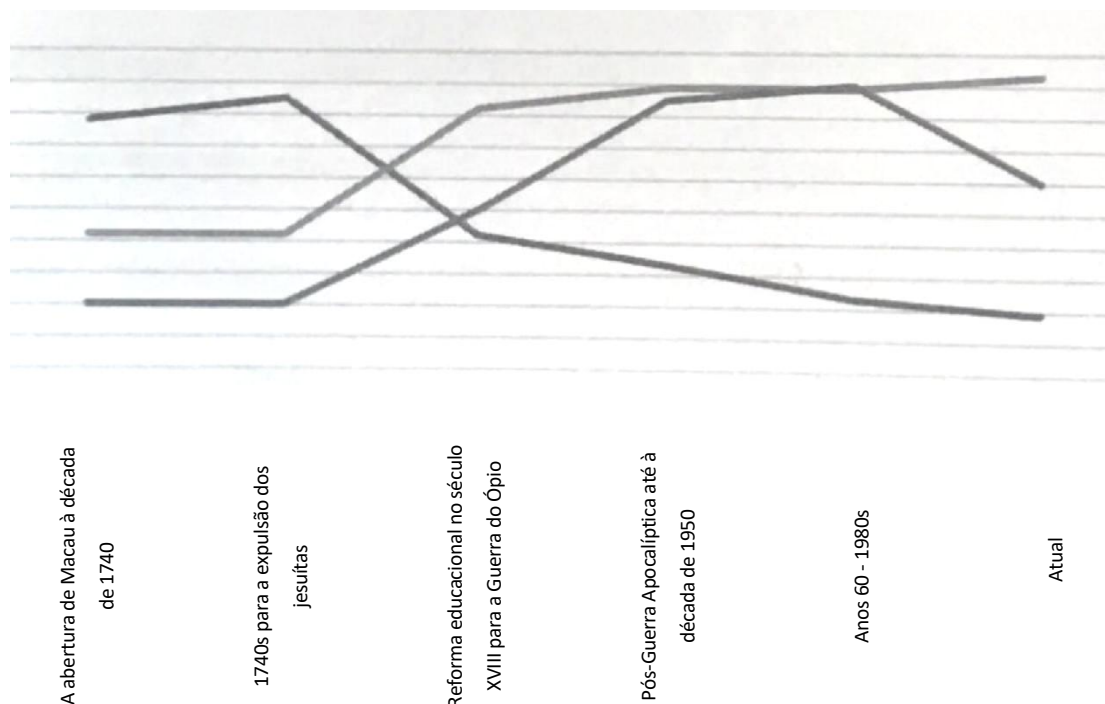


Figura 6 A mudança da importância dos fatores da identidade macaense (Liang 2020)

“Na opinião de Carlos Piteira, ser macaense hoje é sobretudo uma forma de estar: mais importante que os códigos genéticos, mais importante do que pertencer a uma família, hoje ser macaense é mais um modo de estar e de pensar ser identificado por modelos da aculturação.” (Serrano 1994, 59)

Ao discutir a definição de macaense nos círculos académicos, o sangue é a condição necessária mais importante e básica. Porém, esse conceito foi desenvolvido até agora, foi na direção errada ou, pelo menos, não é mais aplicável no conceito social atual?

Os três elementos são as condições necessárias, não suficientes e necessárias para “ser macaense”? Qual é a razão mais fundamental para a identificação de uma pessoa e do seu grupo étnico?

Se se quer chegar ao fundo das coisas e obter resultados empíricos, a tecnologia de hoje pode fazê-lo — “árvore filogenética”: colete o máximo possível de ADN dos macaenses, sequencie-o e insira-o num computador para comparação. Pode-se saber o quão próximas às pessoas estão pelo sangue, e quando os grupos étnicos começaram a se juntar a essa grande família macaense. No entanto, não é impossível, mas é uma abordagem desproporcional para custo e ganho. É necessário entrar em contacto com todos os descendentes macaenses espalhados por todos os cantos da terra, coletar as suas amostras de ADN, sequenciar um número tão grande de amostras e, em seguida, ter um possível supercomputador para fazer a comparação e, finalmente, construir essa imagem de árvore filogenética. É realmente difícil que o plano seja implementado com recursos humanos e materiais tão grandes. Além disso, isso pode ter perdido a sua importância original inabalável na definição de macaense? Especialmente quando alguém que é puramente português ou puramente chinês de sangue, desde que se identifique consigo mesmo e seja identificado como parte da comunidade macaense, já pode ser um(a) nativo(a). De acordo com essa afirmação, não é muito clara a linha de definição de nascido macaense? Isso é: a cultura. Alguns dizem: A cultura está no sangue, o que não são apenas palavras vazias.

“A comunidade macaense foi preservada devido à necessidade de existência de coesão social e de um sentido de identidade social. Os macaenses consideravam-se um grupo minoritário relativamente ao resto da população chinesa. Sentiam-se igualmente isolados, quer psicológica, quer geograficamente, dos portugueses. Apesar de tanto os portugueses como os macaenses partilharem da mesma identidade nacional, as duas comunidades permaneciam grandemente separadas devido à estrutura rígida do poder e à política cultural dentro na Colónia. Em termos da estrutura política, os portugueses da península, ou ‘reinóis’, ocupavam os cargos de topo, quer administrativos, quer militares, do Governo. Controlavam, ainda, as instituições dominantes tal como a Igreja e as escolas. Os macaenses ocupavam apenas os níveis mais baixos da hierarquia administrativa. (Watts 1997)

No que diz respeito à política cultural, a cultura macaense penetrava vários níveis de interação social que excluía os ‘reinóis’: gastronomia especial, tradições populares (canções, adivinhas, medicina popular, etc.) e organização de acontecimentos sociais (casamentos, festas religiosas). Herdaram também a memória de uma língua crioula, o patoá. Apesar de não ser a língua-mãe no início do século XX, era ainda usada como marca de uma identidade social; uma forma de identificar o grupo dos intrusos ou ‘os Outros’. (Watts 1997)

Seja durante o período colonial, os macaenses estiveram no fosso entre a classe portuguesa e a classe chinesa, ou confrontado com questões de identidade e onde ficar no período de regressar de Macau à China, os macaenses estiveram muitas vezes num dilema. Os estrangeiros “desenraizados” podem ser encontrados em qualquer parte do mundo, e o mesmo sentido de “desenraizamento” também confunde os macaenses em Macau, vistos como “portugueses” em Macau, mas “chineses” em Portugal, daí o contínuo ciclo migratório de exílio, anseio, nostalgia e regresso. (Tang & Zhou 2020, 10)

William Broom acredita que todas as personalidades buscam ativamente a confirmação de identidade para obter segurança psicológica e exigem ativamente manter, proteger e apoiar essa identidade para aumentar essa segurança psicológica. A incerteza da identidade é, sem dúvida, uma ameaça à segurança psicológica das pessoas. (Wang 2004, 94) Segundo Cabral e Lourenço, um dos sentimentos que predominava antes da transição era o da sensação de abandono (1993, 25). É neste sentido que devemos interpretar a locução proverbial, tão difundida nos meios macaenses, de que Macau é uma terra sujeita a tufões, tanto meteorológicos como políticos.

“Nós, os macaenses, não somos como o ferro, que quebra; somos como o bambu que dobra. Vem o tufão, e somos atirados ao chão; mas logo se segue o bom tempo e voltamos a endireitar-nos, espalhando os ramos.” (Cabral 1993, 24)

Antes da passagem do poder, a forte identificação do povo macaense com a origem portuguesa fez com que nunca admitisse ser chinês, apesar de ter crescido em solo chinês. Estes três grupos distintos vivendo em Macau (português europeu, macaense ou português de Macau e chinês) foram, da certa altura, separados uns dos outros ao longo da história. Após o retorno, essa situação mudou. (Sun 2003, 107) Houve alguma penetração mútua preliminar no início do século XX. Esses grupos têm

características biológicas e culturais humanas distintas, portanto, têm personalidades diferentes.

A situação e o processo de ajustamento dos macaenses no período do regresso de Macau foi, na verdade, um processo de confusão e reSeleção das suas tendências identitárias culturais. (Zhou & Li, 2007) A identidade cultural da etnia mestiça que vive no fosso entre as duas etnias será alterada pelo ambiente social e pela situação atual do jogo do poder político e do poder cultural.

II. 2. 3 Chineses

Como mencionado acima, ao discutir em profundidade a identidade das pessoas de Macau, este trabalho incide principalmente sobre a identidade étnica mais orientada para a cultura e a vida, e a identidade nacional baseada no direito e no sentimento de pertença, as quais são as duas principais dimensões da análise. A identidade geográfica das pessoas de Macau é um tema relativamente independente. Ao discutir a identidade do “chinês”, analisaremos principalmente essas duas dimensões.

Antes de iniciar a discussão, é necessário explicar os conceitos, as semelhanças e diferenças de algumas palavras. Nas línguas não chinesas, há basicamente apenas uma palavra para significar “a população da China”, como “chinês/chinesa” em português. Contudo, no contexto da linguagem chinesa, existem duas palavras para expressar esse conceito: “中國人”(t'chong-kuok-ian, pessoa da China”) e “華人”(waa4 jan4, chinês(a) étnicos ou culturais), havendo diferenças subtis entre elas. O estado-nação é um conceito que durou apenas duzentos anos, e a República Popular da China é um estado-nação. Portanto, quando dizemos “中國人”, é mais uma identidade no nível nacional, especialmente neste contexto atual chinês de “realizar o grande rejuvenescimento da nação chinesa”. “華人” é um conceito relativamente focado no nível de identidade étnica, e mais ênfase é colocada no senso da identidade do indivíduo com a cultura chinesa. Portanto, na expressão do texto, “chinês” será usado para representar “中國人” (chinês no sentido do Estado), e “pessoas da etnia chinesa” será usado para se referir ao significado de “華人”(chinês(a) no sentido étnico ou cultural).

Os dois não são equivalentes. Algumas pessoas identificam-se com a cultura chinesa, mas têm hesitações sobre se são chinesas; algumas pessoas identificam-se como chinesas, mas podem não necessariamente viver com a cultura chinesa como a sua cultura dominante. Este último é relativamente raro em Macau. Assim como o próprio grupo étnico contém dois níveis: um é cultural e o outro é social. O lado cultural é a cultura compartilhada pelos membros e o lado social é a ideia e a identidade que o grupo busca em comum. Os dois estão inter-relacionados e intimamente relacionados. Ao estudar os grupos étnicos, é preciso considerar a cultura da objetividade, a consciência dos compatriotas e grupos étnicos que formam o “meu grupo”(「我群」). A consciência da identidade depende dos eventos culturais objetivos. “Se não há cultura, não há consciência étnica moderna, mas a cultura é tão volúvel no processo de formação da identidade étnica.” (Wu 1998, 45)

Devido a essa diferença na compreensão das palavras, surgem situações interessantes tanto entre palavras quanto entre idiomas. Por exemplo, entre as palavras “中國人” e “華人” no contexto da linguagem chinesa, há, com certeza, algumas pessoas que concordam fortemente com ambas, mas também há alguém que não concorde com ambas e concorde apenas com uma ou concorde mais com uma dessas situações, quando neste último caso surgem subtilezas interessantes. A maioria deles identifica-se como chinês(a), mas tem ressalvas em se identificar como chinês(a), com graus variados de identificação e negação. Alguns vão negar com firmeza, alguns vão dizer apenas a sua identidade regional, alguns vão dar uma resposta sem negação quando outros perguntarem “És chinês(a)?”, alguns vão dizer a sua própria identidade regional e a nacional em simultâneo, e algumas pessoas vão enfatizar que são chineses e só falam sobre a sua identidade nacional.

Quando os falantes têm diferentes entendimentos de conceitos entre diferentes usos das línguas, uma situação tão interessante ocorre na maioria das pessoas que nasceram em Macau ou vivem em Macau há muito tempo. A maioria destas pessoas de Macau reconhece diretamente a identidade da cultura chinesa, mas têm diferentes graus de reconhecimento e hesitam quanto à sua identificação com “chinês” no sentido nacional. Na situação que se não fala em chineses, é difícil explicar esta diferença porque não há cognição da diferença concetual entre “中國人” e “華人” na cognição das

peessoas que não sabem falar chinês, referidos apenas coletivamente como “chinês/chinesa”. Portanto, quando essas pessoas com hesitações sobre a sua identidade “chinesa” no sentido nacional, querem explicar a sua identidade para estrangeiros, elas encontrarão certos problemas e precisarão gastar algum tempo e palavras para o explicar. Para a maioria das pessoas em Macau que têm sempre uma preferência da “quando podem fazer menos, não vão fazer mais”, eles escolherão fazer menos. Apenas um pequeno número de pessoas estará disposto a gastar mais tempo explicando esta diferença tão subtil na frente de amigos familiares com uma certa compreensão da história de Macau.

II. 2. 3. 1 A língua

Aqui, é necessário explicar o papel da linguagem na identidade. Vivendo em grupo, uma linguagem unificada que possa se comunicar com cada indivíduo é importante. Se um grupo quer se manter unido, a comunicação é essencial, sendo o “lubrificante” das relações interpessoais. Para ser combinado com o contexto cultural, cada indivíduo tem uma história comum para formar um conhecimento situacional cultural comum:

“In fact, it is more important to have contextual knowledge if we desire to communicate with others effectively. Without contextual knowledge of a culture, the use of language can often be rendered senseless.”; “to be culturally competent, therefore, to be appropriate and effective in a particular cultural context. To be culturally competent means one translates cultural knowledge into culturally appropriate and effective behaviors.” (Wang 2011, 5-7)

No entanto, a língua portuguesa sempre foi a chave para que os portugueses construíssem barreiras étnicas. Desde o momento em que os portugueses puseram os pés em terras de Macau até ao retorno de Macau, a comunicação entre os grupos portugueses e chineses baseou-se maioritariamente nos macaenses, que desempenharam sempre um papel importante na ligação dos dois grandes grupos étnicos de Macau, formando assim o modelo de classe social antes do retorno. Apenas um número muito pequeno de portugueses que se interessam pela cultura chinesa aprenderam chinês e se tornam sinólogos, e um pequeno número de chineses pode

aprender português. Essas pessoas também são bilíngues, mas principalmente os macaenses desempenham esse papel.

Para consolidar o seu poder administrativo, o governo colonial utilizou o português como condição para a obtenção de funcionários públicos e elevou o patamar de aprendizagem do português, de modo a manter o estrato principal do governo composto por funcionários públicos médios e superiores controlados por portugueses e macaenses, fazendo a marginalização mais evidente e o distanciamento mais profundo dos grupos étnicos português e chinês. Além disso, porque os chineses representam mais de 90% da sociedade de Macau, o cantonês é a principal língua de circulação. Os portugueses não promovem o português para autoproteção, resultando no português que era uma língua fraca usada por menos pessoas em Macau, dando a posição dominante ao chinês. No entanto, do ponto de vista do povo de Macau todo, ter uma língua comum é a base para unir um grupo e estabelecer a sua subjetividade.

Quando os portugueses partiram, apenas cerca de 2 por cento das 450.000 pessoas de Macau falavam português, com os outros 98 por cento a falarem cantonês e outras línguas. (Brooke 2004, 4)

“The colonial government was remote from the Chinese population, and the Chinese and Portuguese communities in Macau were relatively distant from each other. Before the handover, a colonial identity was seen as “the other” in the “self” understanding of most of the Macau people.” (Lam 2010, 662)

Isso contribuiu para que o cantonês se tornasse a língua dominante entre os chineses e até mesmo entre os macaenses. O cantonês era a língua corrente do povo de Hong Kong no período da transferência, como é o caso de Macau. O uso do cantonês antes da reunificação tem o significado de lutar pelos direitos e interesses dos chineses, e o cantonês após a reunificação tem as características da identidade de Hong Kong e Macau. Os direitos e interesses pelos quais se queria lutar antes foram conquistados, e agora é destacar a sua função identitária. (Shi 2018, 44)

Embora as fronteiras das línguas sejam firmes, já que existem pessoas que usam línguas diferentes morando no mesmo lugar. As línguas também afetarão umas às outras, e alguns fenômenos interessantes aparecerão. Algumas palavras comuns na vida cotidiana podem quebrar as barreiras da linguagem. O cantonês emprestará palavras

portuguesas e, nos últimos anos, o cantonês emprestado também apareceu ocasionalmente. Por exemplo, uma das principais vias de Macau: a nova estrada Avenida de Almeida Ribeiro. Nessa altura, o governo de Macau Português nomeou esta estrada recém-inaugurada que atravessa o leste e oeste da Península de Macau como Avenida de Almeida Ribeiro, que se traduz como “亞美打利庇盧大馬路” em chinês. Como a maioria dos chineses não entende português, e a tradução chinesa é muito longa e difícil de lembrar, sempre foi chamada “新馬路” (“San Ma Lo”, “Avenida Nova”). Nos últimos anos, alguns portugueses também começaram a usar a transliteração cantonesa de “SANMALO”.

II. 2. 3. 2 “Novos imigrantes chineses” e trabalhadores chineses

Antes de tudo, primeiro explique o significado das palavras relevantes. Esta parte irá discutir os novos imigrantes chineses da China Continental que vêm para Macau, incluindo principalmente o que normalmente entendemos como “novos imigrantes” — um grupo de pessoas que acabaram de chegar a Macau, viveram em Macau e constituíram uma família, bem como o grupo dos chineses trabalhadores migrantes da China Continental que vieram a Macau para trabalhar. Para conveniência de explicação posterior, os dois grupos serão referidos coletivamente como “novos imigrantes”, usado principalmente para explicar as semelhanças e diferenças das fricções e hábitos de vida encontrados pelos chineses que vieram da China Continental para Macau quando vivem e se comunicam com os habitantes de Macau. Pelo que a definição de “novos imigrantes” neste trabalho difere da definição geral, utilizada apenas para representar um tipo de fenómeno.

“Most new immigrants have, at best, very tenuous connections with all levels of Macau society;...they mostly live within their own social circles. New immigrants lack a sense of belonging to Macao and there exist some barriers between them and Macao people’ (Wong 1990, 168). Indeed, it was clear that in common usage, the term ‘new immigrant’ referred not simply to a Chinese person recently arrived in the territory, but to a particular social position within Macao that also involved neighbourhood of residence, class status, language, and perceived degree of alienation from Macao society.”(Clayton 2002a,77)

Macau é um lugar pequeno com uma população pequena, mas a sua economia lançou nas últimas duas décadas. A participação dos trabalhadores migrantes é indispensável. Como mencionei anteriormente, os trabalhadores não locais e estudantes não locais representam 16,7%. Entre os trabalhadores estrangeiros, a proporção de trabalhadores chinesa continental é muito grande, o que é uma força que não pode ser ignorada, pelo que é necessário incluí-los no objeto de investigação.

“Novo imigrante” é um conceito relativo, sendo um contraste entre o falante e o objeto. O falante identifica alguém como um “novo imigrante” ou um “novo de Macau”, mas o falante chegou a Macau só relativamente antes do objeto. Pode ser que o próprio falante tenha chegado recentemente a Macau e, aos olhos dos locais, eles sejam também “novos imigrantes”. Depreende-se daí que existe uma “cadeia de inferioridade identitária do povo de Macau” (「澳門人身份卑視鏈」) formada em função do tempo de permanência em Macau. Houve também um período em que o grupo dos “novos imigrantes” se tornou foco de atenção devido aos constantes hábitos de vida e conflitos culturais. No entanto, à medida que mais e mais pessoas do continente vêm a Macau, o mandarim torna-se um fenómeno comum. Os habitantes de Macau sempre são tolerantes, tendo uma atitude de “quando podem fazem menos, não vão fazer mais”(「多一事不如少一事」), e gradualmente tornaram-se acostumados com a existência de “novos imigrantes”. Os conflitos foram reduzidos e, como ambos são baseados na cultura chinesa, a aceitação mútua entre os dois é basicamente uma questão de naturalidade.

“A óbvia preocupação de Macau com a identidade começou por volta de meados dos anos 80 com as discussões sobre a questão dos novos imigrantes. O surgimento do termo ‘novos imigrantes’ significa que existe uma comunidade de antigos residentes de Macau ou residentes originais de Macau. Eles pensam serem eles é que um grupo de locais de Macau, e os “novos imigrantes” são apenas um grupo de chineses da China Continental. Este fenómeno é uma forma de expressão da identidade do povo de Macau. No entanto, devido à singular abrangência da sociedade de Macau e à emergência de questões relacionadas com o futuro de Macau entre a China e Portugal, a discussão sobre a questão dos “novos imigrantes” centra-se basicamente apenas na assistência e cuidados aos novos

imigrantes, e não há consciência comportamental de exclusão, não causando muitas disputas e inconsistências sociais.” (Lo 2009, 13)

Mas no processo, alguns fenómenos interessantes também ocorreram. Por exemplo, alguns chineses de Macau estão a tentar manter a sua identidade de Macau quando são confundidos com os da China “continental”, o caso de uma amiga minha mencionado acima sentiu-se insatisfeita por ser confundido com uma continental, a relação, a luta e a tensão entre as duas identidades, etc.

A razão para a identidade nacional superior ou igual à identidade local é porque Macau é uma cidade de imigrantes com uma grande população imigrante. Nas comunidades modernas de Macau, o número de recém-chegados é muitas vezes superior ao número de residentes. No final de 2016, o número de recém-chegados a Macau era ainda superior ao número de nascidos em Macau. (DSEC 2016) Assim, para além das razões de não ter sentimentos profundos por esta terra, devido à evolução de longo prazo da cultura especial de integração regional de Macau, existem outras razões que podem ser resumidas nos dois pontos de referência seguintes (Lu 2009, 71-72):

Em primeiro lugar, não existe uma cultura dominante em Macau e diferentes culturas têm espaço independente em Macau. Embora a cultura chinesa sempre tenha sido a principal cultura de Macau, a cultura portuguesa apoiada pela força administrativa é a cultura dominante da sociedade macaense. Há uma forma contraditória de confronto e restrição entre a cultura principal e a cultura dominante.

Em segundo lugar, os residentes de Macau são indiferentes aos conceitos políticos e sociais e carecem de um sentido de identidade nacional. Na segunda metade da década de 1980, a educação cívica discutida e implementada pela população de Macau era, na verdade, ser um “residente de Macau” em vez de ser um “cidadão chinês”. No final da década de 1990, o programa de educação ética e cívica promulgado pela Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude de Macau (澳門教育及青年發展局) já incluía conteúdos curriculares sobre a China, mas obviamente não era suficiente para cultivar um cidadão chinês que tivesse um sentido de identidade com o país. (Zhang 1992) As concepções políticas e sociais do povo de Macau são extremamente indiferentes e o pragmatismo é extremamente prevalente, tornando-se um representante típico da “politização”. As pessoas de Macau que vivem

num ambiente “despolitizado” só se preocupam com os seus próprios interesses ou segurança e carecem de responsabilidades nacionais e sociais, indiferentes às operações governamentais, assuntos sociais e interesses públicos. Na verdade, só tem a categoria de “residente” e não o estado de “cidadão”, naturalmente, há pouco sentido de cidadania.

Isso também responde às preocupações de alguns estudiosos de que a identidade local de Macau pode ser perdida ou diluída devido ao retorno: “O que há de errado com Macau? Por que os estudantes de Macau não se identificam como pessoas de Macau?” (Li 2012) Em outras palavras, estão mais preocupados com o fenómeno que a “chinesidade (「中國性」)” pode impactar (ou mesmo substituir) a atribuição de valor e identidade cultural de “*macauness* (「澳門性」)”: não há conflito entre as identidades “de Macau” e “chinesa”. A verdadeira crise de identidade não é a identidade nacional de “chinês”, mas a identidade local de “povo de Macau”. (Li 2012)

O Professor Zhou Daming (周大鳴) da Universidade Sun Yat-sen (中山大學) referiu que com a integração económica de Macau e do continente e a integração política após 1999, Macau tenderá também a integrar-se culturalmente. Haverá um novo grupo étnico em Macau, o “grupo étnico de Macau” (澳門族群), que se baseia em diferentes grupos étnicos. O grupo étnico de Macau será dominado pela etnia Han e integrará a “estrutura de multi-integração” de outros grupos étnicos de Macau. (Zhou 2000) No entanto, alguns estudiosos levantaram objeções, argumentando que a cultura étnica de hoje em Macau não se fundiu e formou um novo grupo étnico como disse Zhou, mas as fronteiras de vários grupos étnicos tornaram-se mais óbvias, os grupos étnicos tornaram-se mais diversificados, e a cultura, em vez de alcançar uma grande integração, tornou-se mais diversificada e generalizada. (Zheng 2010)

Quanto à formação de um “grupo étnico de Macau”, vamos deixá-lo de lado por enquanto. Contudo, como pudermos melhorar o sentimento de pertença do povo de Macau a esta terra? Podemos preservar a memória coletiva do povo, protegendo o património mundial e os edifícios de significado e valor para as gerações futuras. Ao mesmo tempo, reforça a memória da história local dos residentes de Macau, constrói a identidade de Macau e permite que o capital cultural e o capital económico se transformem e se desenvolvam em conjunto. Por exemplo, o conjunto de edifícios do

Largo do Senado de Macau é um edifício do período da administração colonial desde o século XVI. Agora não só carrega uma riqueza de feitos históricos, mas também um espaço que dá continuidade às memórias coletivas do povo de Macau, expressando a estética da arquitetura colonial. A recriação da história e a cultura do passado mostraram conjuntamente o passado e o presente do complexo de edifícios diante do público.

Há muito que o governo espera reforçar a identidade e o sentimento de pertença da população de Macau como “cidadãos de Macau” e consolidar a identidade cultural local da população. Isso ajudará a promover a integração da sociedade de Macau e também uma implementação de políticas governamentais. No entanto, qual é a relação entre a identidade regional local e a identidade nacional do povo de Macau? Trata-se de um par de conceitos que podem coexistir ou são mutuamente incompatíveis e incompatíveis?

Alguns estudiosos acreditam que o governo, de facto, dificultou promover o sentido de “cidadãos chineses”, ao mesmo tempo, em que aumenta a “consciência local do povo de Macau”. (Qin 2016, 120) Na construção da memória coletiva sobre a identidade nacional, a identidade da pátria colidiu com a identidade colonial, assim como a identidade local. A imprecisão ou mesmo a falta de imaginação histórica sobre a pátria levou às óbvias características “multifacetadas” e “misturadas” da identidade nacional dos residentes de Macau. (Xie 2019), mostrando uma tendência instrumentalista ou mesmo liberal a conceitos como “cidadania” ou “patriotismo” (Chan & Chan, 2014), sendo uma “oscilação” em termos identitários e “ambíguo” psicológico e cognitivo (Zheng & Wong 2002, 71). A identidade colonial foi intencionalmente moldada pelo governo de Macau português:

“It practiced ‘a shared sovereignty’ (p. 14), illuminated in the idea of ‘lusotropicalism,’ which held that ‘Portuguese expansion was an enterprise of racial and cultural mixing that was fundamentally more humane and progressive than its northern European counterparts’ (p. 52). As such, in the last years before returning Macau to China, the Portuguese government tried to convince its colonial subjects (95 percent of whom identified as Chinese) that they possessed a ‘unique cultural identity’: that although they were Chinese they were also ‘different from all other Chinese people’ (p. 2). This shapes the ways Macau people

think of, or imagine, themselves as Chinese, ‘sort-of Chinese’, or ‘Chinese but different.’” (Hung 2011)

No entanto, alguns estudiosos acreditam que as identidades tradicionais de “chinês” e de “Macau” não são mutuamente exclusivas, e até certo ponto são construídas como uma identidade natural, razoável e sem costura. (Lin 2017, 153-154) Por isso, “amar o país e Macau” é mesmo considerado uma “conspiração” para definir Macau em conjunto, definir as características do povo de Macau e depois definir as normas de comportamento do povo de Macau, o que se tornou uma ferramenta para o governo regular o comportamento cívico e restringir os movimentos sociais. (Lam 2011) Sob o esquema de construção identitária de “amar o país e Macau”, Macau não estabeleceu uma identidade internacional e localizada como Hong Kong. (Chou 2010) Pelo contrário, eles basicamente definem o povo de Macau como um grupo de pessoas silenciosas e simples em Macau, uma “cidade tranquila”, que se entendem e não gostam de conflitos; são harmoniosos, mas não lutadores. (Lam 2011)

A identidade é um conceito sensível e volátil que alterará com as mudanças na sociedade, política, cultura, poder do discurso, etc., e também terá diferentes relações com outras identidades. A consciência nacional chinesa constitui o eixo principal da identidade política. A identidade social e cultural do povo de Macau pode ser considerada uma combinação de “elementos portugueses” e “elementos de Hong Kong”, mas os três são mutuamente exclusivos. (Kaeding 2010) Acredita-se que existem contradições entre a identidade local de Macau e a identidade nacional, mas também existem partes que podem coexistir. Como a relação entre eles se desenvolverá, se seja “a chamada montanha não pode esconder dois tigres” (一山不能藏二虎, *a great man cannot brook a rival*), ou se eles podem coexistir harmoniosamente como a sociedade diversificada de Macau, depende das mudanças no ambiente social.

II. 2. 4 Asiáticos orientais: filipinos, tailandeses, vietnamitas, indonésias e outros

Conforme os dados demográficos (Tabela 1) da Direcção dos Serviços de para os Assuntos Laborais de Macau (澳門勞工事務局) no terceiro trimestre de 2022, existem

mais de 160.000 trabalhadores não locais em Macau, dos quais o Sudeste Asiático é o segundo maior grupo de empregados domésticos estrangeiros em Macau. Eles são principalmente das Filipinas, Vietname, Indonésia, Nepal e Birmânia, representando respetivamente 16,0%, 5,4%, 2,9%, 1,9% e 1,4% do número total de ajudantes domésticos estrangeiros.

Tabela 1 Número de empregados no terreno no final de outubro de 2017

País / Região	Número de pessoas
Filipinas	26.043
Vietname	8.833
Indonésia	4.704
Nepal	3.020
Tailândia	527
Malásia	587
Birmânia	2.268
Outros	116.409
Total	162.391

A maioria dos trabalhadores migrantes, que constituem uma grande parte da população de Macau, são provenientes do Sudeste Asiático. Devido à diferença no nível de desenvolvimento económico, muitos trabalhadores migrantes estão dispostos a vir para Macau para assumir alguns empregos de nível inferior. Embora o salário não seja alto aos olhos dos moradores de Macau, é duas ou três vezes o salário que os trabalhadores migrantes podem encontrar na sua cidade natal, então muitas pessoas estão dispostas a trabalhar duro por um tempo e depois voltar para o apreciar. O tempo de trabalhar é longo e o tempo fora do trabalho só é suficiente para descansar, pelo que a maioria deles não podem fazer outras coisas e, assim, não tem sentimentos profundos pela terra de Macau e raramente comunicam com os locais.

Alguns empresários não chineses e não portugueses do Sudeste Asiático que vieram para Macau nos primeiros dias beneficiaram das políticas dos anos 70 e 80, obtendo cartão de cidadão de Macau e aqui viveram durante muito tempo. Essas

peças de ascendência do Sudeste Asiático que já possuem cartão de cidadão se identificarão como peças de Macau, e podem ser “(étnicas) peças de Macau”, dependendo do local de origem dos seus parentes mais velhos e da cultura familiar dominante nas suas vidas. Quanto aos trabalhadores migrantes no Sudeste Asiático nos últimos anos, devido à população extremamente cheia de Macau e ao endurecimento das políticas populacionais, Macau é apenas um lugar para fornecer empregos e estabelecer uma base sólida para a vida futura que anseiam. Se não houver oportunidades especiais, a maioria deles tem pouca afeição por Macau, muito menos sente-se a identidade de fazer parte do povo de Macau: Aquilis Gino, das Filipinas, trabalha como segurança no Galaxy. Quando entrevistado, ele está em Macau há apenas dois anos. Disse que só veio trabalhar e não tem nenhum sentido de pertença a Macau. “Macau deu-me um futuro ótimo.” (Chan 2017b, 17)

Quanto à situação dos trabalhadores migrantes em Macau, como disse o estudioso Shi Wei (史唯) no livro «À deriva pela China em Las Vegas: Trabalhadores Migrantes em Macau» (《澳門移工：漂泊在中國的拉斯維加斯》):

“Os estudos existentes centram-se na estrutura social onde os trabalhadores migrantes vivem, e carecem de atenção e compreensão do próprio grupo de trabalhadores migrantes. Nestes estudos, quer seja a discussão dos prós e contras dos trabalhadores migrantes que afetam a sociedade de Macau, ou uma análise da política do governo sobre o controlo de trabalhadores migrantes, os trabalhadores migrantes são objetos passivos de pesquisa, um objeto que não pode falar. A sua existência é geralmente considerada parte da estrutura económica, por isso muitas vezes são reduzidos a estatísticas abstratas. Esta perspetiva de pesquisa ignora a subjetividade dos trabalhadores migrantes nas relações de poder político e económico únicas de Macau. Como um grupo ativo, em grande medida, o impacto dos trabalhadores migrantes em Macau não é apenas o impacto económico, mas o seu trabalho transfronteiriço, práticas culturais, estilos de vida e interações com as peças de Macau estão todos a reescrever a paisagem social e cultural da cidade de Macau. Estão também a formar as novas formas sociais e práticas de vida. É geralmente ignorado nas pesquisas existentes.” (Shi 2018, 17)

No livro do professor Shi Wei (史唯), ela descreveu um encontro que mais impressionou Francisco:

“Um dia vi uma velha no autocarro, ele estava de pé ao meu lado. Vi que ela era mais velha, então levantei-me para dar a ela assento-o. Ela insistiu que não, mas quando finalmente decidiu se sentar, encontrei que ela tirou os sapatos e colocou os sapatos no banco e sentou-se. Ah, isso é incrível!” (Shi 2018, 68)

Que discriminação constrangedora! Francisco ofereceu amavelmente o seu assento, mas não foi culpa dele ter sido discriminado devido à sua raça ou da sua aparência. Isso é apenas um estereótipo discriminatório, que não tem nada a ver com a realidade, assim como as medidas antiepidémicas do governo contra determinada etnia, não faz nenhum sentido. E o mais pungente é que “Francisco está um pouco acostumado com isso”, ou seja, não é mais um acidente esporádico.

“Aos olhos dos habitantes locais, esse grupo estrangeiro é pobre, perigoso, sem nome e sem educação, e nunca pode ser “nós” ou estar com “nós”. Na sua atitude para com os Outros, o povo de Macau, anteriormente colonizado, mas agora “no comando”, replica o olhar colonial dos portugueses e de Macau, vendo-os como inferiores aos Outros.” (Shi 2018, 60)

De facto, o conceito do “Outro” mudará com as diferentes épocas e relações sociais, e quem tiver o maior direito de discurso será o mais bem-sucedido na construção do atributo “Outro”. Nos anos 80 e 90, os habitantes de Macau não eram os “Outros” dos outros. Naquela época, era a época de ouro da cultura popular de Hong Kong, havia muitas obras de música popular, cinema e televisão, e também algumas imagens do “povo de Macau”. No entanto, este tipo de “povo de Macau” é apenas a imaginação do povo de Hong Kong sobre o povo de Macau e a cidade de Macau, como algumas personagens de cinema e televisão que são meninas inocentes e boas, e aspetos religiosos conservadores.

II. 2. 5 Outros: Imigrantes ocidentais, etc.

Há também algumas pessoas da Europa e dos Estados Unidos que vêm para Macau por diferentes motivos. Consoante o meu entendimento, alguns podem ter vindo a Macau para negociar e trabalhar durante os governos de Macau português, outros vieram a Macau por volta do retorno, mas hoje em dia são pessoas mais profissionais ou técnicas, tais como executivos de vários casinos. São frequentemente classificados

automaticamente como “estrangeiros” pelos chineses em Macau, com os portugueses, simplesmente porque têm uma aparência diferente e falam uma língua diferente da maioria dos chineses. A palavra “estrangeiro” assumiu um significado diferente em Macau, criando até certo ponto o “Outro” a nível étnico.

“[T]he development of a sense of global connectedness has responded to an intensified cohabitation with foreigners, by whom we do not mean, however, the Mainland Chinese, but the non-Chinese and, above all, Western immigrants. All through the present phase of economic growth, the arrival of native English speakers, from Australia, North America, and England (including the British nationals born or having residence in Hong Kong), has somehow urged for a review of the meaning of “foreigner,” and thus of the way the global is perceived.” (Zandonai 2009, 43)

II. 2. 6 Conclusão

“O reconhecimento e o amor dos cidadãos por uma sociedade tem de se basear no conhecimento histórico. Onde não há respeito pela história, é difícil cultivar raízes e identidade.” (Lung Ying-tai (龍應台))

O discurso sobre as origens é uma das peças centrais na construção de qualquer identidade étnica (Anthias 1990, 20), pois envolve não só a definição do grupo enquanto tal por oposição a outros grupos, como as próprias definições que cada membro faz de si mesmo. (Cabral 1991) No entanto, durante o período do governo de Macau português, os colonos portugueses não investiram tempo e energia na constituição da identidade do povo, de modo que o povo de Macau não tinha o sentimento de pertença ao país do colonizador; pelo contrário, de modo a consolidar o poder dos colonialistas portugueses e de manter o poder absoluto no topo do governo, a língua portuguesa foi utilizada como limiar de entrada na função pública, resultando na falta de uma língua comum para a comunicação entre as duas comunidades. As divisões de classe da época e a persistente segregação das comunidades deixadas para trás.

“A cultural gap between the Portuguese and Chinese communities that has existed for many generations, and that has hampered the process of localization during the transitional period.” (Ngai 1997a, 146) As lacunas identitárias assim criadas,

colocadas num ambiente político complexo e mutável, na verdade, fornecem a diferentes forças políticas mais possibilidades de construção identitária. (Lin 2017, 137-138)

“But people at that time, especially among the local Chinese community, were still scared to talk about Macau's identity, afraid of being accused of striving for Macau's “independence” from China - even though this was not at all the case. Discussing and defining Macau's identity had for a long time remained taboo. The local Government was also reluctant to encourage people to talk about their own identity. This resulted in a weak sense of belonging among the local population, especially when China reopens its doors, allowing new immigrants to settle in Macau after 1978.” (Ngai 1997a,141)

Após a entrega, a complexidade da identidade de Macau é que ela precisa ser distinguida de Macau colonial, mas também da China Continental. A identidade cultural da RAEM exige um exame cuidadoso das suas características históricas e estruturais sociais. (Pun & Yee 2003) Como disse Stuart Hall, a identidade cultural é uma definição instável criada pelo contexto histórico e cultural. A identidade cultural não é fixa e muda devido a mudanças de posição. A política da identidade, a política do ponto de vista, sem uma lei de origem definitiva passada de geração em geração. (Hall 1990)

Com o desenvolvimento económico de Macau nos últimos anos, Macau tem mais oportunidades de ser conhecido por pessoas de outras regiões, e as pessoas de Macau também são cada vez mais vistas. No “modelo de Macau”:

“The cultural identity of Macau is Sino-Latin: that is, it involves the coexistence, interaction and blending of both, based on mutual respect and tolerance.” (Ngai 1997a, 146)

Haverá cada vez mais oportunidades de intercâmbios e encontros entre vários grupos étnicos. Com o aprofundamento da compreensão mútua e cada vez mais chinês aprendendo português, acredito que todos os grupos étnicos buscarão pontos em comum, reservando as diferenças, compreendendo-se e entendendo as diferenças dos outros, tolerando e aceitando o “Outro” no nível étnico como “nós”, e pode confiar e compartilhando o título de "Macau" que representa todos nós.

Capítulo III: Metodologia

Na pesquisa realizada na pequena localidade como Macau, a composição populacional é dominada pelos chineses. Outros grupos ou são muito pequenos em comparação, ou têm pouca, ou nenhuma voz ou capacidade de lutar pelos seus direitos. Todos eles estavam, em diferentes graus e na natureza, escondidos da onda chinesa em Macau. Seja ao nível social, seja ao nível dos media ou na impressão para o mundo exterior, quando o povo de Macau é mencionado, é tacitamente considerado chinês em Macau, e a administração do governo e os estudos académicos são, na sua maioria, conduzidos de uma perspetiva chinesa. Mesmo em estudos de amostra, outros grupos étnicos são basicamente ignorados ou têm pouca influência nos resultados do estudo. Nessas circunstâncias, é impraticável estudar ou colher amostras de forma quantitativa, por isso este estudo é realizado de forma qualitativa. Embora amplifique até certo ponto as vozes da minoria na comunidade, também as torna menos negligenciadas.

III. 1. Seleção de técnicas

A identidade tem um carácter emocional. É o sentimento de uma pessoa relativamente a espaços e a outras pessoas. A linguagem verbal é a forma mais clara de expressar sentimentos. Daí que se justifique ouvir em entrevistas filmadas alguns membros das comunidades de Macau expressando o que sentem relativamente ao tema da investigação. Como observa João Rapazote, “os filmes assentam, de facto, num tipo de conhecimento mais específico que abstrato, mais direto e experiencial, relacionado com os dados sensoriais, a memória e a introspeção, invertendo assim a hierarquia logocêntrica tradicional da passagem da explanação para a descrição e finalmente para a experiência, que a escrita ensaística – não a literatura – reproduz.” (Rapazote 2007, 93) Efetivamente, observo que a comunicação entre as comunidades de Macau é muito reduzida, provavelmente devido às barreiras linguísticas e a modos de vida diferentes. É importante criar algumas oportunidades para incentivar a comunicação entre as comunidades. Contudo, também se verifica “a substituição do princípio da relação declarativa de ideias válido para a escrita – ‘representação direta do pensamento’

estruturado, pelo princípio da relação entre imagens presentes no nível visual, quer pela proximidade e sequência com que as imagens são apresentadas, quer, quando estão distantes, pela ressonância de umas nas outras, princípio este que adquire toda a sua especificidade com as relações estabelecidas dentro da imagem (num mesmo plano) pelo recurso a ‘um reflexo de desvios de atenção’ (MacDougall 1998, 191) totalmente subjetivo.” (Rapazote 2007, 94) Desta forma, a realização de algumas entrevistas/conversas complementadas com pesquisa bibliográfica parece-me ser a melhor opção em relação a esta temática.

O meu trabalho incluirá, assim, algumas conversas e um debate em grupo, com um registo de alterações das ideias dos informantes durante o processo de investigação.

Primeiro, filmar-se-ão alguns áudios e vídeos constituídos por conversas com informantes e por obras gravadas por mim e relacionados com um tema: como é Macau para si e como é a sua vida em Macau, o que se enquadra no conceito de cinema indígena, de modo a refletir a impressão que os informantes e eu temos de Macau e o que é importante para nós em Macau. Um vídeo facilita a comunicação, quer interna, quer externa, entre grupos sociais e “tem uma dupla vantagem: sua apreciação passa pela imagem, sua apropriação é coletiva” (Gallois, 63). O cinema indígena cria um “efeito de paralaxe”:

«In optics, the small parallax created by the slightly different angles of vision of each eye enables us to judge distances accurately and see in three dimensions- Drawing on a similar principle, one might understand indigenous media as arising from a historically new positioning of the observer behind the camera so that the object—the cinematic representation of culture—appears to look different than it does from the observational perspective of ethnographic film. Yet, by juxtaposing these different but related kinds of cinematic perspectives on culture, one can create a kind of parallax effect; if harnessed analytically, these "slightly different angles of vision" can offer a fuller comprehension of the complexity of the social phenomenon we call culture and those media representations that self-consciously engage with it... bringing these different practices into relationship can help us expand our sense of the field's possibilities and revive its contemporary purpose.» (Ginsburg 1995, 65)

Ou seja, o cinema indígena permite-nos observar vários aspetos de um objeto e de ângulos diferentes, constituindo uma representação mais concreta desse objeto. No caso desta investigação, o cinema “indígena”, ou seja, dos informantes proporciona e eu, nós, o povo de Macau, além das obras oficiais que as podemos assistir nas plataformas das redes sociais.

Em termos de autoidentificação, far-se-ão perguntas relacionadas com a sua identidade (ser uma pessoa de Macau, ser chinês/chinesa, ser macaense, ser português/portuguesa), com a situação existente na fase final da administração portuguesa, com as consequências para Macau e para o entrevistado da transferência da soberania para a China, com a “fusão” das culturas oriental e ocidental, com alguns choques culturais e com a relação entre espaço (urbano) e identidade (incluindo a *casinopolitan* e a *disneyfication* em Macau).

Em seguida, reunir-se-ão os informantes para um debate em grupo de modo a criar um espaço público para partilha de experiências e ideias em relação ao tema da investigação e para se tentar atingir consensos principalmente sobre a definição do(s) povo(s) de Macau.

No caso peculiar de Macau, há uma oscilação entre *etic* e *emic* na posição do investigador. Sendo de Macau, expressei algumas ideias minhas nas conversas e, por isso, no final, sou também participante *emic* na investigação enquanto pertencente à comunidade dos chineses, mas o meu olhar sobre as outras comunidades de Macau é o olhar do outro na posição *etic* da investigação.

No que diz respeito à posição da câmara nesta investigação, desde o início, realizar-se-á sobretudo direct cinema, insistindo em reduzir os efeitos produzidos pela máquina na investigação fotográfica e pelo investigador, apesar de este ser, às vezes, um participante. Quer-se deixar os informantes focarem-se em recordar, em pensar na sua própria situação e nos seus sentimentos; a existência da máquina será mencionada no início das entrevistas, pois essa menção pode diminuir a intensidade do sentimento das pessoas devido à existência da máquina, o que não ocorreria se fosse deliberadamente ignorado o facto da sua existência. Porém, far-se-ão algumas perguntas para levar os informantes a expressarem os seus pensamentos, orientar-se-á a conversa com estímulos pouco intensos e tentar-se-á detetar o mais possível as suas ideias próprias

nesta fase da investigação, o que se insere no método do cinema vérité, embora os estímulos sejam menos intensos do que os de Jean Rouch, situando-se, pois, a câmara numa posição entre direct cinema e cinema vérité. Contudo, durante o processo de pesquisa, verificou-se que a influência era grande e difícil de apagar, então outros métodos foram finalmente considerados para concluir o trabalho, mas quase metade dos entrevistados ainda foram entrevistados na presença de uma câmara de vídeo.

A compreensão das imagens culturais visuais neste trabalho é compreendida a partir de uma perspetiva mais ampla. Muitas imagens bidimensionais são primeiramente gravadas das cenas tridimensionais, e depois registadas por meio da fotografia e outras tecnologias, ou alguns símbolos (significantes) são extraídos da realidade e recebem novos significados por meio de apropriação, transformação, etc. Esses eurasiáticos, os macaenses, viviam na interface entre os colonizadores e os colonizados, o que Homi K. Bhabha (estudioso colonial) chamou “terceiro espaço”. Essa classe mista constitui outro nível de identidade na discussão das questões coloniais, que Bhabha usa para descrevê-la como “branca, mas não exatamente”. (Bhabha 1984) Assim, neste trabalho, além de apresentar e analisar imagens bidimensionais, incluirá também a apresentação e reflexão das cenas vivas e culturais das gentes de Macau, e analisará a interação e relação entre indivíduos e espaços.

III. 2. Seleção de temas e as entrevistas

Uma vez tirei um passaporte português para viajar para países vizinhos da Ásia quando não tinha passaporte de Macau, e um funcionário da alfândega perguntou-me: “Tens passaporte português, então falas português?” Mil sabores e pensamentos vêm-me imediatamente à mente: vergonha, estranho, “sim, mas porquê?”, “quem sou eu?”, “devo aprender português?”, “sou um português?” Este tipo de pensamentos e sentimentos caóticos plantaram uma semente no meu coração desde então. Lentamente brotou no meu crescimento, irrigando lentamente com o pensamento. Só mais tarde veio para Portugal e estudou português durante mais de um ano. Após viajar para outros países da Europa, mais uma vez, encontrei o mesmo problema. Naquela época, respondi diretamente ao fiscal da alfândega em português, e ele disse algo na língua local para o seu colega ao lado dele. Então ele deixou-me entrar o país.

Embora a aprendizagem do português tenha-me ajudado a colocar o pé no chão com a minha identidade portuguesa, os problemas também se tornaram mais evidentes. Quando eu era criança, não pensava muito na identidade de Portugal. Embora tivesse um sentimento diferente, era visto principalmente como um documento de viagem. Mas nos últimos anos, a autoconsciência tornou-se concreta. Após vivenciar as mudanças no ambiente social e político de Macau e regiões vizinhas, há um processo de repensar a identidade de Macau e da China. À medida que a economia de Macau descola, a sua popularidade e voz no mundo cresceram, e a consciência local também despertou. A identidade tornou-se um tópico de discussão durante algum tempo. Mais tarde, quando vim para Portugal, vivi em Portugal e falei português, esta identidade portuguesa tornou-se suficientemente concreta para se destacar das identidades instáveis de Macau e da China recentemente. Compreender quem sou tornou-se também uma questão imediata e necessária. Sem solução ou reconciliação, todos os dias da vida não serão confiáveis, como um “cadáver ambulante” (行屍走肉) sem o espírito, não sei quem ando a arrastar nesta pele.

E eu, sempre fui minoria. Na China Continental, sou uma pessoa de Macau tratada com tratamento especial. Na sociedade de Macau, sou um chinês com a nacionalidade de Portugal. Entre os chineses de Macau, sou uma pessoa com um nome estrangeiro estranho. Na sociedade, eu não obedeco ao dualismo de género dominante. Todos na sociedade buscam a estabilidade de vida, mas busco a possibilidade de instabilidade. Quando todos escolhem “se aquecer junto à lareira” (圍爐取暖), devo ser eu quem encontra um novo caminho. Destruindo todas as armadilhas que a sociedade colocou-me desde criança, sempre fui classificado como um “estranho” (異類), e estou habituado a estar sozinho.

Em Macau também sou um “filho desta terra”, não no sentido de ter nascido em Macau, mas no sentido de ser um membro do “povo de Macau”, um local de Macau, nascido e criado em Macau. Porém, se se traduz “macaense” como as “pessoas de Macau”, também concordo plenamente com o seu significado. Parece que as “pessoas de Macau” em termos de macaenses e as “pessoas de Macau” que mencionei não é uma palavra com o mesmo significado. Contudo, numa dimensão temporal maior e

numa perspetiva macro, estamos mesmo a referir-nos ao mesmo grupo de pessoas. Afinal, somos todos de Macau.

A vida é como uma viagem. É importante começar pelas pessoas à sua volta, evitando a impressão de “famílias tradicionais”, o discurso oficial e a imagem que é retratada. A utilização de amigos como temas de investigação tem sido amplamente utilizada na investigação sociológica, antropológica e sociolinguística. (Milroy & Gordon, 2003; Tillmann-Healy, 2003) Então, coloquei os pensamentos das pessoas que conheci ao longo do caminho, ou seja, os entrevistados, que deixem a sua colisão feroz aqui, na minha investigação. Não necessariamente para decidir quem ganha e quem perde, e não necessariamente para chegar a uma conclusão da questão “Quem sou eu”. Às vezes fazer perguntas é mais importante do que resolvê-las, o que aprendi na nossa aula; às vezes, a centelha do processo é mais brilhante e envolvente do que o final. O final é importante? Não é sem importância, ou talvez não exista. Neste projeto de vida não resolvido, o processo foi vivenciado, sendo ainda mais inesquecível que cada passo seja um trampolim para o próximo passo. Gravei a parte principal dele com vídeo, e tornou-se o meu trabalho final de mestrado submetido.

Do ponto de vista macro, Macau pode estar a sofrer um certo tipo de gentrificação política, mas ninguém o enfrentou, talvez porque é exatamente o que o Governo Central quer, enquanto o coloca sobre a mesa seria prejudicial para a imagem do Governo e faria mais pessoas acordar e pensar. A maioria das pessoas tem um caso de amor na cidade natal. Enquanto a atração externa não for demasiado forte e o empurrão também não for demasiado forte, com a “prosperidade” e a estabilidade de Macau, a maioria das pessoas, por instinto, escolherá ficar ou regressar às suas “raízes”. Por exemplo, o influxo de um grande número de pessoas em cidades de primeiro e segundo níveis é impulsionado pela atração económica. Em Macau, segundo o meu entendimento, algumas pessoas optam por viver noutros locais devido aos benefícios económicos, mas também há muitas pessoas que são “expulsas” devido aos problemas estruturais da própria sociedade de Macau. As duas principais razões para isto são a diferença de perspetivas e crenças políticas, e a desinteresse na vida. Para poder “sair”, é preciso conseguir ganhar a vida. Aqueles que não forem capazes de o fazer terão de viver com um ambiente que não seja compatível com o seu próprio. Portanto, esse é um

problema que tem causado dor de cabeça ao governo nos últimos anos. Macau sofreu uma grave fuga de cérebros. Esta é porque pessoas talentosas não conseguem trabalhar nas posições certas. Além disso, Max Weber propôs que a natureza estrutural do governo significa que apenas pessoas de segunda categoria permitem-no funcionar eficientemente, enquanto pessoas de primeira categoria encontram a sua própria saída porque se recusam a ser alienadas. Olhando para a estrutura da população de Macau, a percentagem de funcionários públicos é a mais elevada do mundo. Apesar disso, o facto de Macau ser uma microeconomia de uma sociedade tão pequena, sendo uma cidade com uma proporção muito elevada de imigrantes que não são de Macau, principalmente imigrantes da China Continental e de outros países chineses, poucas pessoas têm as suas “raízes” em Macau. Isto levou a uma mudança qualitativa no ambiente geral de Macau, e como disse um macaense, “Macau já não é Macau, exceto pelo seu nome”.

Então, quantas pessoas de Macau conhecem realmente a sua terra? Como disse um dos entrevistados: “Na verdade, falo há muitos anos sobre isso, é o problema da educação de Macau. Porque a educação de Macau não tem um sistema completo. Muitas vezes, na verdade, nos preocupamos com a herança da cultura do festival, mas só dizemos que esses jovens não gostam, como podem gostar? Eles não sabem dessas coisas. ‘Eu não entendo essas coisas, eu não aprendi essas coisas.’ E por que algumas pessoas conhecem a cultura desses dragões embriagados? A. Estou interessado, mas poucas pessoas são assim. B. O meu pai obrigou-me a ir, talvez porque a família vende peixe (sendo uma deles), então mantenho contacto do pequeno ao grande. Conheço um amigo cujo filho volta para dançar do dragão embriagado. Mas ele está muito interessado? Não. Ele vai querer vender peixe no futuro? Não. Então por que ele vai fazer isso? Porque é uma coisa muito específica na indústria.” (Entrevistado 3)

“Why was Macau history not taught? Because there was far too much at stake in the interpretation of Macau's past, and far too little consensus for a textbook history to be written; because, measured on the transnational scale of university entrance examination, the local history of Macau was too trivial to merit class time; because teaching Macau history was an unabashedly colonialist project; because it was a dangerous thing to experiment with, and there was no real imperative to teach it. For Clayton, that the very idea of teaching local history

would be so controversial tells of the contestation and volatility of the local in a place and time at the edges of sovereignty.” (Chu 2013, 111)

Veja a maioria das pesquisas atuais sobre a identidade do povo de Macau. A maioria da investigação é feita por académicos imigrantes ou estrangeiros, e poucos são feitas pelos nascidos em Macau. Nas hipóteses melhores, só podem compreender Macau da perspetiva do Outro. Mesmo estando em Macau há mais de dez anos, o chamado patriotismo e amor por Macau são todos “educados” pelo país e pelo governo, mas estão em tal ambiente, tal como um peixe na água, esquecendo-se da existência de água (mas ainda não está descartado que existem algumas pessoas enraizadas em “mudas vermelhas” da China que podem realmente obter o “verde de Macau”, mas este é definitivamente um número muito pequeno). Em Macau, um lugar que não tem a liberdade de expressão e é, da certa altura, mais conservador que o continente, quantas pessoas reais de Macau vão dizer a verdade quando se deparam com investigadores com essa formação? É algo que vale a pena pensar.

Portanto, o que estou a enfrentar, embora os motivos sejam um pouco diferentes, é, em certa medida, enfrentar um sentimento semelhante de amor, mas ter que partir como um macaense diante do retorno de Macau!

III. 3. A Filmagem

Durante a entrevista, descobriu-se gradualmente que a existência e a intrusão da câmara não podem ser apagadas. Isso é muito óbvio. Numa entrevista com um entrevistado, quando a bateria da câmara acabou e no meio da troca, o tom e o sentimento do entrevistado voltou ao normal. Quando voltei a montar a câmara e a virei na nossa direção, o sentimento antinatural dos entrevistados está de volta. É verdade que algumas pessoas estão mais acostumadas a se expressar na frente da câmara, e é fácil focar no *chat* sem prestar atenção na câmara, mas isso é apenas um pequeno número de pessoas; após entrevistar todas as pessoas achei valioso, comecei a entrevistar mais pessoas desconhecidas ou convidar pessoas que eu não conhecia, nessa época ficou difícil obter permissão para a gravação do vídeo. Considerando a confidencialidade das informações dos entrevistados, algumas vezes alguns tópicos são discutidos e eles são solicitados a excluí-los do relato, o que me fez perceber que manter

o sigilo dos entrevistados pode permitir que eles falem mais livremente. Além disso, devido a limitações do equipamento, a câmara irá parar de gravar automaticamente após mais de dez minutos de gravação. Se tiver que interromper a cada dez minutos para reiniciar a câmara e gravar, isso terá um grande impacto na qualidade e profundidade da entrevista. E alguns inquiridos são muito tagarelas, conversando meia hora ou uma hora de uma só vez, ter de sair do espaço de *chat* a cada dez minutos tem um enorme impacto. Portanto, após cuidadosa consideração, decidiu-se gravar apenas áudio e não vídeo.

E a parte do vídeo? No início, planeei usar as imagens e vídeos meus e de alguns dos entrevistados para apresentar Macau aos olhos de nós, as pessoas de Macau. Mas gradualmente fui a descobrir que, embora este trabalho de mestrado seja uma pesquisa sobre o tema “Quem são as pessoas de Macau”, na verdade, é um processo da minha própria exploração da subjetividade de “Quem sou eu”. Quer seja para compreender profundamente as minhas próprias raízes do passado, quer sejam as pistas e marcos que encontrei nas minhas interações com outras pessoas de Macau no presente, ou como posso encontrar a minha própria posição no mundo no futuro e que direção devo continuar a explorar, esta investigação é um dos pontos-chave em toda a minha vida de exploração. Tenho algo que quero expressar. Quero apresentar o mundo aos meus olhos para o espectador a partir de uma primeira perspetiva. E quando o gravador de vídeo voltou às minhas mãos novamente, o mundo da criação abriu-se para mim. Muitas das antigas regras e regulamentos desapareceram, e há menos preocupações teóricas sobre subjetividade e objetividade, o impacto da edição na objetividade da expressão, a intrusão da câmara e a confidencialidade dos dados pessoais.

Portanto, do ponto de vista visual, falta a presença concreta dos inquiridos e, aparece apenas através das palavras, como um transeunte na viagem do protagonista. A sequência será editada aproximadamente na ordem dos inquiridos mais velhos para os mais jovens, porque espero dar aos espectadores uma ideia de como as opiniões da população de Macau mudaram com o desenvolvimento de Macau. Também reúne aqueles com pontos de vista semelhantes ou opostos. Esta forma é um pouco como um véu de ignorância (無知之幕), em que o espectador é mais capaz de se livrar das várias identidades e origens dos oradores por trás, e apenas aceitar as ideias das “pessoas de

Macau”. Não as discussões de indivíduos pertencentes a vários rótulos sob o chamado “pessoas de Macau”. E o protagonista, sou um observador e um observado de mim mesmo, e nunca apareço na frente do público. Apenas expresso os meus pensamentos através de uma lente de primeira pessoa, que está mais próxima da perspectiva e do sentimento do “eu”, uma das “pessoas de Macau”, também podem ser transmitidos ao espectador na sua forma original.

A estabilidade do espaço faz com que pareça ter a função de viajar no tempo. Contra a escuridão da noite, o visor torna-se uma máquina do tempo que viaja no tempo e ao espaço, permitindo-nos espreitar o passado através das fendas do tempo, intercalando com o espaço atual. A noite parece ter um poder, uma espécie de outro espaço/heterotopia, uma heterotopia de memória que viaja através do tempo e do espaço, e liga o Macau dos olhos dos outros com a maioria dos cidadãos verdadeiros de Macau por detrás do encanto. Assim, as filmagens são o *one-shot* que começou na minha casa no meio da noite, passaram pela estátua de Jorge Álvares (Figura 7) e o Edifício do Antigo Tribunal (Figura 8), até o Senado Leal (Figura 9) e a Avenida de Almeida Ribeiro (Figura 10), e finalmente chegaram às Ruínas de São Paulo, intercalado com vários elementos da paisagem e espaço anteriores, tais como a alteração da faceta do Edifício do Instituto para os Assuntos Municipais e a Estátua de bronze do Coronel Mesquita, para apresentar o mundo que eu via e sentia quando o mundo real se refletia na minha mente, para que tudo tomasse o momento presente como alvo e passasse pela memória e pela história.

Pensei em lidar com o barulho na gravação, e a decisão final foi mantê-la como está. Embora isso afete a “qualidade de visualização” do espectador, o desconforto é exatamente o que quero expressar. Na maneira de crescer, muitas coisas aconteceram, e escutei várias vozes. Essas vozes são uma espécie de bagagem, que sempre me acompanhou enquanto crescia. Como uma bola de lã com inúmeros nós, “uma bagunça”. Não se pode ignorá-lo e pensar que não existe, não se pode cortar a bagunça, e não se pode ignorá-lo e deixá-lo existir neste estado. Existindo neste mundo, a raiz do sentido da vida é buscada na jornada da vida. Se continuasse sem controle, e só se tornará cada vez mais emaranhado, sendo cada vez menos corajoso para endireitar esta situação caótica. Então estou realmente muito grato. Este trabalho final deu-me a oportunidade

de pensar e arranjar as ideias sobre “quem sou eu?” Embora não tenha havido resultado, talvez não o chegue ao fim da minha vida, mas pelo menos esse pensamento deu-me uma direção na minha vida, conseguindo andar de forma prática e realista.

Ao arranjar as transcrições literais das gravações dos áudios, descobri que muitas informações foram perdidas quando as vozes transformaram-se em palavras. Às vezes, quando lhes olho depois de um período, posso não entender necessariamente o que os entrevistados querem expressar, ou precisam lembrar, ou conjeturar, qual é a intenção dessa sequência de símbolos. Por isso, tenderá a reduzir o processamento da edição do vídeo enquanto o puder ser reduzido, de modo a reter o máximo de informação e realismo possível. O processamento posterior teria acrescentado outra camada de filtragem subjetiva, aumentando a carga de trabalho, e este som de fundo é de certa forma um registo, contendo algum tipo de informação nele contida. Em resumo, só foram feitos desbotamentos parciais para preservar a originalidade do material.

Capítulo IV: Resultados e discussão

“Todos têm uma cidade no seu coração, uma cidade sem forma, sem estilo, e cidades individuais que enchem esse coração.”

—Italo Calvino «Le città invisibili»

Devido às diversas origens da população de Macau, as suas opiniões sobre várias questões e as suas opiniões sobre as relações com outras pessoas são bastante diferentes. Nesta parte, tentaremos ao máximo ignorar as diferenças de antecedentes dos inquiridos e ter uma perspetiva mais ampla das “pessoas de Macau” e o que pensam as pessoas de Macau sobre estas questões. Neste trabalho, as informações de cada entrevistado serão tratadas de forma confidencial (todos os pronomes usam “ele”), e algumas informações básicas e antecedentes de cada entrevistado serão anexadas no anexo, para podermos estudar o crescimento de cada pessoa e como as experiências influenciaram as suas respostas às questões a seguir, e este trabalho concentrar-se-á principalmente no processamento e apresentação dos dados coletados.

Devido ao grande volume de conteúdo coletado da entrevista que vale a pena discutir, nesta secção de análise do texto, apenas alguns dos pontos-chave são extraídos e traduzidos para português e a transcrição original não é retida no texto. De modo a manter um certo grau de coesão e fluência, rearranjei as frases originais das respostas dos entrevistados em alguma ordem, e tentei não apagar o conteúdo das frases revistas na medida do possível, de modo a reduzir os embelezamentos subjetivos pessoais.

IV. 1. A identidade das pessoas de Macau

Macau não teve destaque no mundo no início e, como cidade de imigrantes, não havia conteúdo relevante da história local na educação, então “nos anos 90, a popularidade de Macau era muito baixa e os habitantes de Macau não tinham uma identidade clara. Diziam que “eram de Hong Kong”. Nessa altura, tomei-o por garantido porque era conveniente e não tive de explicar como é Macau em inglês. Mesmo que me pedisses para explicar no tempo, eu não sabia como explicar. As pessoas de Macau é influenciado pela cultura de Hong Kong, tendo um impacto enorme. Quando é preciso

introduzir Macau, é como 'defecar'. Porque sabem muito pouco sobre Macau, só podem dizer algumas palavras, 'existem muitos casinos em Macau'. Por que não posso responder? que mau!" (Entrevistado 2)

Origens compartilhadas e experiências históricas são a base para a identificação de um grupo de pessoas. "A ideia de uma origem comum é um fator importante na autoconsciência de um clã, e a sua base realista é o destino histórico comum dos membros do clã e os seus ancestrais ao longo da sua existência." (Бромлей 1983, 10) No entanto, devido à sua história e sistema sócio-político, Macau tem uma população muito complexa e é uma cidade tipicamente imigrante. Grande parte da população de Macau não nasceu em Macau e veio para Macau em épocas diferentes. Mesmo para um grupo de pessoas que muitas vezes se autodenominam nativos de Macau, a maioria das suas famílias não tem mais de três ou quatro gerações de Macau. Portanto, grande parte do "povo de Macau" não tem sentimentos profundos por esta terra, e muitos desconhecem o que já aconteceu no passado. Além disso, a educação em Macau não inclui a história local. As pessoas têm diferentes níveis de identidade:

"Agora, se perguntares a um jovem, a uma pessoa de meia-idade e a um idoso, 'és chinês?', as respostas serão muito diferentes. As pessoas de Macau que vêm a Macau nos momentos diferentes, essa influência vai surgir na sua segunda e terceira geração. Os seus pais não cresceram aqui. Então, quando o meu amigo estava a crescer, os pais dele não contavam a história aqui, porque eles não sabiam como era antes, ele só sentiria que a vida é assim, sendo uma nova vida, que o anseio é um novo anseio, e haverá muito menos discussão sobre o passado. Assim, após crescermos em Macau, os nossos sentimentos por esta terra serão diferentes." (Entrevistado 7)

Para as "pessoas de Macau" que não nasceram em Macau, debatem-se particularmente internamente: "Esta experiência de crescimento, até certo ponto, vai inevitavelmente criar uma luta no meu coração. Devido ao meu cartão de cidadão, e eu nasci num lugar diferente. Quando escolhe ficar de um lado, o outro lado vai questionar. Talvez eu tenha realmente me adaptado à cultura aqui em Macau, mas do ponto de vista do Outro, ainda não sou (uma deles). Realmente pensei sobre isso eu mesmo, mas não consegui encontrar uma resposta."(Entrevistado 8) Alguns deles andam de ida e volta entre Macau e a China Continental desde jovens com uma dúvida sobre onde

pertencem: “Não me sentia uma pessoa de Macau na escola primária. Eu costumava voltar a Macau algumas vezes por ano quando não vivia lá, não por muito tempo, mas para viajar, tornando-se um lugar para onde viajava. Não sabia onde era o campo, o que era um pouco estranho”. (Entrevistado 9)

Devido à ambiguidade da identidade deste “povo de Macau”, o “povo de Macau” terá atitudes e critérios de julgamento diferentes para outros “povos de Macau” com diferentes origens. Algumas pessoas podem considerar o cartão de cidadão como um requisito obrigatório para ser considerado uma das “pessoas de Macau”: “Talvez todo o mundo tenha um estereótipo das pessoas de Macau. Em primeiro lugar, eles devem ser chineses asiáticos, ou podem falar cantonês. Ter o cartão de cidadão é um requisito mínimo porque é uma certificação oficial, de alguma forma obtê-lo. Então ele é uma pessoa de Macau? Admito que ele é uma pessoa de Macau porque tem um cartão de cidadão de Macau. Isso é algo legalmente reconhecido. Mais profundamente, em termos de cultura, se se identifica como pessoas de Macau depende da sua própria percepção. É mais importante para mim se gosta ou não do local e se se identifica como pessoas de Macau. Se me apresentar ser uma pessoa de Macau, eu concordo ser uma pessoa de Macau. Ter um documento de identidade é um requisito mínimo para mim. Mas se ele achar que é, então diga-me quando ele tem o cartão de cidadão.” (Entrevistado 4) No entanto, outro entrevistado tinha uma ideia diferente sobre o cartão de cidadão como padrão: “Penso que o termo povo de Macau já não é usado apenas para descrever um grupo étnico nativo. Se a tendência geral é ter um cartão de cidadão e ser chamado uma pessoa de Macau, mas ao nível da identidade cultural, há mesmo algumas inapropriadas. Porque existem muitos grupos étnicos diferentes, mas todos eles têm cartão de cidadão de Macau. São todos chamados pessoas de Macau? Mas, de facto, há uma grande diferença na cultura e costumes.” (Entrevistado 10)

A maioria das pessoas de Macau com cartão de cidadão aumentará o seu reconhecimento como pessoas de Macau à medida que a sua experiência em Macau aumentar. A maioria deles quer regressar à sua cidade natal após acumular uma certa quantidade de riqueza. Os dois trabalhadores migrantes vietnamitas entrevistados pelo autor que ter a oportunidade de integrar-se no círculo local e fazer amizade com a população local são casos muito raros, porque foi uma ocasião especial para reconhecer

muitas pessoas locais que foram gentis com eles. O cartão de cidadão também é considerado por algumas pessoas como o padrão de reconhecimento de identidade. Se tiverem a oportunidade de obter o cartão de cidadão, irão gradualmente sentir um sentimento de pertença a Macau. Por exemplo, o caso de Ricky numa revista:

“Ricky tem 45 anos e é pessoa filipina de Macau. Veio para Macau em 1992 para ganhar a vida e atualmente tem cinco filhos. Por vezes a forma de que eles falam, fazem e pensam é “muito chinesa”. Ricky observou que muitos filipinos que trabalham em Macau mandam os seus filhos para escolas em inglês ou português, e eles não podem falar chinês. Ricky não entende. “Está na China, então é chinês(a).” Ricky queria que as suas filhas tivessem uma base em chinês, então, desde a escola primária, ele deixou-as ir para a escola chinesa, e os seus talentos poderiam ser usados nas Filipinas no futuro. O cantonês tornou-se a primeira língua das filhas de Ricky. A segunda é o tagalo e depois o inglês. Além de manter o hábito de comer pratos filipinos, Ricky disse que a filha está mais familiarizada com a cultura chinesa. “São filhos de uma terceira cultura, com três ou mais culturas. Tenho duas culturas, a primeira é filipina e a segunda é chinesa.”

Ricky disse que passou a maioria da sua vida em Macau. “Ao enfrentar os chineses, gostaria de ser chinês; ao falar aos filipinos, sou filipino; ao falar aos ocidentais, também mudo.” Disse às filhas: “Vocês são de Macau. Eu sei. Lembre-se: vocês também são filipinas.” Ricky expressou a sua satisfação pela sua próxima geração ter nascida e crescido em Macau. “Na verdade, é uma situação ganha-ganha. Na sua linhagem, há uma boa parte das Filipinas e uma boa parte de Macau.”

“Sou filipino, mas o meu coração não é só pelas Filipinas, mas também pela China. E pertença a Macau.” (Chan 2017a, 11-14)

Esses trabalhadores migrantes da segunda geração, como Andy, filipina, cresceram em Macau e parecem locais. Ela fala cantonês fluente. “Eles gostam de cantar e tocar guitarra na rua, então eles transferiram os seus estilos de vida passados para Macau.” Embora os hábitos de vida sejam próximos dos habitantes de Macau, o seu amor pela música está intimamente relacionado a isso, o que não difere do dos seus compatriotas. (Au Yeung 2017, 23)

Portanto, um estudioso entrevistado apontou: “Para definir as pessoas num lugar, primeiro, os padrões devem ser mais diversos; segundo, os padrões devem ser fluidos, não definidos, porque é fácil criar alguns estranhos (outsiders). Definir as pessoas de Macau de uma forma pluralista e inclusiva, para não ser fácil deixar de fora algumas pessoas que são, na verdade, pessoas de Macau.

A construção de um discurso pluralista. Pessoalmente, acho que a identidade nacional e a identidade local podem não estar em conflito uma com a outra. Estabelecer este discurso pluralista é dar um discurso que seja simultaneamente indígena e multiétnico. Tal como Macau, neste contexto histórico único, faz parte da história da China de que forma. Precisamos de ter um ambiente pluralista e espaço para o discurso”. (Entrevistado 2) Macau tem sido sempre relativamente monótono na sua marginalidade. Este estado é, em certa medida, uma “patologia” sociocultural, mas também traz consigo uma espécie de abertura, ou seja, uma certa abertura embutida numa identidade que ainda não está fixada, e que pode ser definida de forma muito ampla pela população de Macau. (Lei 2018, 197)

Para alguns locais que nasceram em Macau ou viveram lá durante muito tempo, ou seja, têm uma profunda afeição por Macau, têm uma atitude especial em relação aos “novos imigrantes” com um padrão mais elevado de ser considerados “pessoas de Macau”: “Quando falou comigo pela primeira vez, utilizou caracteres chineses simplificados. Penso que muitas pessoas pensam serem pessoas de Macau se tiverem um cartão de cidadão de Macau, mas raramente vivem em Macau. E vi-o a escrever em chinês simplificado. Contudo, respeito-o quando ele diz que é uma pessoa de Macau. Se está enraizado em Macau e se considera uma pessoa de Macau, então está tudo bem, porque eles já estabeleceram as suas raízes em Macau, compraram as suas casas aqui, trabalharam aqui e organizaram as suas famílias aqui, então se diz ser uma pessoa de Macau, então está tudo bem. Se diz que é uma pessoa de Macau porque gosta de Macau e quer ser um residente de Macau e tornar-se um residente de Macau, então isso é perfeitamente correto”. (Entrevistado 11)

Também devido a esta diferença de identidade, haverá um certo distanciamento entre os nativos de Macau e os recém-chegados a este lugar e à sua cultura, que se refletirá na sua vida comum: “Por isso, às vezes há uma sensação de impotência.

Quando falamos de como fazer as coisas e planos na sociedade, há uma voz que grita, não fora, mas dentro. Tem de se preocupar com (o sentimento da) geração atual, mas o impacto desse momento foi, sim, eles olhavam para o seu próprio mundo futuro, e eu olhava para a minha própria visão do mundo. Do seu ponto de vista, a sua geração anterior era imigrante e ele não tem nenhum apego a este lugar, a alguma cultura nativa portuguesa, eles apenas pensam: “O que isso me importa?” As pessoas para toda a vida não se importam com estas coisas. A cultura portuguesa em Macau é diferente, e eles gostam ou não gostam dela de forma diferente, porque estão em posições diferentes. Não consigo controlar onde estou, só tenho uma ‘lente’, por isso não vejo as coisas em três dimensões”. (Entrevistado 7)

Como a história é usada para construir a identidade? Embora percebamos e construamos a nossa identidade por meio de coisas simbólicas e materiais que nos distinguem de ‘nós’ de ‘eles’, dando-nos uma sensação de familiaridade e pertença. “Pertença” é uma identidade. O termo foi cunhado pelo cientista alemão Johann Herder no século XVIII. Ele acredita que, além das necessidades biológicas e fisiológicas, as pessoas também precisam de uma sensação de segurança — pertencer a um determinado grupo ou grupo étnico, caso contrário, elas se sentirão isoladas, solitárias e deprimidas. Ele acredita que ser humano é poder conviver com a sua própria espécie em determinado lugar, o mais agradável (Huang 2005, 83):

“Lembro-me que quando estava na faculdade, tinha um trabalho para escrever sobre o meu sentimento de pertença. Não conseguia escrever nada. Acho que a solução desta questão tem de ser encontrada com pensamento e precipitação. A educação nacional de Macau é necessária. Assim como eu, sem essas coisas antes, eu estaria muito perdido, e sentir-me-ia um pouco solitária. Sem essas coisas, eu estaria um pouco solitário, parece que todo o mundo tem, mas por que eu não.” (Entrevistado 4)

Segundo o estudioso de Taiwan Jiang Yi-huah (Tang & Zhou 2020, 10), a identidade cultural refere-se a

“a sense of community belonging felt by a group of people as they share common historical traditions, social conventions and conformity, and numerous collective memories. Consistency displayed in bond of blood, ethnicity, language, region, and religion forms an overwhelming inner power to bond individual with

cultural community emotionally. In the process of globalization, blood and geography connect overseas Macanese with those in Macao, as 'the same origin' is regarded as an important indicator of cultural identity."

Quando se trata de Macau e identidade, é impossível contornar a questão do "macaense". "Em primeiro lugar, acho que as pessoas de Macau são chinesas a nível cultural. Mesmo que seja uma mistura como eu, também sou chinês. Mas é claro que sou um pouco diferente. Tenho uma cultura dupla, então para mim, as pessoas de Macau devem estar relacionadas com a (cultura) chinesa. O termo "pessoas de Macau" é muito inclusivo, uma espécie de características inclusivas e multiculturais. A diferença entre (as identidades) dos macaenses e de Macau é que os habitantes de Macau podem portar cartão de cidadão, enquanto os macaenses não têm os cartões de cidadão." (Entrevistado 3)

Mesmo os chineses não macaenses concordam com a singularidade de macaense: "Acho que a cultura macaense é uma característica cultural muito importante de Macau. Mas não sei muito sobre isso, não é necessariamente. A cultura dele é muito importante? Acho que sim, é muito característica de Macau." (Entrevistado 4) E um entrevistado chinês que aprendeu português com um certo entendimento da nacionalização portuguesa também pode entender até certo ponto o dilema dos macaenses: "Os portugueses vieram para aqui e casaram com os chineses, com os japoneses. Nasceram os filhos deles. Eles pensaram que eles são macaenses em Macau, mas também, simultaneamente, são portugueses. Mas quando eles 'voltaram' para Portugal, as pessoas que nasceram em Portugal, aquelas pessoas pensam que 'não, vocês não são portugueses. São macaenses.' É assim. Por isso, é aqui, existe uma contradição de identidade." (Entrevistado 8)

O entrevistado incomodava-se com a sua situação especial e posição no ambiente na época: "Eu já sentia que (ser) macaense era muito vergonhoso quando eu era criança. Eu realmente sentia-me muito envergonhado. A maioria dos meus amigos são todos chineses, e às vezes eu ia para as suas casas e ouvia que os seus familiares não me deram as boas-vindas, "Por que trouxeste um macaense para a nossa casa?" Não era bem-vindo naqueles dias. Então eu pensava, por que não gostas tanto de macaenses? Talvez porque, do ponto de vista deles, os macaenses sejam uma ponte entre os

portugueses e os chineses, mas forem-se mais portugueses e, assim, sentir-se-ão em desvantagem. Tenho alguns amigos de pais que vão falar sobre a situação na época. Não gostava que viesses quando eras pequeno. Mas não se trata realmente de si, trata-se de outras pessoas. Eu apenas disse, “sim, na verdade, não deves gostar de todo o grupo por uma ou duas pessoas. É injusto, para mim, discriminar assim.” Às vezes, na minha família, ou os macaenses ao meu redor, ouço (eles) dizerem: “É assim que esses chineses são”. Sinto-me ‘engasgado’ quando ouço isto. Então, quando cresci, os macaenses ao meu redor eram como eu, ou não se importavam. Mas eu não acho que seja assim. Todo mundo é igual, por que sou tão diferente? Os macaenses vão sentir-se superiores, e eu vou sentir-me muito envergonhado, então eu não gosto de deixar as pessoas saberem o meu nome.” (Entrevistado 3)

Salienta o autor de Macau, o Pequeníssimo Dragão, Boaventura de Sousa Santos: O controlo da língua é um controlo político. Quem controla a comunicação controla a política, quem controla a língua controla o poder, por isso não surpreende que a comunidade chinesa (isto no nosso inquérito) tenha identificado a comunidade macaense com o poder estrangeiro. (Serrano 1999, 58)

Um macaense relativamente jovem, nascido por volta do retorno de Macau, também sentiu o incómodo causado por esta “diferença”: “Quando eu era criança, tive uma certa sensação de sentir-me diferente quando soube que a minha família era portuguesa. Esta diferença não é depreciativa, é apenas especial. Não se sabe quando se é jovem, continua-se a evitá-lo. Porque sabe que os apelidos das outras pessoas são Li, Liu e Chen, e não lhes perguntam dessa forma. Portanto, a partir daqui, esta é a primeira vez que sente algo diferente devido ao seu apelido. Afinal de contas, é o primeiro ‘holofote’ a dizer-me que há algo diferente.” (Entrevistado 12)

Ao falar da sua própria identidade, disse: “sinceramente, pela minha aparência, muito poucas pessoas vão perguntar-te se és português, e as hipóteses de te perguntarem se é chinês serão maiores. Quando era criança, reagia mais à (identidade) chinesa, eu dizia: ‘Não, não sou chinês. Venho de Macau, mas não sou exatamente da China.’ Mas mais tarde, à medida que cresce, o seu entendimento do conceito da identidade chinesa torna-se mais amplo. Dessa vez seria simplificado, ‘sou um chinês, sim.’ Mais tarde, se tiver mais tempo para falar e se for melhor amigo meu, direi que

‘não sou chinês. Venho de Macau.’ Isto depende de se a pessoa que perguntou consegue chegar a esse contexto (do entendimento da palavra) ‘chinês’. No contexto da língua ocidental, é mais fácil reconhecer que estou misturado: ‘sim, venho de uma família de portugueses e chineses.’” (Entrevistado 12)

(o texto original: 而在談及自己的身份認同時說: “honestly 由於我的外表, 所以很少人會問你是不是 portuguesa, 而被問是不是 chinesa 的機會會更高。小時候, 的確對 chinesa 的反應是較大, 我會說: No, I’m not Chinese. I come from Macau, but I’m not exactly from China. 但在後來漸漸長大後, 你對 chinesa 這個概念的瞭解, 就會變得廣泛。那時候會簡化, sou uma chinesa, sim. 但到後來如果有更多的時間來交談, 而且跟那個朋友是較好的話, 我會說 I’m not Chinese. I come from Macau. 這個 depend on 跟問的那個人能不能 get 到你對 Chinese 的那個 context。在西方的那種 language 語境下, 比較容易認識的是, 我會跟他說 I’m mix. yes, I come from a family of Portuguese and Chinese.” (Entrevistado 12))

O poder dos que estão no poder desempenha um papel importante na formação das identidades das pessoas: durante o período colonial, mais macaenses consideravam-se portugueses, enquanto a geração mais jovem de hoje cresceu em Macau, influenciada pelas narrativas dos que estão no poder e pelos media e outros ambientes, embora o tamanho da amostra seja pequeno, mas esse caso é suficiente para provar que existe uma situação em que pensa que é chinês. Um dos entrevistados macaenses tinha uma filha que nasceu mais de dez anos após a transferência, mudou muito em termos de identidade: “Ela costumava ser muito fraca na sua identidade (macaense). Para ela, a China é o seu país. Ela é chinesa, o que é muito claro. Vou explicar-lhe que a nossa comunidade é a comunidade macaense. Ela mudou um pouco este ano, e perguntava-me muitas vezes, ou fala sobre isso. Ela sabe que o seu passado é um pouco diferente e, em geral, estou feliz. Por quê? Não me importo que ela sinta que é daquele país, não importa, é só a sua identidade. Sou muito feliz por ela ter um pertença, tem um apego. Ela sente-se chinesa. A China é o seu país, e ela pode cantar o hino nacional, que representa o seu país. Ela também se conhece a origem é macaense, com o sangue português. O nome é assim. A família é assim. Por que estou tão feliz? Porque ela tem algo que eu não tenho, porque em vez disso, se me perguntares, eu pertença a qual país. Posso dizer que sou (da) China, Portugal. É difícil, para mim, definir qual é a minha casa e

o meu país. Posso responder-lhe onde é a minha cidade natal, e posso responder-lhe imediatamente. No entanto, se me perguntar o país, sentir-me-ia como se estivesse de ambos os lados. No verão passado, ela de repente ficou muito interessada e disse querer aprender a dançar a dança folclórica portuguesa (葡國土風舞). Mas se disseses se ela tem esse tipo de conexão, acho que ainda não. (Entrevistado 3)

A memória histórica de uma geração afeta as suas identidades. “Por diferentes gerações, diferentes séries de memórias muitas vezes encontram-se na forma de narrativas de fundo sugestivas. Dessa forma, pessoas de diferentes gerações compartilham uma situação particular, mas podem permanecer mental e emocionalmente isoladas. A memória de uma geração, por assim dizer, está irrevogavelmente trancada na mente e no corpo da sua geração.” (Connerton 2000, 3) Quando a herança dessa memória histórica é bloqueada ou indiferente, ou mesmo artificialmente substituída por outra memória histórica completamente diferente, a identidade da nova geração de membros naturalmente mudará. (Zhou & Li 2007, 128)

Quando se trata da palavra “macaense”, para os que não são macaenses, é um pouco complicado dizer: “Em línguas estrangeiras, seja inglês ou francês, não se usa ‘macaense’ (para indicar que são pessoas de Macau). Em Macau, macaense é ‘土生’ (euro-asiáticos e os seus descendentes). Então, quem sou eu? Sempre digo que sou e somos chineses. Na verdade, isso é muito estranho. Não existe a palavra ‘pessoas de Macau’ em línguas estrangeiras. Claro, em chinês nós ter ‘澳門人’ pode ser usado.” (Entrevistado 13) “Por que não existe uma palavra para ‘pessoas de Macau’? É porque a nossa sociedade não precisa disso.” (Entrevistado 7)

De um porto comercial que fluía constantemente antes da transferência, estabilizou lentamente após o regresso, e agora é mais de vinte anos após. Embora a maioria da população estrangeira (os não nascidos em Macau) ainda seja grande, podemos ver que um grupo de “locais” tem estabilizado gradualmente, tendo algumas experiências comuns, e lentamente condensado. As pessoas começam a pensar: “Quem sou eu?”, “Onde pertencço?” Este fenómeno é um período de dor na autoidentidade quando uma cidade de imigrantes se estabiliza gradualmente, mas a realidade da sociedade de Macau será mais complexo.

Em geral, todos os inquiridos identificaram-se como “pessoas de Macau” e acreditaram que as identidades nacional e local podem coexistir sem conflito. Em termos de definição, os elementos que são normalmente incluídos em “reconhecido como pessoa de Macau” são: autoidentificação (cultural), língua utilizada, carácter utilizado (chinês tradicional ou simplificado), aparência e nome.

As pessoas de Macau gostam de enfatizar que Macau é diferente, tem a sua singularidade e não quer ser assimilado (perde a sua singularidade): “Defina-se como uma pessoa de Macau, e sempre nasceu e cresceu aqui. Esta identidade só vem depois do crescimento, pensando devagar. Mas não quero ver que o termo ‘pessoas de Macau’ foi gradualmente assimilado a outros grupos maiores, mas acho que o povo de Macau tem a sua própria singularidade, e que é necessário manter essa singularidade, para promovê-la. Não quero que o termo seja assimilado e se torne ‘povo da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau’ (大灣區人).” (Entrevistado 10)

Gostam de Macau, gostam de apresentar Macau, gostam de contar histórias de Macau e até “vou dizer isto (a minha terra natal é Macau). Tenho medo que os outros não saibam (sou de Macau). ‘Eu uma das pessoas de Macau. Sou de Macau.’ E então eu acho que, se não sabes, o problema é seu.” (Entrevistado 11) Mas o interessante é que quando se trata de identidade, a maioria deles vai depender de quem é a outra pessoa e responder relativamente. Como ninguém conhecia Macau antes, todos teriam preguiça de explicá-lo e precarizá-lo com “sou de Hong Kong”, ou precisa dizer “ao lado de Hong Kong” para posicionar Macau no mapa-múndi. Quando perguntados “És chinês(a)?”, independentemente do grau de identidade nacional, adotarão uma atitude de não negação ou reconhecimento ativo.

Dois outros entrevistados responderam com uma resposta espiritual mais ampla que transcendia a ancestralidade nacional: “a conexão com alguma realidade maior” e “algum lugar lá fora”.

“O orgulho (cultural) é muito diferente, as pessoas não vão sair daquele lugar. A acumulação do tempo, os genes estão lá. Contudo, Macau é um lugar errante, as pessoas vêm aqui de tempos diferentes. Portanto, há uma lacuna no nosso desenvolvimento espiritual, e há uma diferença de tempo. É assim que os seres humanos continuam a multiplicar-se e é assim que as culturas fluem. Por isso, quando a

nossa geração vir a cultura portuguesa e a cultura macaense, sentirá ser uma espécie de identidade, e será mais fácil integrar no dominante, mas se eles realmente anseiam? Não necessariamente. A pesquisa ou o gosto por esse assunto é muito pessoal, e há muito poucos que realmente apreciam. Essa diferença existe. (Entrevistado 7)

IV. 2. A história, a transferência da soberania de Macau e o repensar da identidade

“Quando sou chinês? Sou chinês quando volto para a terra natal na China Continental, mas talvez não quando esteja diante da lei. Esta história histórica é muito interessante.” (Entrevistado 7)

“Identidade, nacionalidade e cartão de cidadão não são conceitos desde a antiguidade, pois identidade e nacionalidade eram apenas resultado de uma escolha: naquela época, o movimento das pessoas era muito livre, e poderia escolher por si mesmo. A identidade não é um assunto muito controverso, e o seu conceito estava desfocado. Nesse estado, há outra vantagem, ou seja, é mais fácil para ele reter a cultura familiar. Agora a da nossa geração está quase acabada.” (Entrevistado 7)

Na história de Macau, existem vários períodos-chave que inspirarão as pessoas de Macau a pensar “quem sou eu”. O primeiro é quando os laços entre Macau e a China Continental começaram a se estreitar nas décadas anteriores à transferência: “Quando voltei ao continente para visitar parentes, foi na década de 1980. Naquela época, o continente era relativamente pobre. Fiquei muito impressionado que os irmãos e irmãs do meu pai eram todos próximos ao continente, mas quando passamos pela alfândega, era um sentimento muito diferente. É como dois mundos completamente diferentes. Também me impressionou quando eu era criança, e naquela época não pude deixar de perguntar, o que nos faz muito diferente.” (Entrevistado 13)

O segundo, foi durante o “Massacre da Praça da Paz Celestial em 1989” na China Continental: “‘8964’ também foi bastante interessante. Naquela época, a atmosfera era de que todas as pessoas da fábrica não foram trabalhar, mas foram mostrar solidariedade com os estudantes universitários e o seu entusiasmo patriótico. No entanto, dois dias depois, esses grandes meios de comunicação divulgaram as ações de

certas pessoas em texto completo, o que é inapropriado. Toda a declaração foi invertida, de modo que aquele momento teve um grande impacto na identidade das pessoas de Macau. Qual é exatamente o meu patriotismo? Como devo olhar para o movimento democrático? Como devo olhar para o meu próprio país? Qual é o meu papel nesta questão nacional? Na verdade, são correntes. Já se passaram mais de 10 anos e 20 anos e as consequências ainda estão por vir.” (Entrevistado 7)

O terceiro é o regresso de Macau. Embora este seja um período de grande impacto na identidade, situação e futuro dos macaenses, é também um nó chave para os chineses de Macau e outros grupos étnicos repensarem “quem eu sou”:

“Por volta da transferência, houve diferentes mudanças na identificação da nacionalidade no ambiente geral. Não tenho nenhum problema com a identificação chinesa que estão enraizados na história de 5.000 anos da China. Mas, como acabei de dizer, senti-me que sou chinês, mas quando regresssei ao continente, os chineses da China Continental também eram chineses, como se fossem chineses diferentes. Mesmo nos últimos 20 anos ou 10 anos, há alguns movimentos sociais e a geração mais jovem. A questão da identidade mudou, sendo um fator histórico e político. O que temos que enfrentar após voltar são as diferenças e as semelhanças entre nós. E o debate entre as diferenças e as semelhanças estará um estado de encontro. Neste estado de rodagem, inevitavelmente haverá algumas contradições, quando coisas diferentes são colocadas juntas.

Era uma vez, quando inspecionei as ruas e becos de Macau, e fez uma pausa para tomar um café, conheci dois taiwaneses que estavam a trabalhar em Guangzhou e vieram a Macau passar férias. Como anfitrião, é claro, eu apresentaria a terra a que pertencia aos convidados, mas a resposta deles foi: Macau não é uma cidade do continente? As pessoas de Macau não usam normalmente caracteres simplificados? A palavra “especial” na “Região Administrativa Especial de Macau” não é um disparate, e o uso de caracteres tradicionais é também uma das diferenças que estabelecemos para nos distinguirmos dos “continentais”. Pode-se constatar que as mudanças em Macau ao longo dos anos já desgastaram a sua própria consciência e singularidade local, pelo menos aos olhos dos Outros.

Vimos também que no processo de desenvolvimento da China, todo o país tornou-se cada vez mais orientado para uma definição da identidade chinesa, sendo uma reivindicação política, uma propaganda política, uma estratégia para governar o país e uma estratégia necessária. Para unir, antes de tudo é um senso de identidade, ou seja, como definimos o que é um chinês e o que é um país estrangeiro. Mesmo agora, ainda há necessidade de um guia: “o que é países estrangeiros, o que o estrangeiro representa e o que o chinês representa. Após o retorno, houve algumas questões e mudanças no sentido de identidade. Sempre senti que sou chinês, as minhas raízes culturais, a minha língua, a minha família, o meu clã, o meu sangue, claro, são todos chineses. Mas hoje, os chineses definidos no nível político não necessariamente e podem não se sentir muito agradáveis. A educação que tínhamos naquela época era muito diferente da educação que temos agora.” (Entrevistado 13)

Uma pessoa pode ter múltiplas identidades, dependendo do uso flexível em diferentes situações, mas isso não significa que os limites da identidade étnica não existam. A partir do conceito de linha de demarcação de Barth, Edwards (1985) redefine etnicidade nos seguintes termos:

“Ethnic identity is allegiance to a group — large or small, socially dominant or subordinate — with which one has ancestral links. There is no necessity for a continuation, over generations, of the same socialization or cultural patterns, but some sense of a group boundary must persist. This can be sustained by shared objective characteristics (language, religion, etc.) or by more subjective contributions to a sense of groupness, or by some combination of both. Symbolic or subjective attachments must relate at however distant a remove to an observable real past.” (Tomás 1998)

A definição de grupos étnicos nada tem a ver com reconhecimento político, e pode até mesmo livrar-se das amarras de fatores regionais como os macaenses:

“To what does the Macanese identity mark link today? First, it might be, I suppose, a sense of belonging, a sense of belonging to Macao. Maybe he is not living in Macao, neither is he born here, but this sense of belonging makes him feel connected to Macao. I guess you’ve read about ‘Imagined Community’ by Benedict Anderson. In my eyes, Macanese are pretty much of imagined community, because identity is a construction that means, you will build your

identity on something. What matters is that you believe it's something real even if it may not be real. A sense of belonging to Macao matters most.” (Tang & Zhou 2020, 10)

Enquanto as pessoas compartilham uma memória histórica comum, características culturais e identidade (uma ou ambas as três), mesmo que os membros da comunidade estejam distribuídos por regiões e classes sociais, eles ainda podem ser chamados grupo étnico. Porém, quando se trata de identidade de uma pessoa, é difícil para as pessoas distinguirem a diferença, principalmente quando se trata de identidade, considerada um tema sensível aqui. Quando é mencionado, está naturalmente relacionado com o nível de “patriotismo”. Embora as identidades culturais e políticas estejam intimamente relacionadas, não devemos ignorar as diferenças entre elas.

Para a geração mais jovem, que nasceu pouco depois da transferência, a maioria da sua compreensão da transferência é compreender este grande acontecimento que mudou o destino de Macau no futuro através de meios indiretos, como as descrições dos seus pais e a sua própria compreensão da história de Macau: “Eu não sei como era antes do retorno. Porque os meus anciãos sentem que o ambiente depois do retorno é muito melhor: depois do retorno, é muito melhor, o governo anterior foi corruptos, a lei e a ordem eram muito pobres, e havia muitos submundos. Então, a paz social, isso é depois do retorno.” (Entrevistado 11) “Ouvi do meu pai que a ideia sobre a transferência é que nós próprios geremos o nosso próprio povo. Eu mesmo concordo com isso, principalmente agora que tenho uma relação mais próxima com a China. Acho que o retorno é (para) um sentido de ritual (儀式感), o que é uma cerimónia para contar aos outros que estávamos uma etapa para outra etapa, ou seja, o retorno para a China, o país. Agora, espero poder ter um sentimento mais profundo, e identificar-me com isso e ter uma sensação de pertencer.” (Entrevistado 4)

Para o grupo macaense que está entre a China e Portugal, para além da sua identidade, é também uma questão de sair e ficar: “Antes do regresso, não sabia mesmo o que fazer. Por causa deste problema, porque me sentia que não era um chinês e achava que pude haver problemas. Na nossa opinião, a China é mais aterrorizante e vai prender-te e ir para a cadeia porque dizes que não é chinês, e a Revolução Cultural, etc. Antes de 1999, Macau era muito caótico. Há muitos tiroteios, e aqueles submundos na

terra. Muitos dos macaenses ou portugueses que eu conhecia na época foram embora. Não se sentiam de confiança e tenham medo. Sentir-se-ão desesperados no futuro, habituados a intimidar os chineses, depois de os chineses terem poder, no que lhe concerne vão intimidar-nos. Muitas pessoas que partiram por esta razão.” (Entrevistado 3)

“Depois da transferência, alguns foram embora. Nessa altura, comecei a comunicar mais com os locais ou os chineses. Antes da passagem era cultura portuguesa, e depois da passagem era mais cultura chinesa. Porque a China diz que 50 anos não vão mudar, muitos macaenses e portugueses não acreditam que 50 anos permanecerão inalterados. Não sabia o que iria acontecer. Naquela época, eu também tinha uma casa lá (Portugal). Sentia que não tinha medo. Se realmente acontecesse alguma coisa, eu iria embora. Depois da transferência, eu não sinto que houve uma grande mudança. Deve ter mudado, mas está disposto a acomodar as pessoas de Macau, por isso não acho que a mudança seja muito grande. Mudou muito nos últimos anos, mas em comparação com o povo de Hong Kong, o povo de Macau deve ser mais obediente. Portanto, o governo chinês deu concessões especiais a Macau. A pressão não é tão grande. O povo de Macau é mais obediente e puro. O governo precisa de algumas coisas, e as pessoas estão dispostas a cooperar, então as coisas ficam mais brandas e confortáveis. Ele muda lentamente, para poder aceitar na vida e de outra forma.” (Entrevistado 14)

A geração mais jovem de macaenses também aprenderá com os seus pais que viveram em primeira mão: “Uma vez, quando foi transmitido na TVB, perguntei à minha mãe, ainda se lembra de como era quando Macau voltou? Por exemplo, a minha mãe era adulta na época, e era inevitável experimentá-lo em primeira mão, mas não foi particularmente difícil para eles. Não sentem que é uma coisa que se desmorona. Ela não descreveu assim. Eles diriam, na naquela época, era português, e quando a bandeira de Portugal desceu, só isso. Era hora do retorno, e a minha tia era muito portuguesa. Ela sentia que se era para viver, ainda queria viver num lugar familiar, uma língua familiar e um ambiente familiar, então ela mudou-se para Lisboa. Para mim, a única certeza é que, se não houver o retorno, fosse muito talvez indo para uma escola portuguesa também. É a única coisa que sinto.” (Entrevistado 12)

IV. 3. A língua

Acredito que todos possam encontrar no meu vídeo e na resposta acima mencionada que citou o entrevistado que eu mantive o texto nas línguas originais (p.88), para algumas pessoas de Macau que sabem falar português, é muito natural misturar chinês, inglês e português para conversar, sendo também uma “característica de Macau”. Porém, é claro que a premissa é confirmar que as outras pessoas também sabem falar português, portanto, com base na proporção de pessoas de Macau que falam português, esse fenómeno é raro. Percebe-se que a linguagem tem a função de distinguir até certo ponto “eu” e “Outro”. “Eu li livros e sei que o português macaense foi listado como uma língua a ser protegida pelas Nações Unidas. Mas para mim, porque ele fala cantonês, ele é uma pessoa de Macau. Falar português, para mim, é como um estrangeiro, um povo português macaense também fala cantonês. Acho que está tudo bem desde que eu possa-me comunicar. Porque eu mesmo entrei em contacto com alguns continentais, quando se olha para os seus momentos no WeChat (uma aplicação de telemóvel como *Whatsapp*), pode-se descobrir que estamos realmente dois mundos.” (Entrevistado 11) Isso resultado não é necessariamente intencional, mas é natural quando um indivíduo não consegue se comunicar com os membros de um grupo, como podem se “integrar” ao grupo?

Castells (1997) argumenta que a linguagem é o atributo mais fundamental da identidade e que ela constrói “fronteiras mais intangíveis que o território e mais exclusivas que a raça”. (p. 55) Este fenómeno de expressão da identidade através da linguagem (cantonês) e da escrita (caracteres tradicionais) é muito comum, e Richard Anthony Hudson também destacou: “A língua é usada como um sinal de um membro de um grupo. As pessoas usam a linguagem para identificar grupos sociais específicos aos quais pertencem (ou desejáveis para serem considerados subordinados).” (Hudson 1992, 251) “A linguagem não é primariamente uma ferramenta de comunicação, mas mais importante, é um meio de construção de cultura através do qual o eu verdadeiro e consciência somos estabelecidos.” (Chabers 1994, 22)

Durante o domínio português, “a herança linguística concretizada pelos portugueses em Macau era relativamente pobre. Além destes nomes de rua, é também mais descontraído e casual na educação linguística, por isso, há muitas vezes a barreira

linguística. Também não aprenderam deliberadamente cantonês, sendo também uma espécie de carácter nacional.” (Entrevistado 13) “Lembro-me de quando eu era júnior naquela época, havia um colega de classe cuja origem familiar parecia estar relacionada a Portugal, então ele foi viajar em Portugal durante o feriado. Depois ele voltou, e disse algo, “Portugal é ainda mais atrasado do que Macau.” Estou muito impressionado com este incidente. O primeiro significado desta frase é que Portugal não é nem tão bom como Macau, porque as pessoas de Macau não são muito confiantes. A segunda é que Portugal fica atrás de Macau, e os habitantes de Macau sentem que já estão atrás. Esta frase é comparada com outros lugares, com Hong Kong. Portanto, nas suas palavras, há três objetos de contraste, nomeadamente Portugal, Macau, Hong Kong, ou alguns lugares avançados e desenvolvidos aos olhos das pessoas de Macau. Quando eu era criança, nos anos 80, já sentíamos que aprender português era inútil, e já sentíamos que Portugal estava atrasado.” (Entrevistado 2) No entanto, após a transferência, devido a necessidades económicas como necessidades de desenvolvimento e tarefas do governo central, o governo começou a investir na promoção da aprendizagem da língua portuguesa. “Penso que melhorou. Mas não é muito popular? Não me parece. Embora o português seja uma língua oficial, poucas pessoas a aprendem, a menos que queiram fazer investigação sobre ela.” (Entrevistado 15)

A criação e uso do patuá é indicador da dinâmica cultural e social da comunidade macaense, capaz de criar referentes culturais novos, marcas distintivas da sua identidade. (Dias 2014, 199) A partir da passagem, o governo passou a investir recursos para ajudar o patuá. “Antes da passagem, muitos idosos falavam português, talvez apenas um ou dois falassem o patuá. Após a reunificação, o governo começou a (implementar) coisas culturais. Patuá foi um deles e começou a ajudar o patuá. Agora que tem financiamento do governo, eles começaram a fazer com o coração e ajudar essas pessoas.” (Entrevistado 14) E sendo incluído como património cultural imaterial, acredito que também será útil. A sobrevivência do crioulo macaense no seu aspeto simbólico e exemplo da utilização de um marcador simbólico, cuja função comunicativa e pública desapareceu. (Tomás 1998)

E agora o governo começou a promover o português, como referido pelo entrevistado, com uma certa missão política e finalidade económica. “A linguagem em si,

é uma ferramenta, mas maximizar a eficácia e a utilidade dessa ferramenta dessa maneira parece ter deteriorado-se.” (Entrevistado 8) Ele mencionou que alguns dos seus colegas estavam a aprender português para poder fazer “bons trabalhos” como tradução no futuro, mas não tinham interesse em entender a cultura por trás deles. “Acho que este assunto é muito superficial, muito superficial. A sua chamada promoção (Macau) é puramente devido à economia e de pensar nos outros que vêm para este lugar. Mas esta também é a tendência geral e não pode ser evitada. A única coisa podemos fazer é defender os valores centrais da cultura.” (Entrevistado 10)

Além das diferenças entre o chinês e o português, o próprio chinês tem certas confusões e contradições devido às diferenças entre o cantonês e o mandarim, e os diferentes métodos de escrita entre o tradicional e o simplificado. O cantonês desempenha um papel insubstituível na distinção entre “eu” e “Outro” e na determinação das fronteiras étnicas para os habitantes de Macau que nasceram em Macau há mais de dez anos por volta da transferência. Portanto, saber falar cantonês é um dos indicadores de ser reconhecido como “pessoas de Macau”: “Por que tenho uma luta tão grande depois do ensino secundário, porque eu não sei cantonês, eu não falo cantonês, eu apenas digo que não entendo o nome de, e não entendo os caracteres chineses tradicionais? Parece que estou isolado deste mundo e os meus hábitos de vida são completamente diferentes. Mas uma coisa que me deixa feliz é que sabendo que aprendi bem (cantonês). Muita gente vai pensar que nasci em Macau. É completamente inconfundível. O seu cantonês, a sua forma de expressão, o seu modo de vida, mostra que estou completamente integrado aqui. De certa forma, é afirmado pelo Outro.” (Entrevistado 8)

A língua e a convivência com pessoas diferentes devido a línguas diferentes às vezes levam a hábitos de vida e maneiras de pensar muito diferentes: “Quando eu estudava na universidade em Hong Kong, os meus colegas eram quase todos do continente, então não conseguia comunicar (com eles). Acho que a minha maneira de pensar é muito diferente da maioria das pessoas no continente. A maneira de pensar e agir é muito diferente. Não é discriminação, mas é realmente diferente. Realmente não consigo se comunicar. Para além da língua, não aguento quando normalmente fazemos projetos em conjunto.” (Entrevistado 11)

Nos últimos anos, devido à vigorosa promoção da educação nacional e à popularização do mandarim, formou-se gradualmente um caos no mundo de língua chinesa em Macau: “Até agora, quando todos estão iguais, os obstáculos como a língua e a aparência vai a aparecer gradualmente. Não é só sobre a nossa língua, não é só sobre cantonês, inglês, português, é até uma questão linguística de gerações. Às vezes vou almoçar perto de algumas escolas e sinto-me como se já estivesse no continente, porque basicamente eles estão todos cercados pela língua (mandarim). Nós sentiremos que a língua se tornou muito confusa, mas eles sentirão que tu és uma pessoa mais velha. ‘Porque é uma pessoa mais velha e, por isso, se sentirá confusa. Achamos não haver problema, não há problema com o mandarim. O mandarim é fácil de falar e confortável, e a voz é gentil.’ Eles vão sentir que não importa.” (Entrevistado 7)

Dominar qualquer idioma é a chave para a compreensão e tudo de uma cultura. O domínio do português escrito e falado sempre foi o fator mais determinante no enraizamento da cultura portuguesa entre os macaenses, e a leitura e escrita chinesa é também um fator decisivo no enraizamento da cultura chinesa nas pessoas. O uso da língua das famílias macaenses também mudou. “Antes da minha geração, ou seja, antes da minha irmã e eu, os meus primos todos frequentavam escolas portuguesas, e a nossa família também fala português. A minha avó, o meu tio são funcionários públicos, então eles falam português em casa. Agora eles usam cada vez mais o cantonês. Olhando para trás quando cresci, penso que foi o primeiro ponto de viragem óbvio e especial. Porque os meus primos são muito pobres em chinês. Todos olham para trás após crescer, e então percebo que há uma diferença tão grande. Na verdade, ela (a minha irmã) também estudou no Colégio Perpétuo Socorro Chan Sui Ki (永援). Na verdade, nós dois crescemos quase no mesmo ambiente, então, na verdade, não há muitas variáveis. A educação e os recursos que recebemos são muito semelhantes. Então é principalmente por causa da diferença de interesses. Porque eu gostava de ler livros quando eu era criança. Eu lia um romance de uma só vez. Um de Wisely Series (衛斯理) numa noite. A minha irmã não gosta de ler livros, sendo uma *television child* (電視兒童) desde que ela era jovem. Então, até certo ponto, há será uma diferença, como a capacidade de escrever e de dominar as palavras. Mas claro, não há dificuldade no dia a dia. Ela é muito melhor que os meus primos.” (Entrevistado 12)

Nos últimos anos, o desenvolvimento económico de Macau tem sido acompanhado pela participação de trabalhadores migrantes do Sudeste Asiático. Embora não haja muita comunicação no nível étnico, alguns deles também estão profundamente envolvidos nas nossas vidas e famílias devido às necessidades do trabalho: “O meu funcionário é um servo filipino que cuidou de mim desde o meu nascimento até ir para a faculdade até 18 anos. Então ele fala inglês para nós. Em termos do seu papel como o meu cuidador, o inglês tornou-se uma língua muito importante. Mesmo quando estava a crescer, alguém perguntou-lhe qual era o seu bilinguismo quando cresceu em Macau. Acho que não é chinês e português, mas chinês e inglês. Pode ser só eu que assim considero. Essa é a primeira característica de alguém que cresceu com servos filipinos. Falando nisso, sou tão aberto a diferentes culturas e as bases linguísticas têm um grande impacto” (Entrevistado 12)

Além disso, devido ao período glorioso do cinema e da televisão sobre a cultura popular de Hong Kong, e “não há cultura de entretenimento em Macau. É por isso que muita cultura de entretenimento é absorvida do estrangeiro, e é por isso que muitas pessoas gostam de japoneses e coreanos. A mim não sou péssimo com o lado oriental, sou obviamente um ocidentalista.” (Entrevistado 12)

Em geral, os caracteres cantoneses e chineses tradicionais às vezes tornam-se um dos elementos para ser reconhecido como uma pessoa de Macau. É também porque as etnias precisam conversar para ter contacto e comunicação, ter uma língua comum tornou-se uma condição necessária. Por razões históricas, não existe em Macau uma única língua que todas as pessoas de Macau saibam falar, podendo circular na sociedade sem obstáculos, pelo que “a falta de uma língua comum” tornou-se um grande obstáculo à comunicação e integração de grupos étnicos em Macau.

Quanto à língua chinesa propriamente dita, a progressiva popularização do mandarim após a entrega do poder resultou numa certa contradição entre a coexistência do cantonês e do mandarim em Macau. Como há sempre apenas uma língua materna, o pensamento das pessoas será influenciado e restringido pela sua língua materna, e o uso da língua também representa uma certa tendência à autoidentidade. Nas duas décadas desde a entrega, a tensão da identidade também influenciou a escolha da língua pelas pessoas.

IV. 4. A comunicação entre as comunidades de Macau

“Macau tem mesmo muita gente de várias nacionalidades, muito. ‘Macau tem mesmo todas as pessoas.’ Não é que eu não tenha deixado de me juntar porque não sou dessa raça, e eles não vão rejeitar-te. Há uma coisa boa em estar em Macau, não importa de que país se seja, também se aceitará.” (Entrevistado 14) O povo de Macau é muito diversificado em termos de etnia, e cada um acrescenta a sua própria etnia ao nível de “será que é povo de Macau”, o que reflete este estado complexo:

“A noção de identidade étnica responde a esta diversidade. Trata-se de um fenómeno muito heterogéneo cuja única base comum é a construção social de uma origem que funciona como um campo de ação para a vida em comunidade. a identidade étnica depende da inserção da pessoa num processo histórico complexo e é normalmente adquirida como parte das solidariedades primárias adquiridas no seio da família. Quando falamos de uma etnicidade, portanto, temos em mente a identificação de culturas particulares como modos de vida ou de identidade, baseadas numa noção histórica de origem ou destino comum, quer este seja mítico ou «real».”(Tavares 1994)

Essa diversidade também se reflete no relato de um jovem descendente de chineses ultramarinos no Vietname: “Quando eu estava na Escola Luso-Chinesa, havia portugueses de Portugal. Não é que não existam. Existem, mas no departamento português. Não há muita comunicação com eles. Existem também macaenses, mas são também dominados pela cultura chinesa. Mais são filipinos, filipinos com cartão de cidadão de Macau. Nestes casos, ele tem cartão de cidadão de Macau, e por isso, devemos definir que ele é uma das pessoas de Macau, mas ele não é muito profundo na sua identidade cultural. É sobretudo cultura filipina. Até tenho alguns colegas filipinos que falam chinês e frequentam aulas em chinês, mas a cultura dominante deles é sempre baseada nos seus próprios filipinos. Também perguntei-lhes, como eles se definiriam? Assim como os filipinos macaenses, os filipinos de Macau. Porque eles definem em inglês, por isso, é assim. Com a tendência geral da sociedade, acho aconselhável esta abordagem. Como também diremos, os chineses de Macau. São assim. Também concordo que vai ter a situação de considerar que são o povo português de

Macau. Porém, quando se trata de comunidades, se diferentes comunidades vão ter uma troca, vou pensar... Porque estou na Escola Luso-Chinesa, a escola vai criar muitas oportunidades de contacto. Na verdade, não se vai ter muita comunicação com outras etnias. Mesmo que exista, é uma coisa muito superficial e pequena. Cada um vai rolar no mundo da sua própria cultura. Os chineses são menos propensos a entrar em contacto com outros grupos étnicos. As outras pessoas serão por estarem neste lugar, sentirão que este é um lugar chinês, então eles aceitarão a cultura chinesa, o que é verdade.” (Entrevistado 10)

Qual é a razão para essa falta de comunicação interétnica? Numa entrevista em grupo entre gerações dos pais e filhos, cada um deles fez uma observação:

“From my experience, there has been a little bit, I guess. But it wasn’t- like, I don’t think it’s ever been to the point where it was like, really extreme. But, like, even in school when I was younger, there’d be like- sometimes there’d be different kinds of groups so there’s only like the....kinda like the foreigner people, the kids- they kinda stay together and they hang out. And there’s also, like “Macao boys” that also hang out. So, I guess there’s that perspective. But also in football, I guess, there’s also the separation.” (o filho, Entrevistado 16)

“I think the other thing is language. Because as a social being, you need to talk with somebody, right? Generally, you fit in with the people who speak the same language. William has said about similarities, but I think the key one is language. So I think if I come to Macao, I think I should make a little effort to learn Chinese, to try to make friends with Chinese people. It’s like—I feel a little bit like I’m a guest here and I should at least make some effort. Although my Chinese is not great, at least I can communicate basic stuff. So I think—I think language plays a big role in how people see.”(o pai, Entrevistado 1)

“A divisão entre comunidades existe. Acho que podemos ser tão harmoniosos quanto somos agora, talvez seja porque todos se ignoram. Todos estão seguros e todos ‘varrem a neve diante da porta’ (自掃門前雪).” (Entrevistado 13) Assim, em Macau, devido à barreira linguística e à falta de história e hábitos de vida comuns entre as etnias, existe uma certa distância entre elas. Contudo, devido a esta distância delicada e pouca comunicação entre as etnias, permite que as culturas de todos os grupos étnicos sejam

melhor preservadas e que encontram o seu lugar nesta pequena parte de Macau. Os dois têm uma relação de causalidade entre si, formando uma tendência mutuamente reforçada e espiralada. Esse tipo de distanciamento subtil também é bem entendido. “As pessoas gostam de se reunir e brincar com pessoas parecidas, e por isso não brincamos com algumas pessoas ‘estrangeiras’. É como onde trabalho, também temos muitos trabalhadores. Haverá trocas, mas não muito profundas, sendo uma relação muito comum, e principalmente porque eles falam chinês, cantonês simples. Mas não vamos ir às compras juntos. A diferença entre eles é que, embora possamos nos comunicar, existem algumas diferenças na cultura alimentar e nos hábitos de higiene.” (Entrevistado 9)

Essa harmonia interétnica não está apenas no nível dos habitantes locais, mesmo numa entrevista em grupo com dois trabalhadores migrantes chineses no exterior vietnamita, pode-se aprender: “Está tudo bem, no trabalho. Esses trabalhadores estrangeiros do continente são bons. Não nos importamos. Todos trabalham juntos, e não serão barulhentos. Nalguns lugares, será dividido em grupos, e será mais difícil para este grupo cooperar com outro. Será assim em muitos lugares, mas no nosso caso não será assim. Haverá disputas, mas o trabalho é muito harmonioso. Não haverá separação entre ‘eu’ e ‘outro’. Isso não vai acontecer. Haverá também reuniões, às vezes coincidentemente aos sábados. Alguns (trabalhadores migrantes da China) terão de regressar à China. As suas casas estão mais perto e nós, do Vietname, vamos encontrá-los. Às vezes haverá ser, mas há menos continentais, mas também há muitos chineses estrangeiros (vietnamitas) que se reúnem e há menos vietnamitas. As pessoas que vêm a este *cha chaan teng* (茶餐廳) são principalmente chinesas estrangeiras do Vietname, e há menos vietnamitas que sabem noutros lugares.” (Entrevistado 5)

Conforme descrito pelos entrevistados acima, não há muita comunicação entre os grupos étnicos, e a maioria só existe em escolas, locais de trabalho e outros locais que devem ser visitados, em que há mais oportunidades de contacto com outros grupos étnicos. Contudo, nos casos em que não há restrições ao grupo alvo, ou seja, quando os inquiridos fazem as suas escolhas conforme os seus próprios desejos, a maioria deles são amigos do mesmo grupo étnico, refletindo que estão mais familiarizados com pessoas do mesmo grupo étnico. Não é difícil de compreender: “Penso que é normal que cada

comunidade seja um pouco mais amiga do seu próprio povo, para ser honesto. Ensinei uma criança que está agora no ensino secundário e não é mais uma criança. É de ascendência africana, o seu pai é negro e a sua mãe é chinesa, e virá também à nossa escola. Então acho que todos nós estamos a começar a nos tornar internacionais. Os macaenses não estão longe dos chineses, e eles são muito harmoniosos. Mas se estiver a falar de outros grupos étnicos, como a Tailândia ou as Filipinas, não é tão harmonioso. A principal razão pela qual vieram para Macau foi para trabalhar. Agora tenho uma ajudante doméstica estrangeira filipina em casa, por isso também conheço alguns filipinos.” (Entrevistado 15)

O papel de uma ponte de comunicação macaense ainda presente hoje em dia: “A composição deles é haver pessoas da China e de Portugal. A minha mãe parece chinesa, mas tanto o chinês quanto o português falam. Assisti ao ensaio deles naquela época. Achei que foi um fenómeno muito interessante. Na verdade, todos devem saber falar inglês. Obviamente, todos são membros do grupo, mas raramente verá o chinês andando para falar com o português. Ele ia primeiro falar com a minha mãe e depois pedia-lhe para lembrar aos outros. Só porque parecemos diferentes, não importa se se nasceu em Macau e se fala cantonês ou não, começando a conversar com pessoas da mesma espécie primeiro. Este é uma coisa muito natural.” (Entrevistado 12)

Mary Douglas baseia-se na tradição antropológica em que trabalha, argumentando que “o corpo como texto cultural reflete e dá a representação material de estereótipos e ansiedades sobre valores culturais.” Os nossos corpos são, sem dúvida, os símbolos raciais mais visíveis e fundamentais para a identidade étnica. O corpo é o meio pelo qual mostramos a nós mesmos ou aos outros quem somos, e o meio pelo qual agimos no mundo. (Teixeira 1994, 200)

“Quando não pensas sobre isso, não vais se sentir estranho e essa situação, inconscientemente, indo separá-las cada vez mais. Embora todos estejam a viver juntos nesta cidade de Macau, para aqueles que podem andar de ambos os lados da vedação, é uma mistura das culturas oriental e ocidental. Mas se olharmos para eles separadamente, não é necessariamente este o caso. É verdade que o Oriente e o Ocidente estão muito entrelaçados? De facto, estão apenas a coexistir nesta cidade, não necessariamente a interagir.” (Entrevistado 12)

Noutros campos, as barreiras entre as etnias precisam ser quebradas, e a situação é um pouco diferente: “O povo de Macau é mais respeitoso e não vai interferir. Na verdade, isso é muito confortável, então eu também aprecio esse ponto de vista. No entanto, precisa de ter um nome e uma razão para se envolver (noutras comunidades).” (Entrevistado 4) Os dois trabalhadores migrantes chineses estrangeiros do Vietname tiveram a sorte de encontrar uma mudança especial que mudou as suas vidas em Macau: “Estes dois irmãos (eles mesmos) estão aqui há mais de 10 anos. Apenas no ano passado, foi preciso um amigo local para nos levar (aos lugares de Macau).” (Entrevistado 6) “E não sei como chegar lá. Não temos muito tempo e volto para o Vietname quando posso.” (Entrevistado 5)

Este tipo de vedação, na verdade, reforça um certo estereótipo de conceito de classe. “Quando eu era criança, os meus pais levaram-me para Portugal. Quando eles (os portugueses locais) olhavam para mim, diziam que ‘chinês, China’. O entendimento deles é este, ‘tu és chinês, mas há uma diferença entre ti e mim.’ Eles pensam que ‘eu sou português, e sou superior a vocês.’ Agora há alguns chineses que pensam que somos superiores a eles, e eles são inferiores aos chineses. Não me parece. Às vezes dizem: ‘tu não o tens, mas outros têm-no.’ (Entrevistado 14) “Então, costumo dizer que não me interessa a nacionalidade. Muitas meninas filipinas e estrangeiras (colegas) muitas vezes tratam-me com o termo ‘mãe’. Eu digo, vocês têm que se lembram, vocês não cresceram aqui e eu não cresci aqui. Eu e vocês somos tudo de terceiros. Então eu e vocês somos iguais. Não é porque vocês são das Filipinas (das Filipinas), então têm de chamar-me ‘mãe’. Posso se chamar ‘mãe’? Eu realmente acho que o tratamento deve ser assim. Muitos estrangeiros, eu sempre lhes dizia assim. Todos são iguais. Não penso que vocês são inferiores a mim devido aos problemas do seu país. O que vocês são ‘inferiores’ a mim? Sim, vocês são mais baixos em termos da altura, mas não são inferiores a mim. Eu não gosto disso.” (Entrevistado 17)

Nas palavras de João de Pina Cabral:

“Como fenómeno relacional que é, a identidade étnica não é necessariamente unitária. Podem existir identidades étnicas dentro de identidades étnicas, criando fenómenos de subdivisão étnica. Nas palavras de Abner Cohen: «a etnicidade na sociedade moderna é o resultado da interação intensa de

diferentes grupos culturais e não o resultado de uma qualquer tendência para a separação.»(Tavares 1994)

Para a maioria dos trabalhadores migrantes que vêm trabalhar em Macau, enfrentam muita discriminação o tempo todo. A partir do diálogo original citado em «À deriva pela China em Las Vegas: Trabalhadores Migrantes em Macau» (《澳門移工：漂泊在中國的拉斯維加斯》), de Shi Wei (史唯), uma monografia de pesquisa mencionada anteriormente, podemos ver que a situação real dos trabalhadores migrantes:

“Sentes-te discriminado?”

“Sim, eles (locais) vão repreender-nos com alguns palavrões chineses.”

“Então como respondes?”

“Sorriso.”

——Walter Lao, funcionário de um hotel filipino

“A minha patroa disse que deveria comer carne de porco quando vier aqui. Eu tive de atirá-la para o lixo. Não é justo que ela me obrigou a fazer coisas que eu não queria fazer.”

——Ajudante doméstica indonésia Echa Illouka Angelita

“Em Macau, parece que nós filipinos somos muitas vezes vistos como inferiores. Não importa, estou aqui para trabalhar de qualquer maneira.”

——Segurança filipino Giancarlo

“Qual é o seu maior problema no trabalho?”

“Não estou habituado ao trabalho obrigatório. É difícil comunicar porque não falo as línguas correntes em Macau e mandarim. É muito difícil ser promovido.”

“O que achas das condições de trabalho aqui?”

“Discriminar.”

——Yogendra Gurung, uma enfermeira nepalesa

“Como é o seu relacionamento com as pessoas ao seu redor?”

“Não é fácil trabalhar com os chineses. Eles não querem se associar connosco. Eles costumam usar algumas palavras muito rudes para nos chamar, talvez porque somos estranhos.”

——Segurança filipino Eduardo Raymundo

Em geral, a maioria dos inquiridos concorda que existe uma certa ligação entre grupos étnicos em Macau, mas não há muita comunicação entre eles. Acredita-se também que é natural que as pessoas tendam a conviver e se comunicar com pessoas semelhantes a elas, e que a similaridade, ou seja, as diferenças de idioma, hábitos de vida e história compartilhada, é o principal obstáculo. Em termos de facilidade de contacto com outros grupos étnicos, pode-se distinguir entre não-chineses e chineses. A maioria dos não-chineses acha que as pessoas de Macau são muito amigáveis. Desde que estejas disposto a dar o primeiro passo, as pessoas de Macau estão muito dispostas a aceitá-lo.

Para os macaenses que experimentaram a separação de classes antes do retorno, a maioria deles agora tem um desgosto por classe. Eles atribuem grande importância ao conceito de igualdade para todos, independentemente de raça, ocupação e classe social. Há uma tendência para de-estigmatizar todo o tipo de coisas.

IV. 5. “Macau é um lugar onde o oriente e o ocidentais se encontram”?

Ao falar das características de Macau, é fácil pensar nisso: Macau é uma pequena cidade onde as culturas chinesa e ocidental se misturam, e até o vídeo promocional oficial do turismo usa isso como um ponto de venda e promovido para o mundo. Mas as culturas chinesa e ocidental de Macau estão realmente entrelaçadas em todos os níveis? Ou é apenas um nível simples e material? Os entrevistados estão bastante divididos sobre isso:

“É uma combinação de chinês e ocidental, como se o guia turístico dissesse no início que há portugueses a uma distância tão próxima do Colégio de S. Paulo (as Ruínas de São Paulo).” (Entrevistado 11)

“Em comparação com outros lugares, Macau não é um lugar onde a China e o Ocidente se misturam, mas um lugar onde a China e a China se misturam. No entanto, em comparação com o continente, Macau é mais tolerante com restaurantes e culturas de outros lugares. As pessoas de Macau são tolerantes. Por exemplo, há muitos expatriados, eles gostam muito de festejar, desde que não seja excessivo, é aceitável.” (Entrevistado 9)

“Eles são muito separados? Na verdade, não. Há também muitos prédios chineses e ocidentais diferentes numa rua.” (Entrevistado 4)

“Especialmente quando eu era criança comparado a agora, embora Macau esteja se tornando cada vez mais próspero, a cultura dominante torna-se cada vez mais simplista. Eu não queria que isto desaparecesse, por isso saí por minha conta, na esperança de promover o máximo possível e aprender o máximo que pudesse.” (Entrevistado 10)

“Diria que houve comunhão? Eu diria apenas que coexistimos. Porque não somos como um ao outro, mesmo que não sejamos iguais, ainda assim podemos coexistir. Mas se houver agora apenas uma grande voz, uma corrente dominante, algumas culturas parciais e menores, perder-se-ão.” (Entrevistado 7)

“Macau tem uma origem multicultural e também há manifestações multiculturais. Mas, na verdade, eu mesmo vivo em Macau, se olhar para a parte imaterial da cultura, acho que não há tanta diversidade. Quando se trata da parte não material, será que alguns dos valores dos portugueses nascidos em Macau se misturam com aqueles de nós chineses em Macau? Acredito que possam ter integrado alguns dos nossos elementos culturais, pois estão em Macau, acredito que têm sempre valores chineses. A nível imaterial, será que temos esse tipo de intercâmbio? Quando falamos de multiculturalismo, existem dois níveis. Um nível é a mistura de diferentes culturas por razões históricas. Um nível é por suas razões históricas e algumas culturas diferentes são misturadas. Outro tipo de multiculturalismo tem de ser visto no contexto da sociedade, se este tipo de multiculturalismo é aberto a um nível não material. Se seremos mais abertos do que outros? Se seremos mais sensíveis e mais tolerantes em relação aos imigrantes? Será que o povo de Macau abraçou mais as diferenças devido ao nosso multiculturalismo? Será que nós, como cidadãos culturais, temos esta qualidade, temos esta textura, temos esta qualidade para sermos um povo multicultural? Também estou bastante cético em relação a esta última. É porque o povo de Macau, em geral, não tem uma mente muito aberta. O tipo de não envolvimento não é apenas o facto de não sermos suficientemente ativos culturalmente ou de haver uma lacuna, mas é muito prático, porque é que quero ser envolvido. Não me parece que o português seja muito útil.” (Entrevistado 2)

Em geral, as opiniões das pessoas de Macau sobre se Macau é uma combinação de chinês e ocidental dividem-se principalmente em dois níveis: os inquiridos que acreditam que Macau é uma combinação de chinês e ocidental, a maioria entende do nível de “existência” e “coexistência” — arquitetura, os portugueses estão em Macau, etc.; enquanto os inquiridos que pensam que Macau não tem uma mistura ótima de chinês e ocidental, a maioria deles foca no não material, “comunhão” e “se têm uma mente aberta” — as pessoas e as comunidades comunicam umas com as outras, “limpando apenas a sua própria confusão”.

No entanto, todos concordam que Macau e as suas pessoas são muito tolerantes e culturalmente diversos. No entanto, alguns entrevistados sentiram que Macau torna-se cada vez mais próspero, e uma cultura dominante assume gradualmente a liderança. As pessoas de Macau estão, no subconsciente, mais stressadas para proteger a singularidade de Macau.

IV. 6. O símbolo da cidade

Existe alguma coisa que os entrevistados acham que pode representar Macau? A maioria deles hesitou por um tempo, mas não pensou em muitos símbolos da cidade que eles achavam que poderiam representar Macau. Além disso, todas as representações que as pessoas conseguiram apresentar não são basicamente repetidas, o que é um pouco diferente das minhas expectativas. Os representantes vão mudando de geração em geração. Isto está muito longe da Torre Eiffel, da cidade de Veneza e do Coliseu de Roma, que a cidade utilizou para se redimensionar. Será que estamos apenas a imitar, reduzindo assim a oportunidade de nos expressarmos verdadeiramente e “o que é Macau”?

“Quero dizer que realmente não existe. Macau, realmente não consigo pensar num símbolo que pertença a Macau. Se eu quiser puxá-lo com o símbolo, uma coisa que vi, vou pensar das placas de rua de Macau, aqueles tijolos também. É em Macau que vamos chamar azulejos portugueses. Mas os tijolos portugueses não se veem em Portugal? .” (Entrevistado 12)

“Na minha cabeça, uma coisa muito comum, se se ver visualmente, é claro que é as Ruínas de São Paulo, sendo uma obrigação. Em termos de não-materialidade, pode ser a Dança do Dragão Embriagado.” (Entrevistado 15)

“Se me pedissem para falar de Macau, diria os macaenses. A população macaense não é grande. Pouca gente conhece a sua cultura. Esperamos que outros conheçam. Por que Macau é especial? É devido aos macaenses, da sua cultura. OS macaenses são descendentes da China e de Portugal, então o que sai da mistura é diferente. Depois de uma combinação, surge um novo. Por que ele tem a sua própria língua? Apesar de pouca gente conhecer, tem comida própria, então é isso por que é diferente.” (Entrevistado 14)

“A cultura é sobre a vida. Se nos perguntares quais são os símbolos de memórias coletivas quando éramos jovens. Em termos de Hong Kong, é o Star Ferry Pier, e nós, é a estátua do cavalo de bronze (銅馬像, a estátua do governador Ferreira do Amara), porque é um marco permanente. As pessoas naquela época não perguntaram o motivo, apenas faziam o *check-in*, todas as crianças vão tirar uma foto na frente do cavalo de bronze, se for de uma certa idade. Talvez os seus pais também tenham tirado uma foto neste lugar. Eles não compreendem o colonialismo por detrás dele, o militarismo por detrás dele, ou porque é que este homem está aqui como um ser humano. Não se preocupam em descobrir, se é um comentário positivo ou negativo sobre Amaral. Mas é aqui que ele se apresenta como um marco. Nessa altura não havia mais marcos. A *Birdcage*, o casino de Lisboa antigo, que a geração mais jovem, como os meus estudantes, os quais são agora adultos, teria considerado uma Torre de Macau, sendo mais neutra porque é comercial.” (Entrevistado 7)

A existência da estátua do cavalo de bronze é bastante especial, em Macau tem uma cor colonial indelével ao nível político, mas ao nível da vida tem um estatuto insubstituível independentemente da etnia:

“I bet almost no one knew what that statue was or who that guy was. He was just a guy on a horse, right, I bet if you took a poll of all the people who used to play in that park, that almost no one would know or care about its history. So in some ways there was no reason to tear it down. But when they dismantled it,

they dismantled part of my childhood with it. They dismantled part of my feeling for Macao...'(Clayton 2002a, 74)

Aware of the controversial political nature of his apparently apolitical remark, Ah Sun was careful to distance himself from any statements about the interpretation of history or the desirability of a Macao identity. His fondness for the statue (and, through the statue, for Macao), he insisted, had to do with memories of “shared experience” with family and friends, memories that he placed firmly outside the purview of the state — and outside of History.” (Clayton 2002a, 74)

“Não é que Macau não tenha um símbolo não-casino, mas a questão é se temos valores, mecanismos ou cultura suficientes por detrás dele para o apoiar. Quando eu era criança, antes da entrega, ia discutir Macau. Temos as Oito Paisagens de Macau e também as Oito Novas Paisagens de Macau. O que são eles? A ponte velha (舊大橋, Ponte Governador Nobre de Carvalho), as pontes e o mar entre a Península de Macau e a Ilha da Taipa (鏡海長虹), e as Casas da Taipa (龍環葡韻). Mas, porque é que estes símbolos da cidade não se tornaram em algo de valor? Isto também mostra que um símbolo não é suficiente. Tem de haver uma história, e depois a história tem de fornecer algum valor, e não apenas uma história, e tem de ser integrada com a sociedade moderna.” (Entrevistado 2)

IV. 7. O desenvolvimento e Mudança Urbana de Macau

“No final, o que nós vemos, o que os outros não deixam ver, o que é censura. Tem uns lugares na cidade, alguns cantos, é muito discreto, mas tem também uma grande necessidade de existir, aquelas partes da cidade que temos negligenciado.” (Entrevistado 13)

Artistas e estudiosos pensam mais sobre a sua cidade. O artista entrevistado criou uma série de trabalhos para explorar o espaço urbano. Na sociedade contemporânea, o que as pessoas veem, o que realmente está nas suas mentes, o que é ignorado e varrido, como a transformação do espaço urbano afeta como as pessoas vivem e pensam, e muito mais. Ele disse francamente:

“Antes, quando eu era jovem, há mais de uma década, sentia-me muito deprimido, sentia uma sensação de depressão. Essa ainda seria a minha casa? O que é a casa? A casa não é um local externo. A casa é onde está no meu coração, e onde está o meu coração, é a minha casa. Agora estou mais aberto às mudanças na cidade, e entendo que haverá mudanças. E a frustração que senti quando voltei ser necessária transformada, senão será continuamente muito deprimido. Transformo essa energia, o que podemos fazer nesta mudança, e é devido à mudança que existe a possibilidade. Nessa energia de mudança, justamente porque ele muda, só nós temos a oportunidade de influenciar os seus resultados. Foi este incidente que me levou a ser um curador de artes culturais. Está nesse estado passivo, sim, algumas coisas desapareceram, então o que posso fazer? Isso pode tornar-se um estado ativo, e eu também sou uma das mudanças nisso, e posso trazer algumas mudanças.” (Entrevistado 13)

Nessa altura, por volta da passagem do poder, a identidade das pessoas de Macau viviam um grande conflito. Era o momento do processo de seleção, aceitação, rotação, integração, etc., sobretudo na relação entre identidade nacional e identidade regional. As pessoas tentaram redescobrir a resposta da questão “Quem sou eu”.

“The theme of increasing national sentiment often appears alongside the idea of reinforcing Macau residents' sense of belonging. (Ho 2000, part 3, para. 14) The love for country and the love for Macau are presumed to be one concept or simply two sides of the same coin in the official discourse. But nationalism is certainly not downgraded in the official discourse. It is only repackaged as economic nationalism.” (Lam 2020, 666)

Para os macaenses que vivem em Macau há muito tempo ou nasceram e cresceram em Macau, as grandes mudanças provocadas por este nacionalismo económico em Macau e as vicissitudes do espaço urbano vão trazer um clima de medo (“scary”). Para algumas pessoas, é uma sensação assustadora e um choque psicológico enorme:

“In eighteen years, there is been a lot of casinos reasonly, I think. It’s quite cool but also quite scary, like how much you can change. I guess, the casinos and hotels, they have being a big part of Macau identity now because, in some cases, Macau is known as

like the lost place of China or of the asian world. That is how a lot of people know Macau.” (Entrevistado 16)

“Penso que o impacto é semelhante àquele que vemos quando o Cotai é preenchido. Quando eu era criança, via os mangues de ambos os lados. Mas no momento em que vimos a terra a ser preenchida, as máquinas de empilhamento a fazer bang bang bang, e o fumo a subir, foi um momento muito poderoso para mim. Lembrome de um ano, fizemos juntos o Teatro Playback e levámos os jovens a um acampamento num santuário em Coloane, e no caminho, levámos um treinador a passar a Cotai Strip. Era muito chocante que por muito que eu gritasse e gritasse, era inútil porque estes jovens à minha volta tinham nascido neste tipo de sociedade. Tinham nascido neste tipo de cenário e iriam achá-lo muito natural. Eles acham não haver nenhum problema. Nós, veteranos, achamos estranho dizer ‘松 (*song*)’³? Têm pronunciado ‘*song*’ desde que eram crianças.” (Entrevistado 7)

Como esse entrevistado frequentemente participa as atividades comunitárias, pode chegar às pessoas que trabalham nos bastidores de uma cidade próspera. Embora saiba como se sente sobre isso, ele também pode perceber as mudanças em Macau nos últimos anos na perspetiva de outras pessoas: “Como podem as pessoas subir a escada quando a educação se tornou universal e todos têm um certo nível de educação? Nem sequer consegue encontrar um lugar para ficar após ter sido admitido com o seu diploma universitário, mas os casinos criam muitas oportunidades de emprego, por isso, muitas pessoas não se opõem aos casinos. Eles até gostam deles. De facto, há muitas pessoas que são de famílias imigrantes. É mais difícil para elas ganhar a vida aqui, por isso sacrificam uma para salvar toda a família. Penso que por vezes as nossas diferenças culturais se devem ao facto de termos nascido de forma diferente e, por isso, não nos podermos ver reciprocamente. Continuamos a dizer que os casinos são maus, mas não é que não possamos ver o lado bom dos casinos, mas não podemos senti-lo porque não o sentimos em primeira mão e as nossas famílias não se encontram numa situação tão difícil. Portanto, quando dizemos isto (*Disneyfication*), pode ser emocionalmente

³ A palavra “松” é pronunciada “*cung4*” em cantonês e “*song1*” no mandarim. Actualmente, devido à popularidade do mandarim, algumas pessoas em Macau já não sabem qual é a pronúncia cantonesa da “松”, mas utilizam a pronúncia mandarim em cantonês. Os inquiridos utilizaram isto como metáfora para a mudança no espaço urbano de Macau.

traumático para algumas pessoas. Por vezes sinto-me culpado quando ouvimos o outro lado da história. Talvez não culpado, mas sinto-me mal porque posso estar a um nível menos que apropriado para falar com eles pessoalmente.” (Entrevistado 7)

Há também entrevistados que tiveram criticado as mudanças urbanas em Macau, mas chegaram à autoconciliação após pensar e digerir: “Esse tipo de ‘disneyização’ foi popularizado primeiro nos Estados Unidos, mas o conceito foi transferido para Macau. Digo que não me oponho porque embora Macau tenha muitos destes edifícios europeus por razões históricas, alguns visitantes podem vir a Macau principalmente para visitar a *Cotai Strip*, ou principalmente para jogar, e para passar o seu tempo desta forma. Felizmente, fica apenas na *Cotai Strip* e só o *Macau Fisherman’s Wharf* fica na orla marítima de Macau, por isso, se uma torre fosse construída no meio do nosso antigo bairro sem qualquer razão, estragando a vista. Haverá muitos comentários se umas Ruínas de São Paulo falsas erguidas ao lado das Ruínas de São Paulo reais, mas não é esse o caso agora. Pessoalmente, não me oponho a isso. Sei que algumas pessoas são muito contra.” (Entrevistado 15) “Também ouvi dos meus amigos que diziam: ‘É tão azedo, ver Macau tornar-se assim e assim’. Mas olhando ao contrário, se se vê que Macau nunca foi desenvolvido, ainda é como a década de 1990, ficaria mais triste então? É um sacrifício. Se todos esperam ter a prosperidade atual e o conforto atual, mas pode ser em troca da falta do tipo de relacionamento entre as pessoas, do sentimento muito casual que costumava ser. Todos precisam fazer uma escolha. Mas o mau é que já aconteceu e não podemos mais fazer de novo. Quer as pessoas queiram ou não, não podemos retroceder. E a única coisa que podemos fazer agora é manter o que temos agora.” (Entrevistado 3)

Alguns entrevistados foram mais neutros nas suas atitudes e puderam ver os lados bons e maus de tal mudança:

“It’s very hard to say one is better than another because there are aspects of both that people enjoy. Like Macau is a village, they would say, it’s a very quiet place. It’s very quiet. You get to know each other. It’s small. That could be good and bad. Everybody knows you, everybody knows your problems. It’s not so much about that. In the end, perhaps, some people in their life, they like it quiet. Os some people in their life like something more action. There are more choices for people. If we continue like this,

with some social problems like this, the children don't grow up with the kind of the warm family environment. They may feel isolated. They may feel lonely or they get depress. So this level of depression and all this other things may increase in our society. And we don't know why, but maybe because of this over focus on material life and lock down the other parts of life. So, there is a lot of social problems, I feel, that casino kind of culture has brought.”(Entrevistado 1)

“Sou relativamente neutro nesta questão (sobre casinos). Antes de mais, ele pode conduzir muita gente e pode ajudar (a economia de Macau). É de facto um sucesso, e Macau destacou-se por isso. Na verdade, ele dirigiu exposições e outras indústrias. A mudança sempre existe, e os seus próprios sentimentos e como interages com essa mudança são as coisas com influência sobre si próprio. Quero absorver mais dessa mudança, desejando interagir mais com as mudanças na cidade. Na verdade, como ver uma mudança, é difícil distinguir se é bom ou mau, porque leva tempo para verificar esse assunto. Então é difícil julgar imediatamente isso é bom ou não porque precisa de tempo para provar. Eu mesmo espero que Macau tenha indústrias mais diversificadas, e que o mundo cultural seja mais próspero.” (Entrevistado 4)

A partir disso, podemos ver que estas são as três estratégias mais representativas adotadas pelas pessoas de Macau para as mudanças urbanas nas últimas décadas: algumas pessoas sentirão um grande choque e acharão que gritar é inútil; algumas ficarão igualmente frustradas, estando num estado de espírito perdido, mas depois do seu próprio pensamento, encontraram uma maneira de olhar as mudanças da cidade de outra perspetiva e obter alívio; algumas pessoas têm uma atitude mais passiva, e descobrem algumas dos benefícios desta mudança.

Por razões sociais, políticas e educativas, a questão identitária, o “elefante em Macau”, sempre foi obscurecida pela voz mais alto. As pessoas silenciam e os meios de comunicação social raramente fazem reportagens sobre o assunto, o que não cria uma tendência de discussão na sociedade. É também porque a maioria da população atual de Macau ou dos seus antepassados viveu apenas a primeira e a segunda geração após a “guerra”. O nacionalismo económico influenciou as pessoas a perseguir um elevado crescimento económico, tanto social como económico. Sob a obsessão pelo materialismo e consumismo, a alienação social em Macau é grave, e eles acreditam

basicamente na “successologia” dominante: uma vida com um alto padrão material é a vida ideal. Macau é mais uma “árvore de dinheiro” ideal, com foco na abundância material, havendo poucos apelos e discussões sobre coisas não-materiais, como emoções e sentimentos.

“Vivendo neste lugar, às vezes descobre-se que não temos nenhuma opinião dominante, porque a atmosfera geral da sociedade vai levar. Às vezes fazemos alguns assuntos comunitários, e não sei por que, há algumas lutas (no coração). Mas eu não sei como é essa luta aos olhos de diferentes pessoas. É desnecessário dizer sobre coisas que são bastante recentes. Todos entendem. A defesa da cultura existe, mas, por outro lado, também se perde muito. Isto é devido à escolha pessoal.” (Entrevistado 7)

Graças ao desenvolvimento da Internet, as pessoas têm mais canais de contacto com o mundo exterior. Com a promoção da globalização, as pessoas têm mais oportunidades de estudar e trabalhar no exterior. Gradualmente, um grupo de pessoas começou a se preocupar com as suas “raízes”. O “elefante” que há muito era evitado pelas pessoas, foi surgindo lentamente, mas trouxe outros efeitos colaterais: a própria identidade perde-se na confusão. “Em termos dos media, pelo surgimento da Internet, temos muito mais opções e há mais disputas sobre qual período. Porque os mais velhos verá a escolha dos novos e discordarão.” (Entrevistado 7) Os jovens de hoje são mais influenciados pelo discurso de propaganda social e dos media. A importância das suas próprias raízes de sangue torna-se cada vez menos importante. Em vez disso, a cultura (donde nasce e onde vive por muito tempo) tem um impacto maior na identidade e no sentimento de pertença de uma pessoa.

A maioria das pessoas em Macau pode ver o desenvolvimento de Macau nas últimas décadas, com vantagens e desvantagens, e entende que é uma troca e sacrifício. Às vezes reclamo do consumo da cultura local pelo consumismo da indústria do turismo. Não é planeado e muito superficial, mas também entendo que está muito na moda, e já aconteceu. Ser otimista, encontrar o que podemos fazer com o que temos, e agir para defender o que resta dos valores centrais da nossa cultura.

CONCLUSÃO

Quem Sou Eu? : a Relação entre as Comunidades de Macau e a Identidade das Pessoas de Macau

O passado da cidade não desaparecerá, não será “invisível”, não será “invisível”. A cidade será vista, manifestada e visível enquanto as gerações continuarem a olhar, contar, realizar e refletir. (Lei 2018, 14)

“Macau” é quase invisível no mundo académico, mas, na verdade, na economia, na sociologia, na interculturalidade e noutros aspetos, Macau é um caso raro e valioso. Mesmo com pesquisas relevantes, a maioria dos pesquisadores são os “Outros”. Para onde “nós” fomos? A “macaologia”(澳門學) vem sendo proposto há muitos anos, mas ainda não chama a atenção do governo e da sociedade.

Não sou bom em aprender, mas só sei uma coisa ou duas sobre a terra que me criou. No entanto, as sementes da dúvida foram plantadas desde a infância. Conforme mencionado por um dos entrevistados, nomes nas línguas diferentes fazem as pessoas sentirem-se diferentes. No final, o que levou ao lançamento desta pesquisa. Não me atrevo a dizer “para ajudar o domínio académico de Macau”, só quero ajudar os outros a descobrir as “pedras”, para que os retardatários possam atravessar melhor o “rio”.

Este trabalho faz uma breve análise da atual composição populacional de Macau e explora a identidade das “pessoas de Macau” e a sua relação com as mudanças e desenvolvimento do espaço urbano, de modo a compreender como as pessoas de Macau de hoje sentem e pensam sobre si próprios e sobre Macau. Nesse processo, é também o processo do autor se encontrar.

A confusão e incerteza na autopercepção deve-se na maioria atribuir a, depois de Portugal ocupar Macau como colónia, Portugal ter sonhado com um “véu” de colonialismo na origem e narrativa da história étnica em Macau, e, em simultâneo, não ter conseguido construir um conjunto do discurso histórico da “unicidade” em Macau.

Embora os portugueses tenham dominado o poder político e administrativo formal em Macau, no século passado do século XX, as importantes políticas que

implementaram não foram expansionistas, mas contracionistas. Não utilização das ferramentas dos meios de comunicação social para moldar o discurso histórico da “unidade” de Macau; incapacidade de promover uma governação eficaz da estrutura administrativa formal, permitindo que as comunidades sejam separadas e autogovernadas. (Li 2005, 23) Esta falta de discurso histórico de “unicidade” dificulta para macaenses e chineses terem uma posição clara sobre o papel dos seus grupos étnicos na sociedade de Macau, o que, pela sua vez, afeta a sua interpretação da história étnica e a sua identificação com grupos étnicos reconstrução.

Portanto, a pergunta “Quem sou eu?”, que há muito está enterrada no meu coração, tornou-se naturalmente o tema desta pesquisa e da minha viagem de exploração pessoal. Ter esta oportunidade de fazer pesquisa realmente ganhei muito. Para além de poder distinguir a minha própria origem e “raiz”, talvez mais importante, ganhei uma certa compreensão dos vários grupos em Macau, que também quebrou a minha compreensão sobre os outros, muitos estereótipos e tornou-se mais tolerante com a forma como o lugar em Macau cresceu e sentiu-se. Por exemplo, o desenvolvimento de casinos, como a indústria do turismo em Macau, costumava centrar-se mais nos aspetos negativos, porque felizmente não sou o principal grupo beneficiário da indústria do jogo, ou os beneficiários não são tantos como os outros. Não preciso depender de casinos para criar oportunidades para viver. Mas depois desta pesquisa, posso apreciar melhor e perceber tão importante são estas “oportunidades não as minhas” para o resto da nossa família Macau. Até mesmo a única maneira possível de sobreviver ou viver uma vida melhor. Além disso, beneficiei-me desse desenvolvimento económico. Talvez o que devemos fazer agora, como disse os entrevistados, “A única coisa que podemos fazer agora é manter o que temos agora”, “Nós mesmos manteremos os valores centrais da cultura”. Não deixe que eles sejam assim submerso na maré. Isto é o que o povo de Macau de hoje deve fazer.

A diversidade e a inclusão são um par de “bonecos” que se complementam, especialmente num lugar como Macau onde há tantas pessoas diferentes, mas a premissa é que estejas disposto a dar o primeiro passo para entender todos os tipos de pessoas, não deixe esta diversidade só fica no nível urbano, mas deve ser permitido penetrar no nível de grupos étnicos, grupos e comunidades, e até mesmo no nível de

cada indivíduo e de cada pessoa. Esta é a verdadeira sociedade pluralista, senão seja apenas superficial no papel.

Esta pesquisa também está incompleta e é um trabalho inacabado que dificilmente terá um ponto final claro. Pode ser entendido apenas como um estudo de caso, e não foi estendido à popularidade de toda a comunidade, de modo a dar aos leitores um vislumbre do “leopardo” (管中窺豹).

Finalmente, devido à diversidade e à complexidade das pessoas de Macau, existem diversos discursos na sociedade — muitas vezes todos podem ter opiniões diferentes sobre a mesma coisa. Mas há uma coisa que nunca vai mudar e pode atingir um alto grau de consistência — esse é o amor indescritível que cada pessoa de Macau tem por Macau:

“Gosto muito. Gosto muito de Macau. É muito tolerante. Mas acho Macau também muito interessante. Ele é muito acolhedor, acomodando-os (várias comunidades), mas, simultaneamente, há um ligeiro problema de separação. Todos têm os seus próprios círculos e parecem estar no seu próprio mundo, vivendo as suas próprias vidas, mas não se sentem muito contraditórios.” (Entrevistado 8)

“Macau é um lugar único. Estamos num estado muito especial. Gosto muito deste estado porque sinto que sou diferente dos outros. Também vou usar a minha própria singularidade para me mostrar.” (Entrevistado 13)

“Macau é um lugar de forte tolerância, semelhante à Singapura, onde se reúnem pessoas de diferentes lugares, desde que pensem numa forma adequada de conviver, não havendo problema. Na verdade, (ao dizer que são de Macau), também será feliz porque acho que somos um lugar muito especial e todos teremos um senso de identidade de que todos nos sentiremos como pessoas de Macau.” (Entrevistado 9)

“Gosto, gosto de Macau. Gosto muito de Macau. Acho que Macau é muito bonito. Como o Centro Histórico de Macau e as heranças culturais, e também acho muito bonitas. Como as Ruínas de São Paulo e o farol. Também acho que eles são muito bonitos.” (Entrevistado 11)

“Sinto falta deste lugar (Macau) menos como um objeto, e mais pela relação com as pessoas deste lugar para refletir se gosto deste lugar. Quando eu estava na faculdade

de Taiwan, eu também pensava nas pessoas de Macau e conhecia mais as características de Macau. Quando estiveres em Taiwan, verá a diferença de Macau.” (Entrevistado 4)

“Acho que nascer em Macau é uma coisa muito especial. Não sei se te sentes assim? Foi muita sorte. Não se tem esse tipo de coração competitivo, mas isso não significa que somos fracos. Além disso, em tais circunstâncias, as informações que recebemos não são fechadas, e só isso já é melhor que outros lugares, cidades de segundo e terceiro níveis. Então, em retrospecto, acho que tive muita sorte de ter nascido em Macau.” (Entrevistado 12)

“Tenho estado assim nos últimos anos. Na verdade, quero gravar porque Macau está a mudar muito rápido. Vou tirar fotografias, mas algumas pessoas acham que é chato. Por que as tiro? Porque tenho medo de esquecer. Não tenho aqueles precursores da degeneração, mas gosto de olhar para trás assim.” (Entrevistado 15)

“Quando se trata das ‘qualidades comoventes das pessoas’ (人情味), é ótimo. Conheço uma tia que é local e é ótimo para mim.” (Entrevistado 6)

“Está tudo bem, sendo muito amigável aqui. Então, se eu tiver a oportunidade de ficar aqui e estabelecer-me, gostaria de ter essa oportunidade. Eu também gosto muito deste lugar, embora sinta muitas saudades da minha casa, mas é realmente muitas ‘qualidades comoventes das pessoas’ (人情味) aqui.” (Entrevistado 5)

“Gosto mais do plano de Macau, mas é claro que ao aterro não é uma coisa boa: há poluição do ar, muitas construções novas, muita fumaça. Houve um tempo em que esses casinos começaram a construir e não conseguia ver o céu azul há três anos. Esta é a coisa mais decepcionante. Mas agora há um pouco (do céu azul), já passando cinco ou seis anos. O outro lado, gosto de andar pelas ruas de Macau. Gosto muito das ruas de Macau, e gosto de ler os nomes das ruas.” (Entrevistado 17)

“It’s kind of feel that I’m coming HOME. I do have that kind of sense that I’m having home. I do sense that Macau is more like where I would feel home at this my moment in my life. Would I leave Macau? Maybe, who knows. The kids, one day, would have families and where I do know they love living in Macau, but the family is the key point of identity.” (Entrevistado 1)

BIBLIOGRAFIA(S) / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaro, Ana Maria. 1994. “大地之子：澳門土生葡人研究 (Filhos da Terra : Um Estudo sobre o macaense de Macau)” . *Revista de Cultura* (edição em chinês), Vol. 20: 11-56.
- An, ran. 2011. *跨文化傳播與適應研究 (Estudos de Comunicação Intercultural e de Adaptação)*. Pequim: China Social Sciences Press.
- André, João Maria. 2005. *Diálogo Intercultural, Utopia e Mestiçagens em Tempos de Globalização*. Coimbra: Ariadne Editora.
- Anthias, Floya. 1990. “Race and class revisited conceptualising race and racisms”. *Sociological Review*: 1924.
- Archer, Carol e Christopher Kelen. 2011. “Macao Monuments In Art, in Poetry, and in Your Face”. *Space and Culture*, Vol. 14, No. 2: 140-164.
- Associação de Pesquisa Sobre Juventude de Macau e Associação de Estudantes Chong Wa de Macau. 2008. *澳門大學生國民身份認同研究報告*. <http://www.myra.org.mo/?p=65>
- Au Yeung, Tak-ho. 2017. “南灣湖音樂人：菲律賓人的文化因數 (Músicos no Lago Nam Van: O Factor Cultural Filipino)” In *新生代：共生此城 東南亞及南亞人在澳門 (New Gen.: Vivendo juntos nesta cidade: Sudestes Asiáticos e Sul Asiáticos em Macau)*, Lin, Zheng-wei, Xiong, Yuan-jian e Lei, Chin-pang (eds.), 22-23. Macau: Associação Cultura Nova Geração New Generation Culture Association.
- Augé, M. 1995. *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, J. Howe (trad.). London, England: Verso Books.
- Barth, F. 1969. *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. Long Grove, IL: Waveland Press Inc.

- Batalha, Graciete Nogueira. 1994. "Língua de Macau o Que Foi e o Que É". *Revista de Cultura*, No. 20: 97-117.
- Bhabha, H. 1984. Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse. *Discipleship: A Special Issue on Psychoanalysis*, Vol. 28: 125-133.
- Borden, Iain e David Dunster (eds.). 1995. *Architecture and the Sites of History: Interpretations of Buildings and Cities*. Oxford, UK: Butterworth Architecture.
- Brook, Timothy. 2008. *民族的構建——亞洲精英及其民族身份認同 (Nation work : Asian elites and national identities)*, Chen, Cheng, et al. (trad.). Changchun: Jilin Publishing Group.
- Brooke, James. 2004. "China sees advantages in Macao's Portuguese past". *New York Times*, 21 October 2004.
- Cabral, João Pina. 1993. *Em Terra de Tufões: dinâmicas da Etnicidade Macaense*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Cabral, João Pina e Nelson Lourenço. 1994. "Personal Identity and Ethnic Ambiguity: Naming Practices among the Eurasians of Macau". *Social Anthropology*, Vol. 2, No. 2: 115-132.
- Calvino, Italo. 1972. *Le Città Invisibili*. Itália: Einaudi.
- Castells, M. 1997. "The information age: Economy, society and culture". *Volume II: The power of identity*. Oxford, UK: Blackwell.
- Chabers, Iaim. 1994. *Migrancy, Culture, Identity*. New York: Routledge.
- Chan, Elaine e Joseph Chan. 2014. "Liberal Patriotism in Hong Kong". *Journal of Contemporary China*, N. 89: 952-970.
- Chan, Man-chi. 2017a. "Win-Win Game: 菲國血統+中國土壤 (Jogo Win-Win: sangue filipino + solo chinês)" In *新生代: 共生此城 東南亞及南亞人在澳門 (New Gen.: Vivendo juntos nesta cidade: Sudestes Asiáticos e Sul Asiáticos em Macau)*, Lin, Zheng-wei, Xiong, Yuan-jian e Lei, Chin-pang (eds.), 11-14. Macau: Associação Cultura Nova Geração New Generation Culture Association.

- Chan, Man-chi. 2017b. “深夜的大三巴：啤酒、音樂與南亞朋友 (Tarde da noite em St. Paul's: cerveja, música e amigos do Sul da Ásia)” In *新生代：共生此城 東南亞及南亞人在澳門 (New Gen.: Vivendo juntos nesta cidade: Sudestes Asiáticos e Sul Asiáticos em Macau)*, Lin, Zheng-wei, Xiong, Yuan-jian e Lei, Chin-pang (eds.), 15-17. Macau: Associação Cultura Nova Geração New Generation Culture Association.
- Chan, Saul U-wai e Ka-i Sio. 2019. “The Reconstruction of Macau People’s Identity through Economic Nationalism”. *Hong Kong Journal of Social Sciences*. No. 53 Spring/Summer: 97-134.
- Chen, G. e Starosta, W. 1998. *Foundations of intercultural communication*. Boston, MA: Allynand Bacon.
- Chu, Yuan-hong. 2013. Book Reviews: Sovereignty at the Edge: Macau and the Question of Chineseness by Cathryn H. Clayton. *Asian Ethnicity*, Vol. 14, No. 1: 110-113.
- Clayton, Cathryn. 2010. *Sovereignty at the edge: Macau and the question of Chineseness*. Harvard University Asia Center, 2010.
- Clayton, Cathryn. 2007. “Valuing the past in the Museum of Macao” In *History and Memory: Present Reflections on the Past to Build Our Future*, S. 5: 349-372. Macao: Macao Ricci Institute.
- Clayton, Cathryn. 2002a. “Discourse on the City Identity Formation and Urban Change in Contemporary Macao”. *Revista de Cultura*, No. 3: 59-81.
- Clayton, Cathryn. 2002b. “History of and for Macao: Some Observations on Teaching Local History and Identity in Macao's Middle Schools”. *Revista de Cultura* (edição international), Vol. 2: 170-191.
- Connerton, Paul. 2000. *社會如何記憶 (How Societies Remember)*, Bilik, N. (trad.). Xangai: Shanghai People's Press.

- Culler, J. 1981. "Semiotics of tourism". *American Journal of Semiotics*, Vol. 1, No. 1-2: 127-140.
- Cunha, Luís Sá. 1998. "Editorial". *Revista de Cultura*, No. 34 (II Série).
- Derrida, Jacques. 1995. *O Outro Cabo*, Fernanda Bernardo (trad.). Coimbra: A Mar Arte.
- Dias, Alfredo Gomes. 2014. *Diáspora Macaense. Macau, Hong Kong, Xangai (1850-1952)*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, I.P. e Fundação Macau.
- DSEC. 2021. "Censos 2021". *Base de Dados Estatísticos de População*. Macau: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos (DSEC). https://www.dsec.gov.mo/CensosWebDB/?fbclid=IwAR33ulq69OvXhkFLOTkgFKklV78_2n--bRx136i7gCgjED6li-XhQBl8QkQ#!/information?lang=pt.
- DSEC. 2016. *Intercensos 2016*. https://www.dsec.gov.mo/CensosWebDB/?fbclid=IwAR33ulq69OvXhkFLOTkgFKklV78_2n--bRx136i7gCgjED6li-XhQBl8QkQ#!/information?lang=pt
- Duncan, Craig. 1991. "Development of Macao's City Landscape" In *Macau: City of Commerce and Culture (2nd ed.): Continuity and Change*, R. Cremer, (ed.), 167-182. Hong Kong: API Press.
- Edensor, T. 2005. *Industrial ruins: Space, aesthetics and materiality*. Oxford, England: Berg Publishers.
- Fong, B. C. H. 2017. "One Country, Two Nationalisms: Center-Periphery Relations Between Mainland China and Hong Kong, 1997–2016". *Modern China*, Vol. 43, No. 5: 523-556.
- Fong, M. 2004. "Identity and the Speech Community" In *Communicating Ethnic and Cultural Identity*, M. Fong & R. Chuang (eds.). Lanham, MD: Rowman and littlefield.
- Franklin, A. e Crang, M. 2001. "The trouble with tourism and travel theory". *Tourist studies*, Vol. 1, No. 1: 5-22.
- Gallois, D. T. and Vincent Carelli. 1995. "VÍdeo e Diálogo Cultural – Experiência do Projeto Vídeo nas Aldeias". *Horizontes Antropológicos*, Vol. 1 (No. 2): 61-72.

- Gaspar, Marisa. 2014. "Macanese Family Genealogies Memories and Identities". *Revista de Cultura* (edição em Inglês), No.46: 20-35.
- Geertz, C. 1973. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.
- Ginsburg, Faye. 1995. "The Parallax Effect: The Impact of Aboriginal Media on Ethnographic Film". *Visual Anthropology Review*, 11: 64-76.
- Gu, Wei-min. 2017. "秉持世界主義的宗旨觀察文化交融的窗口 (Uma janela sobre o intercâmbio cultural com um propósito cosmopolita)". *Revista de Cultura* (edição em chinês), No. 100: 16-23.
- Gui, Yong-xia. 2010. *農民工的城市認同與城市依戀研究 (Identidade Urbana e Apego Urbano dos Trabalhadores Migrantes)*. Chongqing: Universidade Sudoeste.
- Habermas, Jürgen. 2002. *後民族結構 (Die Postnationale Konstellation)*, Cao, Weidong (trad.). Xangai: Shanghai People's Publishing House.
- Hall, Bradford J. 2005. *Among Cultures: The challenge of communication*. Belmont, CA: Thomson Wadsworth.
- Hall, Stuart. 1990. "Cultural identity and diaspora". *Colonial discourse and post-colonial theory: a reader*: 227-237.
- Hayden, Dolores. 1995. *The Power of Place: Urban Landscapes as Public History*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Held, David. 2001. *全球大變革——全球化時代的政治、經濟與文化 (Global Transformations: Politics, Economics and culture)*, Yang, Xuedong (trad.). Pequim: Social Sciences Academic Press (China).
- Ho, Hau-wah. 2007. *Relatório das LAG*.
- Ho, Hau-wah. 2000. *Relatório das LAG*.
- Ho, Yuan-da . 2003. *尋找變遷後的定位——澳門的葡萄牙人社群 (Em busca de uma Posição Mudada - A Comunidade Portuguesa em Macau)*.

- Hong Kong Public Opinion Research Institute (PORI). 2006. “香港、臺灣、澳門、沖繩民眾文化與國家認同國際比較調查 2006 (*Estudo Comparativo Internacional sobre a Cultura Popular e Identidade Nacional em Hong Kong, Taiwan, Macau e Okinawa 2006*)”.
- Hough, Michael. 1990. *Out of Place: Restoring Identity to the Regional Landscape*. New Haven & London: Yale University Press.
- Huang, Shuan-fa. 2005. *語言、社會與族群意識 (Linguagem, Sociedade e Consciência Comunitária)*. Taipei: Crane Publishing.
- Hudson, R. A. 1992. *社會語言學 (Sociolinguística)*, Sheng, Xin-shan (trad.). Pequim: China Social Sciences Press.
- Hull, R. Bruce, Mark Lam e Gabriela Vigo. 1994. Place identity: symbols of self in the urban fabric. *Landscape and Urban Planning*, Vol. 28: 109-120.
- Hung, Eva P. W. 2011. Book Review: Sovereignty at the Edge: Macau and the Question of Chineseness by Cathryn H. Clayton. *The Journal of Asian Studies*, Vol. 70, No. 4: 1120-1121.
- Jenkins, R. 2003. *The Limits of Identity: Ethnicity, Conflict and Politics*. Sheffield: Sheffield University.
- Kaeding, M. P. 2010. “The evolution of Macao's identity: Toward ethno-cultural and civic-based development”. *Journal of Comparative Asian Development*, Vol. 9, No. 1: 133-168.
- Kim, Y. Y. 1988. *Communication and Cross-cultural Adaptation: An integrative theory*. Clevedon, UK: Multilingual Matters.
- Kong e Macau numa perspetiva de ecossistema)”. *Contemporary Youth Research*, No. 6: 5-13.
- Lam, lok-fong. 2011. “媒體、身份認同與公民社會——以澳門為例 (Media, Identidade e Sociedade Civil - O Caso de Macau)” In *媒介生態變遷衝擊下的創新、挑戰和社會參與 (Inovação, Desafios e Envolvimento Social sob o Impacto*

- da Mudança das Ecologias dos Media*), Lin, Jingling (ed.): 127-140. Taipei: Faculdade de Comunicações da Universidade Católica Fu Jen.
- Lam, Wai-man. 2010. "Promoting Hybridity The Politics of the New Macau Identity". *The China Quarterly*, No. 203, 656-674.
- Lei, Chin-pang. 2018. *Invisible Macau*. Taipei: Book Republic.
- Li, Er. 2012. "不是澳門人? (Não é de Macau?)". *Macao Daily*: 23.
- Li, Ping e Jian-jun Tong. 2011. 論文化自覺的三個維度 (*Sobre as Três Dimensões da Consciência Cultural*). *Morality and Civilization*, No. 5.
- Li, Lu-shan. 2019. "'大地之子'——澳門土生葡人 (' Filhos da Terra' - nativos portugueses em Macau)". *Tong Zhou Gong Jin*, Vol. 9: 15-17.
- Li, Xi-yuan. 2005. "難以表述的身份——澳門人的文化認同 (Uma identidade inexprimível - a identidade cultural do povo de Macau)". *Twenty-First Century*, No. 12: 16-27.
- Liang, Shun-yan. 2020. *Ethnic identity and education of the Macanese from 16-20 century*. Macau: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Macau.
- Liao, Yang. 1998. 澳門的族群及其溝通與走向 (*Comunidades em Macau, a sua comunicação e direcção*). *Guizhou Ethnic Studies*, No. 2: 47-54.
- Lima da Costa, Francisco. 2004. "Fronteiras da identidade O caso dos macaenses em Portugal e em Macau". *Sociologia, Problemas e Práticas*, No. 46, 133-160.
- Lin, Zhong-xuan. 2017. Performing Identity as Politics by Other Means: Macau Netizens' Practical Experience. *Mass Communication Research*, No. 131: 127-171.
- Lo, Choi-in. 2009. 回歸後澳門居民對祖國的認同感研究 (*Um estudo sobre a identidade dos residentes de Macau com a Pátria após a reunificação*). Wuhan: Huazhong University of Science and Technology.
- Lu, Ping-hui. 2009. "試論澳門特區的國家認同和民族認同建設——紀念澳門回歸祖國十周年 (Uma Experiência sobre a Construção da Identidade Nacional e da

- Identidade Étnica na RAEM - Comemorando o 10º Aniversário do Regresso de Macau à Pátria)". *Study & Exploration*, Vol. 6: 68-74.
- Lynch, K. 1960. *The image of the city (Vol. 11)*. Cambridge, MA: MIT press.
- Macdougall, David and Lucien Taylor, ed. 1998. *Transcultural Cinema*. Princeton: Princeton University Press.
- Marreiros, Carlos. 1991. "Traces of Chinese and Portuguese Architecture" In *Macau: City of Commerce and Culture (2nd ed.): Continuity and Change*, R. Cremer, (ed.), 101-116. Hong Kong: API Press.
- Massapina, João Vicente. 2001. "Macao...A Certain Identity?" *Revista de Cultura* (edição em Inglês), No. 38-39: 211.
- Mathews, G. 2000. *Global Culture/Individual Identity*. London: Routledge.
- Milroy, L. e Gordon, M. 2003. *Sociolinguistic: Method and interpretation*. Malden, MA: Blackwell.
- Morbey, Jorge. 1999. *Macau 1999: O Desafio da Transição*. Lisboa: edição do autor.
- Morbey, Jorge. 1987. "Reason for being Reason". *Revista de Cultura* (edição em Inglês), No. 1: 5-6.
- Morin, Edgar. 1998. *Sociologia*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Neal, Arthur G. 2005. *National Trauma and Collective Memory: Extraordinary Events in the American Experience (2nd ed.)*. New York: M.E. Sharpe.
- Ngai, Gary. 1997a. "A Identidade cultural de Macau: a sua preservação e desenvolvimento para o próximo século". *Administração*, Vol. X, No. 35: 61-76.
- Ngai, Gary. 1997b. "Relações entre o Oriente e o Ocidente vistas de Macau". *Administração*, Vol. 5, No. 15: 155-178.
- Nie, An-xiang. 2009. *社會交往與認同——澳門社會結構探析 (Interacção Social e Identidade - Uma Exploração da Estrutura Social de Macau)*. Guangzhou: Guangdong People's Publishing House.

- Park, R. E., Burgessand, E. W. e Mckenlie, R. D. 1967. *The City*, Chicago: University of Chicago Press.
- Proshansky, H. M. 1978. "The city and self-identity". *Environment and Behavior*, Vol. 10, No. 2: 147-169.
- Pun, N. e Yee, Lai-man. 2003. *Narrating Hong Kong culture and identity*. Hong Kong: Oxford University Press.
- Qin, Bin. 2016. *澳門青少年國民身份認同構建的文化路徑研究 (Um Estudo sobre as Abordagens Culturais para a Construção da Identidade Nacional da Juventude de Macau)*. Macau: Universidade da Cidade de Macau.
- Rapazote, João. 2007. *Antropologia e documentário: da escrita ao cinema*. DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário, No. 3: 82-113. http://doc.ubi.pt/03/trabalho_joao_rapazote.pdf.
- Rocha, Rui. 2002. "Macau da identidade a interculturalidade". *Oriente*, Vol. 4: 105-113.
- Santa Maria, Bernardo. 1987. "The scope and dimension of the Portuguese consciousness in the Far East". *Revista de Cultura* (edição em Inglês), No. 1: 26-28.
- Schama, Simon. 1996. *Landscape and memory*. United Kingdom: HarperPerennial.
- Sena, T. 2001. "The question of 'foreigners' entering Macau in the 18th Century: Macau, a metropolis of equilibrium". In *Culture of metropolis in Macau. An international symposium on cultural heritage, strategies for the twenty-first century*, A. H. Chen (ed.), 159-175. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Serrano, Rosa. 1999. "Sentir Macau". *Macau*, S. 2, No. 83: 56-59.
- Sheng, Yan, Qu, Qi-chao. 1994. "中文的官方地位與公務員的中文培訓 (O Estatuto Oficial da Formação em Chinês e Língua Chinesa na Função Pública) " In *Seminario internacional das linguas existentes em Macau : Evolucao no periodo de transicao*, Ching, Cheung-fai (ed.), 173-183. Macau: Academia de Ciências Sociais de Macau.

- Shi, Jian-guo. 2018. “港式粵語及其身份認同功能 (Cantonês de Hong Kong e a sua função de identidade)”. *Chinese Journal of Language Policy and Planning*, No. 3: 42-48.
- Shi, Wei. 2018. *Drifting Around China's Las Vegas: Migrant Workers in Macau*. Hong Kong: City University of Hong Kong
- Silvano, Filomena. 2015. “Musées et Casinos dans une Ville ‘Patrimoine Mondial’: Authenticité et Hyperréalité, Deux Formes Culturelles de L’espace Urbain de Macau” In *Nouveaux Musées, Nouvelles ères Urbaines, Nouvelles Pratiques Touristiques*, 85-101. Canadá: PUL - Presses de l'Université Laval.
- Simpson, T. 2008. “Macao, capital of the 21st century?” *Environment and Planning: Society and Space*, Vol. 26: 1053-1079.
- Smith, Anthony D. 2000. *Myths and Memories of the Nation*. New York: Oxford University Press.
- Smith, Anthony D. 1990. Towards a Global Culture? *Theory, Culture & Society*, Vol. 7, 171-191.
- Sun, Jiu-xia. 2003. 澳門“土生葡人”的認同解析 (Análise da identidade dos “macaenses” em Macau). Guangxi: Guangxi Ethnic Studies.
- Sun, Shi-quan. 2014a. “文化身份:跨文化商務溝通研究新視角 (Identidade Cultural: Uma Nova Perspectiva na Pesquisa de Comunicação Empresarial Transcultural)”. *Social Scientist*, Vol. 6, 156-160.
- Sun, Shi-quan. 2014b. “文化身份如何被塑造和建構——以跨文化交際為理論視角 (Como são moldadas e construídas as Identidades Culturais - Uma Perspectiva Teórica sobre Comunicação Intercultural)”. *Study and Practice*, No. 12: 111-115.
- Tang, Kai-jian, Zhang-sen Li e Shun-jie Xu. 2004. “澳門土生族群研究三人談 (Um Trio de Investigadores sobre as Comunidades Macaenses de Macau)”. *Journal of Southwest University for Nationalities. Humanities & Social Sciences*, Vol.25, No. 7: 143-152.

- Tang, Io-weng e Yan-shan Zhou. 2020. "Ritual and Memory: Identity Construction of Massive Macaense Reunions". *Revista de Cultura* (edição internacional), No. 62: 6-16.
- Tavares, Antonio Augusto. 1994. *Estudos Orientais*, Vol. 5. Lisboa : Instituto Oriental da Universidade Nova.
- Taylor, Bruce. 1993. *Socioeconomic development and quality of life in Macau : proceedings of a conference held at the University of Macau, 28 February 1992*. Macau: Centre of Macau Studies, University of Macau and Instituto Cultural de Macau.
- Teixeira, Manuel. 1994. "澳門土生葡人的由來 (A origem dos macaenses em Macau)". *Revista de Cultura* (edição em chinês), Vol. 20: 197.
- Tillmann-Healy, L. M. 2003. *Friendship as method. Qualitative Inquiry*, Vol. 9, No. 5: 729-749.
- Ting-Toomey. 2005. "Identity Negotiation Theory" In *Theorizing About Intercultural Communication*, W.B. Gudykunst (ed.), 211-230. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Tomás, Maria Isabel. 1998. "O Papel do Crioulo Macaense na Construção de Uma Etnicidade Simbólica". *Revista de Cultura* (edição em português), No. 37: 163-174.
- Triandis, H. e Albert, R. 1987. "Cross-cultural perspectives" In *Handbook of organizational communication*, F. Jablin, L. Putnam, K. Roberts e L. Porter (eds.), 264-295. Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Urry, John. 2007. *觀光客的凝視 (O Olhar do Turista)*, Ye, hao (trad.). Taipei: Bookman.
- Бромлей, Ю. В. 1983. *族體和族體過程 (A Etnicidade e o Processo Étnico)*, Tang, Zheng-fang (trad.). Minzu Yicong, Vol. 2: 10-16.
- Wang, Chun. 2004. *論澳門土生文學的文化身份 (Sobre a Identidade Cultural da Literatura Macaense de Macau)*. Suzhou: Universidade de Soochow University.

- Wang, Jiang-long. 2011. "Communication and Cultural Competence: The acquisition of cultural knowledge and behavior". *Online readings in psychology and culture*, Vol. 7, No. 1. <http://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1064&context=orpc>
- Wang, Ming-ke. 1997. *華夏邊緣：歷史記憶與族群認同 (On Chineses Borderlands: Historical Memory and Ethnic Identity)*. Taipei: Asian Culture.
- Wang, Ming-ke. 1994. 集體記憶與族群認同：臺灣的族群經驗 (Memória Coletiva e Identidade Étnica: A Experiência Étnica de Taiwan) In *認同與國家—近代中西歷史的比較論文集 (Identidade e Nação - Um Ensaio Comparativo sobre a História Moderna Chinesa e Ocidental)*.
- Watts, Ian E. 1997. "Identidades miscigenadas, estatutos biculturais : duas órfãs chinesas criadas pelas irmãs canossianas em Macau". *Revista de Cultura*, S.2, No. 32: 127-146.
- Weber, Max. 1998. *經濟與社會(第二冊) (Economia e Sociedade, Vol. 2)*, Qiang Li (trad.), Pequim: SDX Joint Publishing Company.
- Wong, Yau-kwan. 1990. "The New Immigrants from the People's Republic of China in Macao" In *Population and City Growth in Macau*, D.Y. Yuan et al. (eds.). Macao: Center for Macao Studies, University of East Asia.
- Wu, Yan-he. 1998. "族群意識・認同・文化 (Consciência Étnica - Identidade - Cultura)" . *Journal of Guangxi University for Nationalities (Philosophy and Social Science Edition)*, No. 3: 47-51.
- Wu, Zhi-liang. 2009. "《社會交往與認同——澳門社會結構探析》序言 (Prefácio à «Interacção Social e Identidade - Uma Exploração da Estrutura Social de Macau»)". *Boletim de Estudos de Macau*, Vol. 50, 138-140.
- Xiao, A-qin. 1997. "集體記憶理論的檢討：解剖者，拯救者，與一種民主觀點 (Uma revisão da teoria da memória colectiva: o anatomista, o socorrista, e uma perspectiva democrática.)". *Thought and Words*, Vol. 35, No. 1: 247-296.

- Xie, Bi-xia. 2019. “增強香港青年國家認同的教育路徑分析 (Uma análise dos percursos educativos para reforçar a identidade nacional dos jovens de Hong Kong)”. *Youth in Development Forum*, No. 4: 43-51.
- Yan, Shao-shi. 2015. *Symbolic Space and Ideology of Macau Landscapes*. Macau: Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau.
- Zandonai, Sheyla. 2009. Global Diversity, Local Identity: Multicultural Practice in Macau. *Intercultural Communication Studies*, Vol. XVIII, No. 1: 37-51.
- Zhang, Xiao-hong. 1992. “從澳門政治環境看公民教育 (A Educação Cívica à Luz do Ambiente Político de Macau)” In *Educação Cívica em Macau*, Wong, Han-keong (ed.). Macau: Centro do Estudo de Macau, Universidade de Macau: 83-88.
- Zhao, Jing-rong. 2015. *文化記憶與身份認同 (Memória Cultural e Identidade)*. Pequim: SDX Joint Publishing Company.
- Zheng, Wang-tai e Siu-lun Wong. 2002. “香港華人的身份認同：九七前後的轉變 (Identidade chinesa em Hong Kong: Mudanças antes e depois de 1997)”. *Twenty-First Century*, No. 10: 71-80.
- Zheng, Ye-fu. 2001. “領地、親族和共同體 (Território, Parentesco e Comunidade)” . *Chinese Social Sciences Digest*, No. 3. Pequim: Social Sciences in China Press.
- Zheng, Xiao-yun. 2010. “澳門回歸後的文化認同變化與整合 (Mudanças na Identidade Cultural e Integração em Macau após a Transferência de Poderes)”. *Journal of South-Central University for Nationalities (Humanities and Social Sciences)*, Vol. 30, No, 2: 18-29.
- Zhou, Da-ming e Ju-ning Li. 2007. “澳門回歸後土生葡人的調適與族群認同 (Adaptação e Identidade Étnica dos macaenses em Macau após a entrega)”. *Open Times*, No. 2: 125-138.
- Zhou, Da-ming. 2000. “澳門人的來源與文化認同 (Origem e Identidade Cultural do Povo de Macau)”. *Guangxi Ethnic Studies*, No. 02: 112-118.

Zhou, Da-ming. 1997. “澳門的族群 (Comunidades em Macau)”. *Social Sciences in China*, No. 5: 141-154.

Zhu, Hong, Jun-xi Qian e Dan Feng. 2010. 空間象徵性意義的研究進展與啟示 (*Progresso e Implicações para o Estudo do Significado Simbólico do Espaço*). *Progress in Geography*, Vol. 29: 643-648.

LISTA DE FIGURAS OU ILUSTRAÇÕES



Figura 1 a Torre Eiffel em Macau (ref. Internet)



Figura 2 o Coliseu de Roma em Macau (ref. Internet)



Figura 3 a “viagem” de gôndola passa sob o teto azul do céu pintado (ref. Internet)



Figura 4 o Cotai como as avenidas de Las Vegas (ref. Internet)



Figura 5 a Zona Nova de Aterros do Porto Exterior (ref. O autor)

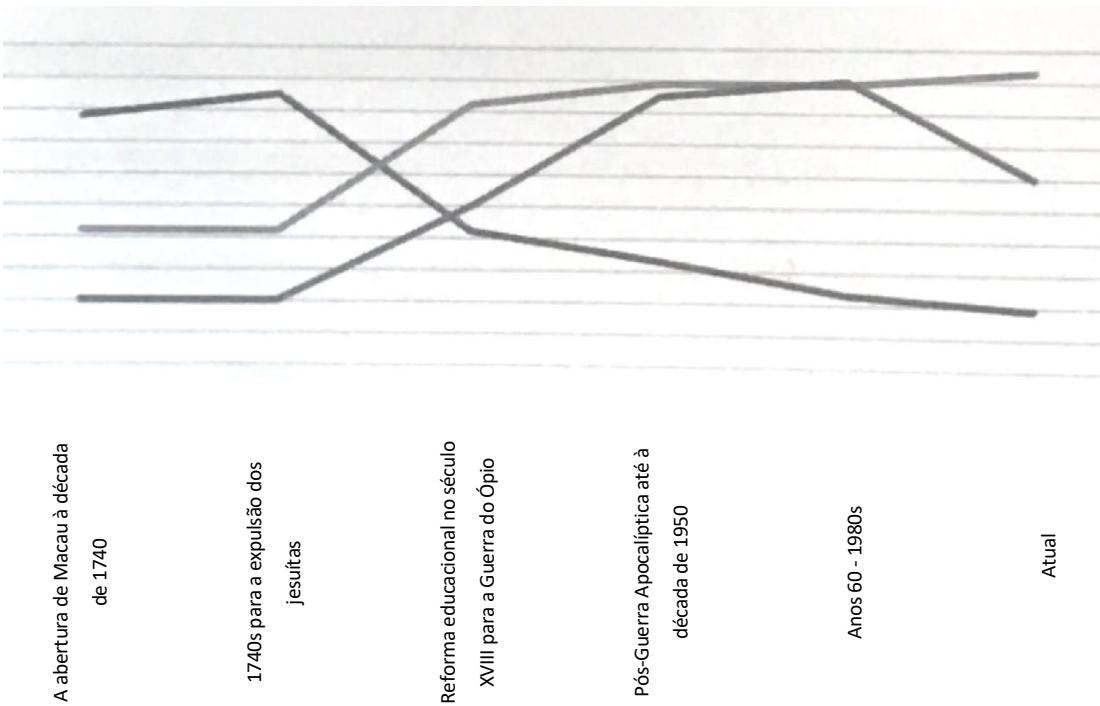


Figura 6 A mudança da importância dos fatores da identidade macaense (Liang 2020)



Figura 7 A estátua de Jorge Álvares (ref. o autor)



Figura 8 O Edifício do Antigo Tribunal (ref. o autor)



Figura 9 O Senado Leal (ref. o autor)

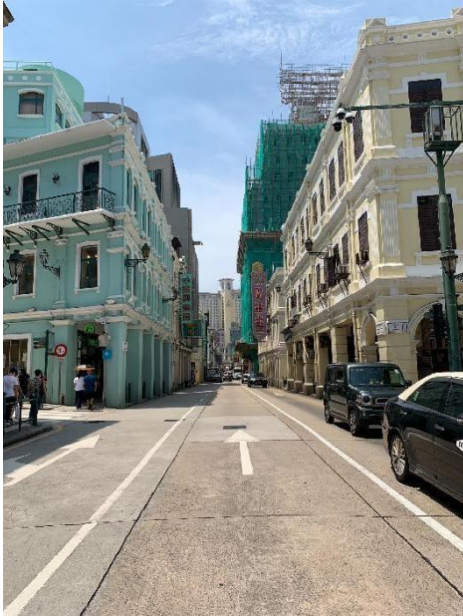


Figura 10 Avenida de Almeida Ribeiro (ref. o autor)

ANEXOS

Parte 1: O vídeo

Quem Sou Eu A Relação entre Comunidades de Macau e Identidade dos Cidadãos

<https://www.youtube.com/watch?v=Dkr-vsw8kO0>

Parte 2: Informações básicas e antecedentes de cada entrevistado (unisexos)

Entrevistado 1:

Um senhor do Nova Zelândia e vive em Macau há mais de dez anos. Casou-se com uma chinesa de Macau e tem um filho, entrevistado 16.

Entrevistado 2:

Estudioso de Macau, autor de um livro sobre a identidade de Macau.

Entrevistado 3:

Macaense. Estudava em Reino Unido. Professor do IFT de Macau e tem uma filha.

Entrevistado 4:

Pintor, descendente de chineses birmaneses, nascido e criado em Macau, estudou em Taiwan

Entrevistado 5 e 6:

Chineses birmaneses, a trabalhar em Macau como trabalhadores estrangeiros

Entrevistado 7:

Trabalhador cultural em Macau, que tomou conhecimento da Revolução Cultural na TV quando criança.

Entrevistado 8:

Um jovem nascido na China Continental, agora com um bilhete de identidade de Macau. Estudar português na universidade e estará a estudar em Portugal.

Entrevistado 9:

Um jovem nascido na China Continental, agora com um bilhete de identidade de Macau.

Entrevistado 10:

Descendente de chinês vietnamita, nascido e criado em Macau, completou os seus estudos numa escola de língua portuguesa e está a estudar português na universidade e irá estudar em Portugal.

Entrevistado 11:

Os membros mais velhos da família viveram em Macau durante muitos anos e nasceram e foram criados em Macau.

Entrevistado 12:

Jovem macaense. Fluente em cantonês, mandarim e inglês, e estudar português por conta própria em Portugal depois de completar a sua licenciatura.

Entrevistado 13:

Trabalhador cultural de Macau, estudou em França e experimentou a entrega de Macau.

Entrevistado 14:

Eu era adulto quando experimentei a transferência de Macau e considerei se deveria “voltar” a Portugal para trabalhar como funcionário público em Macau e relacionar-me bem com diferentes grupos étnicos.

Entrevistado 15:

Professor do ensino secundário em Macau, artista, estudou nos EUA.

Entrevistado 16:

Filho do entrevistado 1. Nascida em Macau de pai neozelandês e mãe chinesa de aparência ocidental, a língua materna é o cantonês e o inglês, completou os seus estudos numa escola portuguesa.

Entrevistado 17:

Macaense. Um trabalhador cultural em Macau. Nascido em Hong Kong, mudou-se para Macau quando era jovem e testemunhou o desenvolvimento e as mudanças dos dois lugares antes e depois da entrega.